

RAQUEL DISCINI DE CAMPOS

**Nas fronteiras
entre o público
e o privado:**

história e memória
de uma professora

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RAQUEL DISCINI DE CAMPOS

MEMORIAL ACADÊMICO

Nas fronteiras entre o público e o privado:

**história e memória
de uma professora**

Memorial apresentado a Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como parte dos requisitos exigidos para a Promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme a Portaria do MEC nº 982, de 03 de outubro de 2013, e a Resolução 03/2017, de 09 de junho de 2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

UBERLÂNDIA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- C198n
2024 Campos, Raquel Discini de,
Nas fronteiras entre o público e o privado [recurso eletrônico] :
história e memória de uma professora / Raquel Discini de Campos. -
2024.
- Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) -
Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5138>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.
1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Faculdade de Educação. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário Documentalista - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Diretoria da Faculdade de Educação

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco G - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4163 - www.faced.ufu.br - faced@ufu.br



ATA

ATA Nº 002/2024 DA AVALIAÇÃO DOCENTE PARA A PROMOÇÃO DA CLASSE DE PROFESSOR ASSOCIADO IV PARA A CLASSE DE PROFESSOR TITULAR DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR

Aos seis dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e quatro às 14h de maneira remota por meio do Serviço de Conferência Web RNP, reuniu-se a Comissão Especial de Avaliação, nomeada pela Portaria de Pessoal UFU Nº 4324, de 12 de agosto de 2024, aprovada pelo Conselho da Faculdade de Educação na 4ª reunião ordinária de agosto de 2024, constituída pelos membros titulares: Prof. Dr. Selmo Haroldo de Resende - Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como presidente, Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto - Universidade de São Paulo (USP), Profa. Dra. Tania Regina de Luca - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-ASSIS), Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Tendo como membros Suplentes os seguintes docentes: Prof. Dr. Carlos Henrique de Carvalho - Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Profa. Dra. Rosa de Fátima de Souza Chaloba - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), para apresentação e defesa pública de Memorial descritivo elaborado especificamente para a finalidade da promoção da PROFA. DRA. RAQUEL DISCINI DE CAMPOS, professora efetiva da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia. Aos treze dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e quatro foi divulgada na página da Faced a constituição da Comissão Especial de Avaliação supracitada. A data da avaliação pública foi definida para seis de setembro do corrente ano, às 14h. Após cuidadosa análise e aprovação do Relatório de Atividades da docente pelo órgão deliberativo máximo da Unidade, o Memorial descritivo foi enviado aos membros da Comissão Especial para análise. Dando prosseguimento à avaliação para promoção da Classe de Associado IV para a Classe de Professora Titular da Carreira do Magistério Superior, aos seis dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às 14h de maneira remota por meio do Serviço de Conferência Web RNP, a Diretora da Faculdade de Educação, Profa. Dra. Maria Simone Ferraz Pereira, fez a apresentação da Comissão Especial, a apresentação da candidata e o agradecimento da presença do público. Feito isso, foi concedida a palavra para o Presidente da Comissão Especial Prof. Dr. Selmo Haroldo de Resende. O Presidente iniciou a sessão pública e concedeu a palavra à candidata Profa. Dra. Raquel Discini de Campos para exposição da defesa pública de Memorial descritivo. Após a defesa, os membros da Comissão arguíram a candidata e, em seguida, avaliaram o seu Memorial, em consonância com a Resolução 003/2017 do Conselho Diretor. Tendo por base os resultados das avaliações, que foram discutidas pelos membros da Comissão, na ausência da candidata e observando a Resolução 003/2017 do Conselho Diretor da UFU, em seu Art. 7º a Comissão Especial, após as devidas considerações e em face do resultado obtido, considerou a candidata Profa. Dra. Raquel Discini de Campos **APROVADA**. Dando destaque à excelência do memorial apresentado e defendido,

assim como à qualidade de sua trajetória na UFU, o que faz jus à sua promoção à Professora Titular. Destaca também a qualidade do projeto de pesquisa apresentado, o que sinaliza a continuidade dessa trajetória. M virtude do exposto, a banca recomenda a publicação do memorial. A Comissão Especial encerrou suas atividades às 17:16 e nada mais havendo a tratar, a presente ata foi lavrada, lida e após aprovada, segue assinada pelos membros da referida Comissão.

Uberlândia/MG, 06 de setembro de 2024.

COMISSÃO ESPECIAL – Portaria de Pessoal UFU Nº 4324, de 12 de agosto de 2024

Prof. Dr. Selmo Haroldo de Resende (UFU) - presidente

Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto (USP)

Profa. Dra. Tania Regina de Luca (UNESP-ASSIS)

Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC)



Documento assinado eletronicamente por **Selmo Haroldo de Resende, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/09/2024, às 17:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Teresa Santos Cunha, Usuário Externo**, em 06/09/2024, às 17:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tania Regina de Luca, Usuário Externo**, em 06/09/2024, às 19:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto, Usuário Externo**, em 06/09/2024, às 20:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

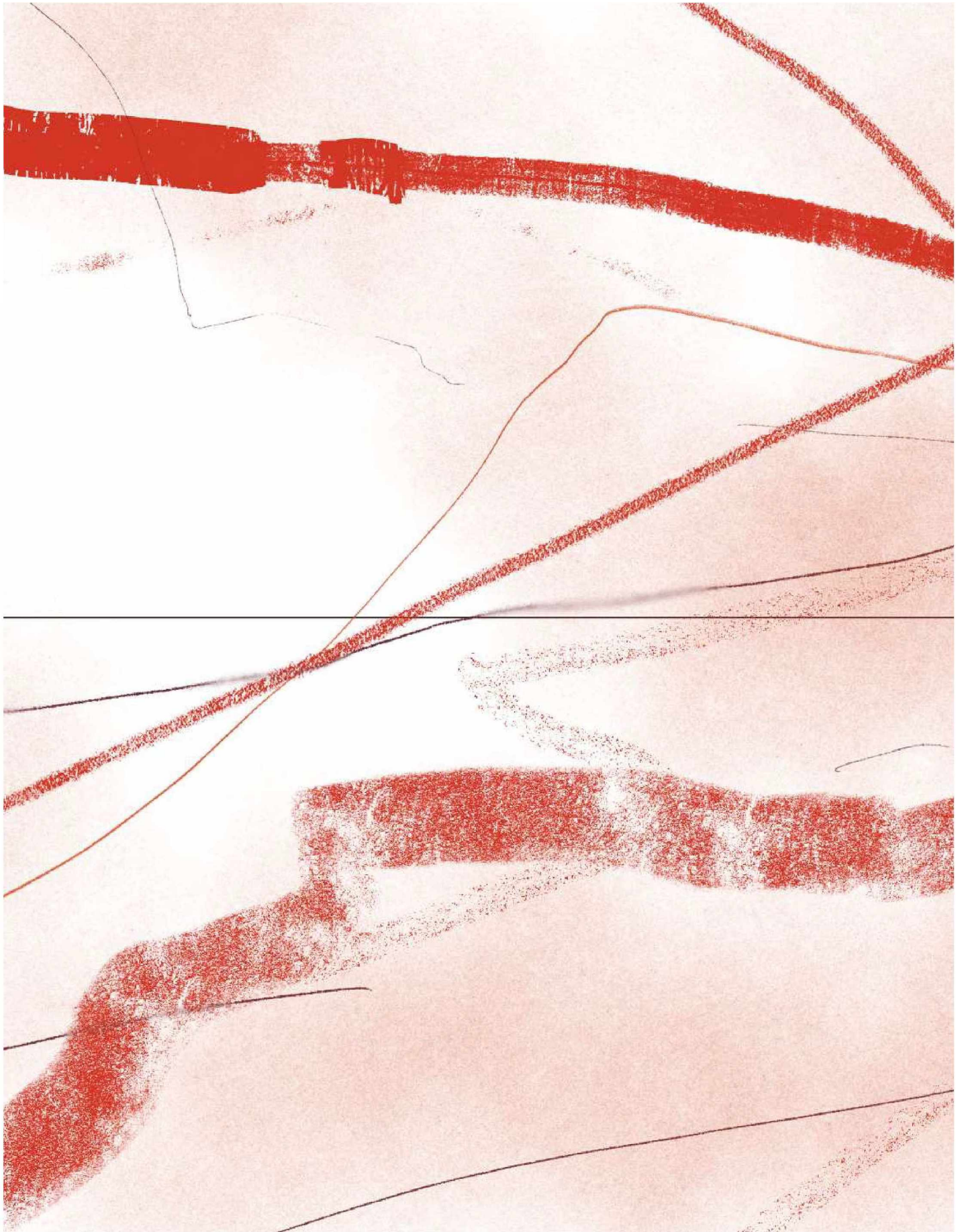


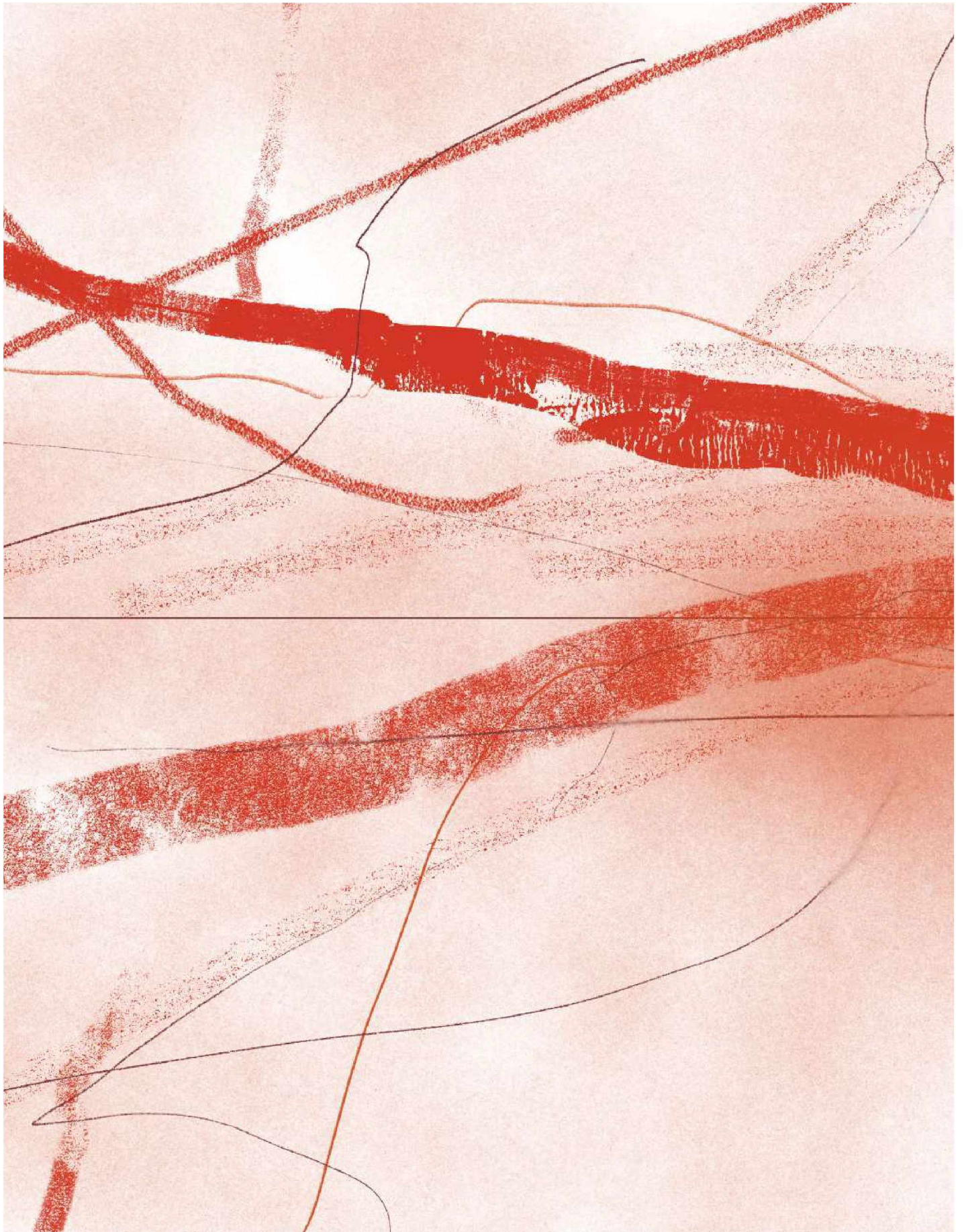
A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5680809** e o código CRC **BC5CBE55**.

Referência: Processo nº 23117.044755/2024-90

SEI nº 5680809

Dedico este memorial a todos os professores e alunos da Educação Básica e Superior deste país, principalmente às professoras Norma Discini, Silvia Manis, Miriam Frasseto, Daniela de Brito, Cassia Escoza, Maria Cecília Braga, Mirtes Abdelnur, Marta Abdelnur, Miriam Shaw, Selva Guimarães e Olga Lara Cardoso – esta última professora e diretora da Escola da Criança de Uberlândia, MG, um espaço onde meus filhos estudam e no qual vejo a educação infantil e fundamental acontecerem de maneira inacreditavelmente simples e refinada. E à Andrea Zulian, jornalista madrinha dos meus filhos.

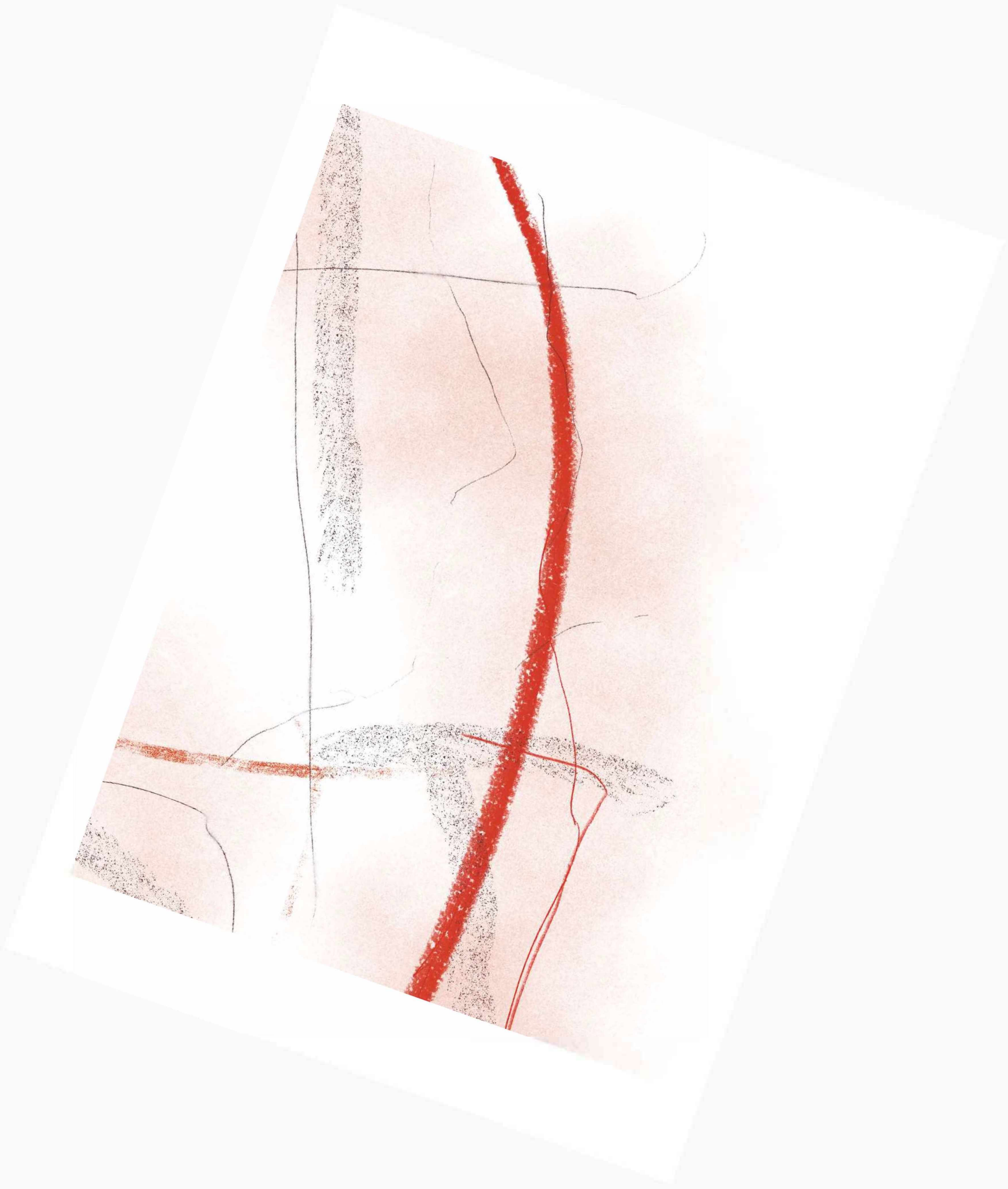




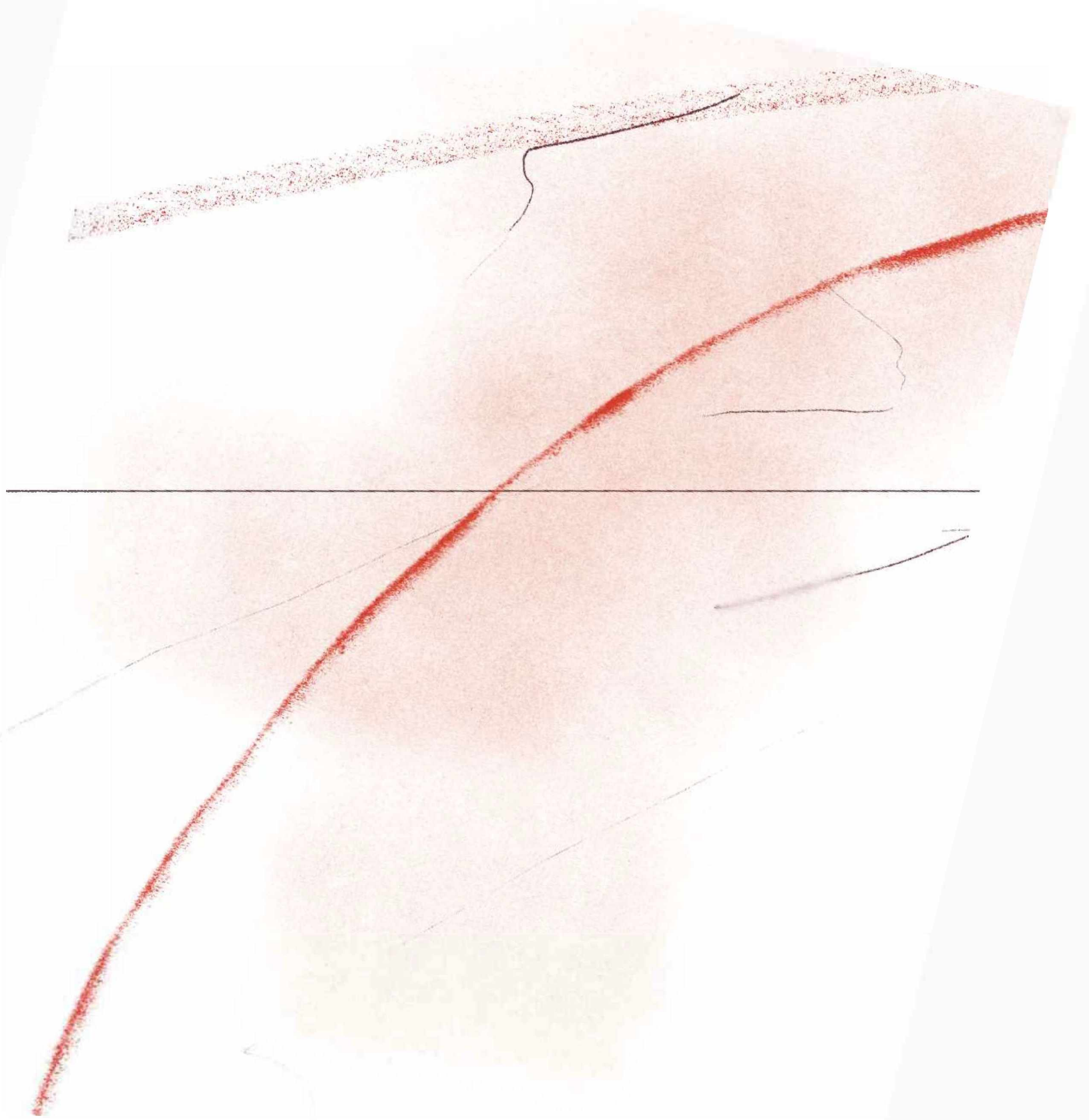
RESUMO

Este memorial é um dos requisitos para a promoção na carreira docente de uma classe para outra subsequente – da classe de Professor Associado D para a classe de Professor Titular. Conforme a Lei Nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012 - Estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal, e da Resolução nº 03/2017-CONDIR - Progressão e promoção docente, para solicitar tal progressão é necessário: “a) possuir o título de doutor; b) ser aprovado em processo de avaliação de desempenho; e c) lograr aprovação de memorial que deverá considerar as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante, ou defesa de tese acadêmica inédita”.

Atendendo aos requisitos da lei e da resolução, disponíveis em <https://progep.ufu.br/carreira/docente-do-ensino-superior> apresento este memorial para avaliação. Para isso faço um relato retrospectivo sobre uma carreira dedicada à docência e à pesquisa em diferentes níveis de ensino, da Educação Básica e Superior. Concomitantemente, discuto a pesquisa acadêmica e a divulgação científica desenvolvidas até o ano de 2024. Trata-se de um texto híbrido, bricolado, conforme postulava Walter Benjamin (1994). Temos fontes documentais ancoradas em gêneros diversos – letras de música, fotografias, postais, excertos literários, cartas, emails etc e, ainda, um projeto de pesquisa que compõem este mosaico de vida pública e privada. Trata-se do memorial de um sujeito em construção e de uma funcionária pública federal que considera o trabalho educacional um dos seus traços identitários fundantes.



1.	INTRODUÇÃO	15
2.	AO QUE PARECE, MEIO SÉCULO É BASTANTE TEMPO	
2.1	A cidadezinha e seus habitantes	33
2.2	Uma história de amor	69
2.3	Entre livros, bibliotecas e escolas	75
2.4	Um piano numa quitinete do Largo do Arouche	91
2.5	Vida de estudante na Paulicéia	105
3.	VIRANDO GENTE GRANDE	
3.1	Dos tempos da Unesp de Assis (1993-1996)	117
3.2	Sobre o ofício de professora	133
3.2.1	São Paulo	133
3.2.2	São José do Rio Preto	143
3.3	Dos tempos da Unesp de Araraquara e da docência no ensino superior (2001-2003; 2004-2008)	153
3.4	A escrita da história em meio às práticas sociais	169
4.	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA: BRASIL ADENTRO E MUNDO AFORA	
4.1	Primeiros desdobramentos	187
4.2	Outros desenvolvimentos	197
4.3	Demais portos	211



A

teleologia é o ramo da filosofia que busca compreender as causas finais para os processos naturais, sociais e históricos. Trata-se da ideia de que haveria um *propósito essencial*, ou uma *meta final* que guiaria o movimento de todos os seres vivos e das coletividades rumo a um *destino* específico. Conforme ensinou Aristóteles (IV a.C) e muitos outros após o cânone grego, cada ser ou entidade na natureza possuiria um *telos* particular, uma realização ou plenitude a ser alcançada. E para a qual naturalmente se desenvolveria. Segundo o filósofo, nossa finalidade enquanto seres supostamente racionais é a felicidade – *eudaimonia*. Um estado alcançado por intermédio da prática de uma vida justa, virtuosa e que procure, sobretudo, o bem comum (Aristóteles, 1984; Jaguer, 2013, Chauí, 2018).

Esta forma de compreender o mundo, atravessada pelas noções de bondade, beleza, desígnio, e, porque não dizer, coragem – se desdobrou num sem-número de explicações e ideias altamente potentes – e em conceitos tão fascinantes, que ainda hoje nos fazem refletir – e muito – sobre a sua validade explicativa.

Talvez a noção de *perfectibilidade*, elaborada por Rousseau no século XVIII, para quem os seres humanos teriam a capacidade inata de progredir e de se aprimorar, tanto individual quanto coletivamente, seja uma dessas ressignificações das ideias clássicas mais expressivas e atraentes. No entanto, o autor alertava, em seu tempo, para os perigos da perfectibilidade quando não devidamente direcionada. Afirmava que quando esta não era acompanhada por um senso de moralidade e consciência social, desaguava em corrupção, competição desenfreada e desigualdade social. Por isso, defendia a importância crucial de uma educação que promovesse o desenvolvimento de todos, a fim de garantir que este traço tão precioso da espécie humana, a perfectibilidade, fosse canalizado para o bem comum (Rousseau, 1995; Boto, 2010; 2017).

Tanto no caso específico de uma explicação para a origem do mundo, como no que diz respeito às diferentes conformações sociais ao longo da História, as explicações teleológicas se transmutaram em um paradigma bastante criticado. Ao longo dos últimos duzentos anos, o desenvolvimento das ciências naturais, especialmente após o advento da teoria da evolução e da seleção natural de Charles Darwin no séc. XIX, contribuiu para a fundamentação da perspectiva crítica a respeito do princípio teleológico como orientação do estar-no-mundo para o sujeito. Por outro lado, juntamente com as descobertas da Física no século XX e com a crise dos paradigmas explicativos das Ciências Humanas, surgiram muitas outras formas de compreensão/explicação da complexidade da vida e da História.

O *propósito* calcado no princípio direcionado à perfeição como modo de pensamento e de vida, ou do movimento inerente, contínuo e, principalmente, *perfeito*, rumo a um determinado ponto civilizacional absoluto definitivamente caiu por terra. Paralelamente a exacerbação dos individualismos, guerras e crises climáticas contemporâneas acabam por revelar os escombros daquilo que um dia julgamos ser.

Sob a polêmica nomenclatura de pensamento pós-moderno, rios de

tintas foram gastos em torno do questionamento da ideia de progresso, das verdades objetivas e das metanarrativas. Defendem-se, ao menos desde os anos de 1980, compreensões multiculturais, parciais e fragmentadas dos fenômenos do mundo. É o leque que se abre cognitiva e praticamente a partir da consideração das contingências situacionais que compõem o ser-no-mundo. O *telos* como finalidade abstrata passa de fato a compor um pano de fundo para o pensamento (Discini, 2005; 2005; 2015). Enumeram-se, inclusive, já há bastante tempo possibilidades analíticas díspares, bem como diferentes abordagens teórico-metodológicas para a escrita da História (Dosse, 1994; Prost, 1998, Pesavento, 2003).

Muito se debateu sobre a desconstrução de antigas explicações dominantes a respeito da história, tidas atualmente ora como eurocêntricas, ora como etnocêntricas ou mesmo como misóginas. Talvez seja possível, inclusive, estabelecer algumas proximidades entre a emergência do pensamento pós-moderno na segunda metade do século XX e as abordagens decoloniais tão em voga no século XXI, posto que tais perspectivas compartilham com os pós-modernos uma crítica comum à ideia da existência de uma narrativa objetiva e universal, dando ênfase às questões de raça e de classe social, conforme demonstrado por seus teóricos (Burke, 2005).

Destacamos, no entanto, que embora os pensadores pós-modernos (oriundos originalmente dos contextos europeu e norte-americano) e decoloniais (procedentes da América Latina e África) compartilhem algumas preocupações e críticas em relação às estruturas de poder e à universalidade do conhecimento, suas abordagens e ênfases se diferenciam devido às suas origens históricas e contextos específicos de pertencimento. Teóricos decoloniais, diferentemente dos pós-modernos, têm um foco específico na noção de colonialidade, ou seja, nas formas persistentes de dominação e exploração, que continuam a afetar as sociedades colonizadas mesmo após a independência formal dos países (Quijano, 2005; Quintero; Figueira; Elizalde, 2019).

No entanto, o princípio teleológico, ainda permanece como fundo do pensamento científico. Como sabemos, as Ciências Humanas foram ao longo dos séculos – e, em alguns aspectos, ainda o são contemporaneamente – um tanto afeitas à tal lógica. Particularmente a escrita de uma História afinada com este tipo de pensamento sugeriu que haveria uma *finalidade* intrínseca ao desenvolvimento individual e coletivo. Portanto, a noção de finalidade como sustento do princípio de um progresso que vise à perfeição de práticas sociais e do desenvolvimento individual não deixou de existir.

Isso implicou dizer que os eventos históricos estariam direcionados para alcançar um estado final predefinido: a edificação e consagração dos santos, conforme a hagiografia; a harmonia geral, conforme os positivistas; ou uma sociedade igualitária e sem classes, segundo os materialistas. A História teria, portanto, uma *direção inevitável* rumo a um estágio superior de desenvolvimento (Certeau; 1982; Koseleck, 2006).

Por outro lado, aqueles que defendem determinadas visões religiosas ou metafísicas específicas, como é o caso dos cristãos de diferentes matizes, e, contemporaneamente, daqueles que consideram a hipótese inacreditavelmente muito em voga em alguns países - como Estados Unidos e Brasil- da existência de certo *design inteligente* (DI), também conferem um sentido unívoco aos percursos individuais e coletivos, argumentando que tudo o que existe teria um desígnio essencial.

No caso particular do *design inteligente*, uma nova forma de criacionismo, advoga-se de maneira pseudocientífica a respeito da intervenção de uma inteligência superior na origem e desenvolvimento tanto do universo quanto da vida. Assim se dispõe, a partir do acolhimento da ideia de que a inteligibilidade de tudo o que existe seria, segundo seus divulgadores, intrincada demais para ser compreendida pelo conhecimento humano. Do *Big Bang* à expansão do universo, dos átomos, galáxias, dinossauros e estrelas chegando ao nosso destino individual mais ordinário...

Tudo teria sido traçado por um *designer* superior, uma entidade *inteligente* portadora de um objetivo final (Nussenzveig, 2020).

Não obstante, (in)felizmente, a vida humana é imperfeita, complexa. Ela é contingente (Discini, 2015). Ela é relativa e cheia de inacabamentos, acasos e feridas narcísicas, conforme bem demonstraram Freud (2010); Dostoievsky (2012; 2016; 2020); Machado de Assis (2016) e Proust (2016), dentre outros gigantes da cultura dos séculos XIX e XX.

Por isso, enquanto algumas pessoas podem experimentar uma sensação clara de propósito e de comunhão com o universo; ou conseguem professar um sentido intenso e unívoco em suas vidas; ou - o que é realmente invejável - fruem uma espécie de “sentimento oceânico” de comunhão e pertencimento absolutos a determinado referente, conforme nomeou Freud (2013, p. 8) quanto àqueles que nutrem certa religiosidade e apaziguamento diante das coisas do mundo... Tantas outras pessoas estão mais perdidas do que confiantes. Tantas estão mais desconfiadas do que adequadas, mais desamparadas do que vencedoras em relação não apenas às suas opções, identidades, caminhos e escolhas – mas em relação ao próprio destino da espécie.

Sem dúvida me situo, (des)confortavelmente, neste último campo.

E, justamente por ocupar este lugar de questionamento e de inacabamento diante das coisas da vida procurei fugir ao máximo de uma explicação teleológica para a história pessoal e profissional que ora apresento neste memorial. Como atesta a minha produção intelectual desde o início dos anos 2000, constituí-me como cidadã, professora e pesquisadora da história das mulheres e da educação alinhada às abordagens teórico-metodológicas que refutam a instrumentalidade da História rumo a determinado fim. Alinho-me, no geral, ao que se convencionou nomear de História Cultural: uma forma própria de “ler” o passado e de interpretar e analisar as maneiras de pensar das pessoas que viveram antes de nós.

Nas palavras de Darnton (1986, p. 13), trata-se de uma estratégia para compreender como as pessoas “interpretavam o mundo, conferiam-lhe significado e lhe infundiam emoção” (1986, p. 13). Segundo o autor, “o método de exegese pode variar, mas, em cada caso, a leitura é feita em busca do significado – o significado inscrito pelos contemporâneos no que quer se sobreviva de sua visão de mundo” (Darnton, 1986, p. 16).

Justamente por tais condições, filiações e afinidades, depreensíveis de tudo o que escrevi, publiquei e ensinei até aqui – não tive medo de abraçar as contradições e as tantas zonas cinzentas e opacas da minha trajetória neste *memorial* – um gênero de escrita absolutamente fascinante, devo admitir.

De repente me pus a refletir sobre as tantas leituras feitas e aquelas ainda por fazer e necessariamente a interrogá-las, em ensaio de ressignificação, quem sabe. Pus-me a examinar as diferenças e as fronteiras entre História e Memória efetivadas ao longo desses trinta anos de “bom combate” nas terras de *Clio*. E quantas vezes li e reli o famosíssimo trecho de Pierre Nora (1993, p. 12-13), vaticinando que “a memória é a vida”, enquanto a “História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que deixou de ser [...]”. “A memória é um fenômeno sempre atual, um vínculo vivido no presente eterno, enquanto a História é uma representação do passado [...]”. “A memória instala a lembrança no sagrado, ao passo que a História procura desalojá-la daí, ela prosaiza sem cessar [...]”. “A memória é sempre suspeita para a História, cuja verdadeira missão consiste em destruí-la- e recalca-la” (Nora, 1993, p. 12).

Também procurei evitar, ao longo da escrita, uma narrativa absolutamente linear dos fatos contados, possivelmente sem muito sucesso. A linearidade, construída em torno das causas, coerências e interrelações entre os acontecimentos se impõe ao gênero memorial. Ela é inescapável não apenas para a escrita da História, mas para a escrita da própria da vida (Ginzburg, 1990; White, 1994; 2008; Prost, 2008). Por isso, retomo aqui

os ensinamentos clássicos e sempre provocativos de Paul Veyne (2008), para quem

A história é narrativa de acontecimentos: o resto é uma consequência disso. Por ser, de saída, uma narrativa, ela não leva a reviver as situações, aliás, o mesmo ocorre com o romance; a experiência vivida tal como surge das mãos do historiador não é a dos atores; trata-se de uma narração, o que permite eliminar falsos problemas. A exemplo do romance, a história procede a uma escolha, simplifica, organiza, resume um século em uma página e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto a de nossa memória quando evocamos os anos que acabamos de viver (Veyne, 2008, p. 16).

Enquanto escrevo este texto introdutório em meio aos livros da minha biblioteca pessoal, leio e releio o aclamado – e criticado – texto de Pierre Bourdieu, *A ilusão biográfica* (Bourdieu, 1996). Tal texto, tantas vezes discutido com meus alunos nas salas de aula dos estados de São Paulo e Minas Gerais acaba por dar uma orientação discursiva para a elaboração deste memorial. Recupero as anotações feitas por mim nas páginas da velha cópia, e os trechos grifados com caneta colorida. O suporte das páginas marcadas contribui para compor e recompor a memória.

As passagens desse estudo feito por Bourdieu, destacadas pela leitora de então, me encham de saudade. É a saudade daquela quem um dia eu fui. Atento então para os alertas professorais dados durante as sessões de orientação a respeito das histórias de vida que meus orientandos registravam em pesquisas de campo, ou mesmo em relação às biografias ou autobiografias às quais recorriam para escrever suas dissertações e teses. Percorro tais trechos destacados, onde objetivava enfatizar, juntamente

com o sociólogo, a equivocada premissa de que as pessoas teriam controle e autonomia sobre o rumo das suas vidas; ou sobre o que lembravam ou esqueciam.

“A memória é uma ilha de edição”

disse, em outras palavras, o poeta Wally Salomão (2014, p 272). Uma ilha de edição condicionada por um sem-número de fatores, é certo.

Ainda me lembro de ter salientado tantas vezes que estamos muito distantes de sermos os únicos responsáveis pelo nosso sucesso ou fracasso. Pelo contrário. Na verdade, somos enredados em determinadas estruturas que não só nos circundam, mas que são sobretudo muito anteriores a nós. E, apesar desse inequívoco enredamento, temos a tendência ingênua de observar nossas trajetórias como se tudo o que aconteceu tivesse um sentido encadeado movido numa linha perfeita tecida para um fim determinado, como um *telos* ou um fim a ser alcançado por nós mesmos (Discini, 2015). Não alcançar é falha grave ou erro existencial. Como se tudo fosse o resultado quase que exclusivo de nossas próprias escolhas e ações.

Como sabemos, para Bourdieu (1996), trata-se de uma “ilusão” do senso-comum, na qual fatores externos ao indivíduo, como a posição socioeconômica, o contexto cultural, as oportunidades disponíveis e as estruturas de poder subjacentes às práticas sociais seriam minimizadas ou ignoradas. O sociólogo desmistifica essa “ilusão” reforçada pela ideologia

liberal, que ensina o individualismo e a meritocracia, enquanto ignora ou minimiza as desigualdades intrínsecas ao sistema capitalista que moldariam as oportunidades e os resultados na vida das pessoas.

François Dosse (2015, p. 208) assevera que para Bourdieu a biografia “não apresenta pertinência nenhuma” e que, no seu modo estruturalista de organização do mundo e do próprio pensamento, não haveria “qualquer pertinência ao nome próprio”. O sujeito, como nomeação individual, seria, portanto, uma entidade não pertinente. Para Dosse (2015), crítico da premissa bourdesiana, o sociólogo invalida completamente tanto o processo histórico quanto o indivíduo, posto que desqualifica as possibilidades de ação em nível pessoal.

Não tenho dúvidas de que as admoestações de Bourdieu (1996) estão em parte certas, mas são os mestres historiadores, e não o sociólogo, que evoco neste momento, posto que são os primeiros que demonstraram que podemos *nos voltar para as histórias individuais de sujeitos consagrados, como S. Luiz* (Le Goff, 1999), *ou para a história de vida de pessoas absolutamente banais, como o moleiro Menocchio* (Ginzburg, 2006) *ou a de Raquel Discini de Campos, uma professora qualquer, para capturá-los em relação a:* aos seus grupos de pertencimento e esferas de sociabilidade, às suas tradições, aos seus medos e anseios compartilhados culturalmente, aos seus projetos de vida e, principalmente, em relação à sua criatividade em meio às estruturas que lhes foram apresentadas. Suas estratégias de resistência e subversão em todos os aspectos da vida social e cultural (Sirinelli, 2010; Alves, 2019).

Lê-los significa compreender o contexto em que viveram, suas afinidades, sensibilidades e maneiras criativas de ocupar diferentes espaços e de interpretar o mundo. *O indivíduo não existe só. É sujeito e assujeitado, é uno e plural.* Não pretendo enveredar em meio a tal polêmica que marcou o campo acadêmico nos anos 80/90, mesmo porque, já se demonstrou soberantemente que

(...) o indivíduo é, ao mesmo tempo, ator crítico e produto de sua época, seu percurso iluminando a história por dois ângulos distintos. Um explícito, pela iniciativa voluntária do observador que propõe uma análise da sociedade na qual o personagem está inscrito. O outro, implícito, avaliado no percurso do personagem que ilustra, por sua vez, as tensões, conflitos e contradições de um tempo, todos essenciais para a compreensão do período. Neste caso, o indivíduo encarna, ele mesmo, tais tensões (Priore, 2009, p. 11).

Quem sabe, como autora deste memorial, resvalo num processo de tornar as memórias de uma professora minimamente interessantes e representativas para os leitores. Quem sabe não cairei na armadilha do tempo do progresso entendido como visão da perfeição e na armadilha de enrijecer minha escrita na busca por um texto estruturalmente linear.

Sem dúvida o contexto no qual a escrita se deu colaborou para que as camadas sempre superpostas do tempo histórico ficassem escancaradas: passado/presente/futuro/presente/passado tudo “junto e misturado”, como as ruínas das áreas centrais da cidade de Roma que tanto encantaram Freud (2010). As mesmas ruínas que inspiraram a sua construção da teoria do inconsciente a partir da ideia de sobreposição de camadas de experiências reprimidas, memórias e desejos ocultos.

Senão vejamos: ainda grassam sorrateiros os desdobramentos da pandemia de Covid, que, de repente, nos deixou atônitos e impotentes diante da natureza como homens medievais em tempos de peste. Ao mesmo tempo, a rapidez na descoberta da vacina, por intermédio de um consórcio internacional de cientistas de diferentes campos de saber nos permitiu sentir a potência do avanço do conhecimento científico do sé-

culo XXI, tais quais modernos Prometeus. Eis uma contingência da vida contemplada em relação aos imprevistos, que atenuam a noção do *telos* da perfeição a ser necessariamente buscada.

Os comportamentos contrários à vacina por sua vez, assim como a exigência da confecção e uso dos passes sanitários pelos vacinados (como o que usei em Paris para o ir e vir pela cidade, na virada de 2021/2022, no período de pesquisa na École des Hautes Études en Sciences Sociales/EHESS), remeteram aos tempos de *Belle Époque* e de segregação dos indesejados.

A emergência da extrema direita em partes significativas do mundo - fenômeno tragicamente registrado também em nosso país - nos transportou para as décadas de 1920, 1930 e 1940; enquanto os horrores das guerras contemporâneas, como a da Ucrânia e de Gaza insuflam a velha sensação de que nossos “ombros suportam o mundo”; e de que nossas retinas estão definitivamente “fatigadas”, como diria Drummond (2002).

Após um tempo de aparente bonança, em 2022 o Brasil voltou ao mapa mundial da fome, e o peso do mundo ficou praticamente insuportável em meio ao cerrado, ao império do agro, da música sertaneja e dos neopentecostais bolsonaristas que me rodeiam e que se multiplicam país afora. Por outro lado, parte das lutas identitárias que desde muito cedo me interessaram e seduziram enormemente - e que grassaram no meio acadêmico, muito modificadas em relação ao que vi acontecer nos anos de 1990 - atualmente causam estranhamento a uma mulher historicamente identificada com as pautas progressistas. Particularmente àquelas lutas regidas pelo que Badinter (2005, p. 23) nomeou criticamente como “lógica do amálgama” e que, segundo a filósofa, se aplica sobretudo a determinadas análises equivocadas oriundas de grupos radicais, especialmente norte-americanos, para o universo da sexualidade de homens e mulheres.

Um universo onde elas, conforme determinada vertente de julgamento em voga, seriam historicamente vítimas oprimidas pelos homens. E estes constituiriam abusadores em potencial. Seres natural-

mente violentos e, porque não dizer, estupradores em estado de latência.

Não se trata de negar as trágicas e inadmissíveis realidades relacionadas à misoginia e ao feminicídio, por exemplo, longe disso. Mas sim em concordar que a “lógica do amálgama” denunciada por Badinter (2005), por vezes muito mais impressionista do que científica, muito mais militante do que analítica, resulta em generalizações e analogias de toda ordem. E há que ser refutada.

Já não se distingue entre o objetivo e o subjetivo, o menor e o maior, o normal e o patológico, o físico e o psíquico, o consciente e o inconsciente. Tudo é colocado no mesmo plano, em nome de uma concepção particular da sexualidade e da relação entre os sexos (Badinter, 2005, p. 24).

Trata-se de um *continuum* explicativo que vem sendo “tricotado pacientemente” há décadas por algumas ultrarradicais, conforme provoca Badinter (2005, p. 24), que pretendem demonstrar tanto o suposto “longo martirólogo feminino” (Badinter, p. 24) quanto as famosas “amarras do patriarcado”. Um conceito, aliás, controverso, posto que seu uso indiscriminado remete a uma concepção essencialista de gênero. Justamente aquela combatida historicamente por nós mesmas e por nossos enormes faróis, como Simone de Beauvoir (2016), por exemplo.

**Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.**

**Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.**

**Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.**

As complexidades, nuances e matizes nas relações de poder e nas identidades de gênero em diferentes contextos culturais e históricos precisam retornar à baila, enquanto os discursos de empoderamento individual das mulheres, tão em voga, urgem relacionar-se de fato às questões sistêmicas e estruturais que nos afetam como grupo social.

No decorrer das ondas de calor jamais registradas na história, da submersão de parte do Rio Grande do Sul nas águas dos rios daquele estado, da incrível emergência da IA generativa, e da decadência financeira experimentada pela minha classe profissional, consequência de anos sem reajuste salarial nas universidades federais, escrevi, com ímpeto e vontade, este memorial. *Talvez o desejo por esta escrita se deva, justamente, por se tratar de um acerto de contas comigo mesma; e, porque não dizer, de um ponto de fuga do mundo real.* De modo que em meio a essas e tantas outras “pedras” internas e externas que se interpuseram no meio do caminho deste “José” qualquer, apresento-me como a memorialista acadêmica, neste texto exposto para análise.

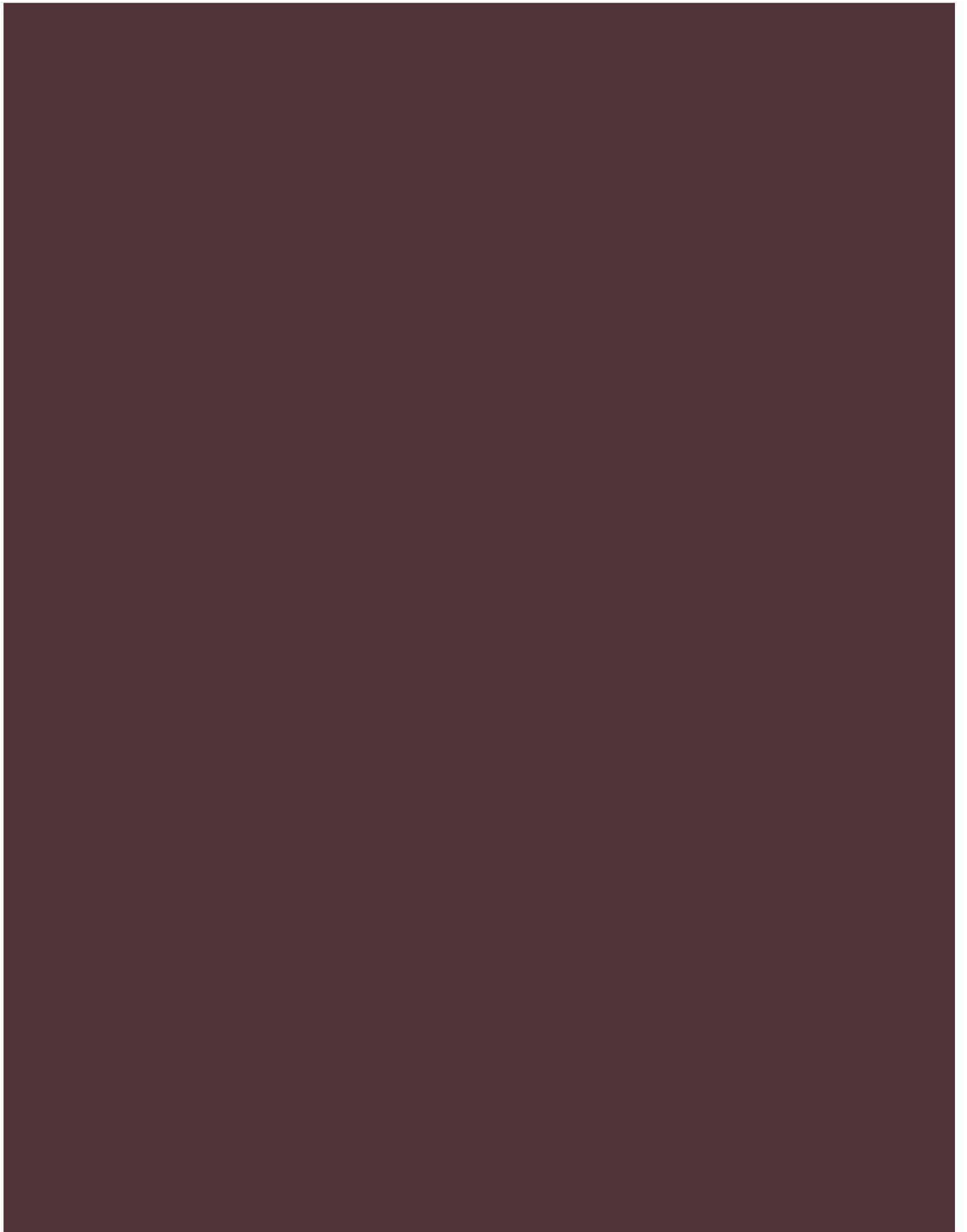
Ele está dividido em três partes.

A primeira, de caráter altamente afetivo, diz respeito às histórias da menina e da adolescente Raquel Discini de Campos, no ir- e- vir entre a cidade de Laranjal Paulista e a capital do estado, São Paulo. A segunda, abarca a juventude e o início da vida adulta, os processos de formação superior e o encontro tanto com a docência na Educação Básica e Superior quanto com o campo da História da Educação. A terceira parte está centrada na carreira desenvolvida no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia, MG, instituição na qual fui aprovada em concurso público em setembro de 2008.

Ao lado da produção acadêmica documentada no meu currículo lattes – livros, capítulos e artigos publicados em periódicos nos últimos anos – apresento, também, na terceira parte deste memorial, meu atual projeto de pesquisa, intitulado *Revistas infantis no eixo Brasil-França: (1905-1930): imagens educacionais em aproximação e em confronto.*

Destaco que desta terceira parte faria parte também uma tese, escrita para ser defendida junto a este memorial, mas que, por sorte, acabou se transformando em livro autoral previamente. Em dezembro de 2023, antes que o tempo regimental para a progressão para o nível de professora titular tivesse chegado, veio à luz *A educação entre a ética e a estética: os álbuns ilustrados paulistas (1915-1929)*, publicado pela Edufu. Entendo que este livro é parte constitutiva da terceira parte deste memorial, por isso ele pode ser lido como componente deste momento de progressão na carreira, caso o leitor assim o deseje.

Assim, o que temos aqui é um convite para que esta banca “leia” e legitime, ou não, uma trajetória profissional e acadêmica. Apresento, como já foi referido, documentos de diferentes gêneros e, para que os avaliadores possam deparar-se com os documentos oficiais, apresento o currículo Lattes e os respectivos comprovantes institucionais de tudo o que foi construído por mim até aqui. Apresento também uma biografia narrada em primeira pessoa, algumas fotografias, poemas, canções que podem ser ouvidas numa *playlist* especificamente criada para este fim, recortes de cadernos, cartas, *emails* e excertos literários selecionados que foram “bricolados”, tal qual metáfora benjaminiana (1996). Os fios invisíveis que costuram esta narrativa de cima abaixo são compostos pela devoção incondicional às escolas, aos professores, aos alunos, aos livros e ao mundo do conhecimento.



Cantar é mais do que lembrar
É mais do que ter tido aquilo então
Mais do que viver do que sonhar
É ter o coração daquilo
Tudo são trechos que escuto - vêm dela
Pois minha mãe é minha voz
Como será que isso era este som
Que hoje sim, gera sóis, dói em dós
"Aquele que considera"
A saudade de uma mera contraluz que vem
Do que deixou pra trás
Não, esse só desfaz o signo
E a "rosa também"

(Caetano Veloso, 1989)¹



2.

AO QUE PARECE, MEIO SÉCULO É BASTANTE TEMPO

2.1 A cidadezinha e seus habitantes

Era uma cidadezinha chamada Laranjal Paulista, localizada no interior do estado de São Paulo, a 159 km da capital, onde aparentemente todos se conheciam e eram meio aparentados entre si. Era habitada por uma gente de origem mais rural do que urbana, e predominantemente católica. As pessoas pareciam ser todas filhas ou netas de algum conhecido da família.

Naquela cidadezinha se vivia em torno dos feriados cristãos, ao redor da Igreja Matriz e do coreto, onde tocava a Banda Municipal, sob a regência do primo Décio Discini. Na última semana de junho, todos parávamos a vida ordinária para festejar o padroeiro, São João Batista. Aí assistíamos às missas que duravam horas e eram rezadas pelo padre Teotônio: um velho português de sotaque acentuado e que raramente sorria.



1. Todas as músicas deste memorial podem ser ouvidas no *Spotify* por meio da *playlist* Memorial Acadêmico: Raquel Discini de Campos. Jingles políticos disponíveis no Youtube nos seguintes endereços: <https://www.youtube.com/watch?v=AUMp44PYQww> e <https://www.youtube.com/watch?v=TqfshQSRUYg>



Teresa e Gersina Luvizotto, Norma e Raquel Discini num almoço no barracão de S. João Batista. Início da década de 1980. Laranjal Paulista, SP.

Participávamos das procissões lindíssimas, nas quais os fiéis carregavam os andores dos santos juninos. Então, soprava aquele frio tão característico do período no interior paulista, e as velas tremulavam sob o vento gelado. Enquanto isso, as católicas mais fervorosas – vizinhas, tias, primas, a parentela, enfim - com os adornos característicos de cada congregação partícipe, puxavam as preces conforme as contas do terço. E a bandinha, que dava o ritmo das procissões, tocava melancólicos instrumentos de sopro, e por fim encerrava os cortejos, seguidos de salvas de rojões. Findados os cortejos, a música ficara alegre, e todos iam confraternizar.

No dia 24 de junho, o almoço era festivo e cheio de cantorias nos barracões de festas erigidos para esta função. A essas alturas, o parque já havia chegado há algumas semanas de outras paragens, com roda gigante, tiro ao alvo, jogo de argolas e brinquedos afins. Tinha fogueira, sorteio de brindes e de animais: bezerros, porcos, carneiros e cabritos. Hasteamento da bandeira dos santos. E, ainda, as quadrilhas, compostas pelos alunos das escolas da cidade, que haviam ensaiado pacientemente as danças por dias e semanas, durante os meses de maio e junho.



Essas quatro mulheres décadas depois, nos festejos pela chegada do século XXI, em São José do Rio Preto, SP.

Raquel, minha querida
aluna da 2ª série

Neste momento de conquista e vitória, nem todas as palavras são suficientes para transmitir o orgulho que estou sentindo de você. Envaidecida pelas suas palavras, quanta honra senti ao receber seu lindo convite.

Caligrafia elegantíssima da amada professora primária
Maria Rosa Barbieri, em carta de agradecimento pelo
convite de formatura da ex-aluna.



Quadrilha ensaiada pelas professoras primárias Maria Rosa e Halum, que também eram catequistas. Apresentação no Largo S. João, em frente à Igreja Matriz de Laranjal Paulista, coração simbólico da cidadela. Vestido feito pela avó, maquiagem pela mãe. "Postura, Elegância, Graça!" ensinavam as professoras.

As adoradas professoras primárias – tia Halum, tia Inês, Dona Valentina e Dona Maria Rosa, dentre outras, eram exigentíssimas com a performance das quadrilhas em geral, e com o desempenho de cada um dos pares de dançarinos em particular. Postura! Graça! Entusiasmo! elas diziam. Cumprimentem a plateia! Eu as reverenciava com o coração – apesar de nunca ter a oportunidade de ser a noiva da dança - desejo discretamente acalentado, porém jamais verbalizado.

Naquele mês tão importante para todos nós, o Largo de São João, coração da cidade onde se situa a praça principal, ficava repleto de barracas de comidas, jogos e bugigangas diversas. As barracas mais animadas eram àquelas sob a responsabilidade dos “festeiros”: os fiéis que organizavam as comidas e bebidas fartas, elaboradas e vendidas por eles mesmos durante os festejos. Churrasco, pastéis, cocada, canjica, quentão e vinho, muito vinho tinto.

Na segunda praça mais importante da cidadezinha, chamada popularmente de “praça das éguas”, em frente ao Ferroviário Futebol Clube, havia um ponto de aluguel de carroças, para pequenos traslados – daí a alcunha popular do local - “dazégua” - conforme o falar caipira tão característico da *Paulistânia* estudada por Alfredo Ellis (1934) e Antonio Candido (2017). Lá havia um ponto de táxi, uma sorveteria e um hotelzinho contíguo à sorveteria, chamado Primavera, onde os moradores dos bairros rurais, Morro Vermelho/ “Morro Vermeio” e Abóboras/ “Zabobra”, dentre outros, vinham passear e, de vez em quando, “armoçar”². Aquela pequena Laranjal era um lugar onde todos *me* conheciam e eu *gostava* de estar.³

2. Candido explica didaticamente os conceitos de caipira e Paulistânia no documentário “Intérpretes do Brasil”, produzido pela TV Cultura: <https://www.youtube.com/watch?v=COgTtPtMaTc> . Menciona também as origens do famoso r retroflexo tão característico do falar caipira da minha terra.

Aos poucos, fui descobrindo que na cidadezinha também moravam “brasileiros” diferentes daquela colônia de descendentes de italianos na qual eu costumava transitar: os Cardoso, os Almeida, os Rodrigues. Também alguns “espanhóis” e “árabes”, amigos da família, como os Abud, os Abrão e os Fadel.

Nas longas tardes de conversa em família das quais continuamente participava como ouvinte, falava-se muito sobre os tempos idos, sobre a saga da chegada ao Brasil dos primeiros moradores da região, sobre a construção da Igreja Matriz, inspirada na Basílica de Santa Maria Maior de Lucca, terra originária dos Discini. Sobre o “santo” padre André Pieroni, sobre os antigos hábitos e costumes dos habitantes daqueles rincões.

E especulava-se bastante sobre o passado/presente/futuro dos membros daquele núcleo familiar, que se desdobrava em outros núcleos de parentes que viviam mais ou menos próximos a nós, nas cidades de Tietê, Tatuí, Porto Feliz, Sorocaba, São Paulo, Piracicaba, Botucatu. Uma gente que se estabeleceu no interior do estado, para quem o litoral era da ordem da absoluta excepcionalidade.

3. O Município de Laranjal Paulista faz divisa com sete municípios: ao norte com Piracicaba, à leste: Tietê e Jumirim, à sudeste: Cerquilha, ao sul: Cesário Lange, ao oeste: Pereiras e à noroeste: Conchas. <https://www.laranjalpaulista.sp.gov.br/a-cidade/localizacao>. Acesso em 24/08/2023. Os dados populacionais do último censo do IBGE (2022) indicam que atualmente a cidade possui 26.261 habitantes, entre zona rural e urbana. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/laranjal-paulista/panorama>. Acesso em 01/05/2024. Conforme as séries históricas do IBGE, a cidadezinha na década de 1970 – nasci em 1975 – possuía 13.102 habitantes. Vou aqui pensando que cidadezinha era aquela na qual os Discini e os Luvizotto decidiram morar ao saírem de Lucca e de Treviso, respectivamente. E que terra era aquela habitada desde tempos coloniais pelos Campos. Nas lutas identitárias familiares, os avós maternos me chamavam de Raquela – RRRRRaquela - enquanto os Campos, principalmente papai, me identificavam como “caboclinha”. Uma caipira da Paulistânia, sem dúvida.

Numa dessas tardes de escuta e de incorporação da história privada, soube que tia Teresa Luvizotto (Dinha) não pudera se casar com a paixão de juventude – um brasileiro dos Rodrigues Alves - porque era filha de italianos, o que era tido como ofensivo para as famílias dos velhos bandeirantes. E escutei, além disso, que *nonno* Ercole Discini, após chegar

de Lucca e constituir família em Laranjal com *nonna* Carmela, havia tragicamente contraído o vírus da lepra⁴. Soube que havia morrido isolado de todos, num sanatório perto de Botucatu, incomunicável. Uma tragédia.

Na família, algumas histórias eram realmente contadas à mesa. Outras, como o drama de *nonno* Ercole Discini, apenas sussurradas entre os adultos – ou nem isso. Os não-ditos familiares são cheios de mensagens a serem decifradas pelas novas gerações, bem sabemos. Eu era muitíssimo curiosa e interessada em ouvir as histórias dos velhos – e rapidamente aprendi a guardar os segredos deles, que iam se tornando meus segredos também.

Havia tia Eleonora, por exemplo, a solteirona brava que cuidava dos velhos e dos sobrinhos. Uma típica personagem feminina tão recorrente na história das mulheres, conforme pioneiramente demonstrou Perrot (2002). Tinha também um outro tio, que para escândalo geral, se casara com uma

Colégio S. Vicente de Paula, fundado pelas freiras belgas em Laranjal Paulista, SP, que se transformou em manicômio estadual na década de 1980. Atualmente, voltou para a administração das vicentinas que, em parceria com a prefeitura municipal, capitaneiam ações sociais na cidade.



4. Em função do estigma associado à doença, hoje não se usa mais tal designação.

moça de uma cidade distinta da nossa “aldeia” e que apresentava uma conduta altamente duvidosa para os parâmetros das “famílias de bem” da época. Aquele tio de aparência frágil era, assim como Eleonora, um personagem comum nas narrativas de todos os tempos sobre as relações entre homens e mulheres. Cochichava-se que ele tinha sido vítima dos ardis da “pecadora”, com quem tinha tentado, em vão, constituir “boa família”. Conforme se segredava naquele movimento de “cobrir e mostrar” histórias nas horas da *siesta*, ele havia “perdido a vida” por culpa da mulher fascinante que o havia “desviado” do bom caminho.

Eu ia decifrando e incorporando o que Natalia Ginzburg (2009) nomeou impecavelmente como “léxico familiar”. Compreendi que a ascendência italiana, tão enaltecida pelas famílias da vizinhança e pelos meus parentes maternos, não era tão bem-vista como eu imaginara por alguns “brasileiros”, como se dizia em casa. Estes eram os herdeiros dos antigos paulistas, ciosos das próprias tradições e laços de parentesco. Havia uma importante sobreposição de identidades, culturas e pertencimentos, enfim, posto que a minha família paterna era constituída justamente por esse tronco de antigos paulistas, os Campos. Cabelos escuros, sobrancelhas grossas e olhos verdes, assim como eu, que sou inegavelmente a “cara dos Campos”, como sempre me disseram.

A cidadezinha continha diversos cidadãos pretos também, muitos deles com nomes de santos: Roque, Benedita, Serafim, Carmo e, fatalmente, dezenas de Joãos.

Foi só quando entrei na adolescência que comecei a me questionar por que eles moravam majoritariamente perto da linha do trem - a Estrada de Ferro Sorocabana - ou então na Vila Zalla, conhecida popularmente como “Canta Sapo”: bairro à época distante da praça central, sem asfalto e com um brejo insalubre onde os sapos coaxavam alto. Então apreendi, sensivelmente, porque nos finais de semana eles ficavam na parte de baixo da praça, enquanto nós passeávamos na parte de cima. Pessoa/Caieiro bem ensinou em “O Guardador de Rebanhos” que

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia,

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada
Quem está ao pé dele está só ao pé dele

(Fernando Pessoa 2005)

Mas, diferentemente do rio metafórico da aldeia do poeta português, os rios Tietê e Sorocaba, que passavam pela minha “aldeia”, Laranjal Paulista, me faziam pensar em muitas coisas, pois nem tudo era festa e harmonia nesta terra. E as interdições e exclusões do mundo social foram se apresentando para a menininha que crescia. Fui observando que uns moradores andavam de bicicleta, de carroça ou a pé, e calçavam chinelos havaianas; enquanto os demais se locomoviam de carro e compravam calçados nas Lojas Pasquotto, localizada no inescapável Largo S. João.

Passei a notar que uns traziam o sobrenome grafado nos bancos da praça ou possuíam os antepassados enterrados no interior da Igreja; enquanto outros traziam o estigma de ter “pai desconhecido”; e passavam a vida sendo chamados pelos apelidos: “Pretu”, “Zé”, “Carvão”, “Bode” etc. E a cidade tinha tantos loucos. Tantos! “Ma quanti pazzi! Ma quanti ingenui” diziam os antigos. Nhá Bé, Nhô Quim, Dito Bobo, Demétrio Cantagalo – este, segundo diziam, andava pela cidade carregando uma sanfona que não sabia tocar.

O casal de italianos Páschoa e Felício, que nunca tinha tomado banho na vida. Assim eu ouvi. Ele andava sempre com o mesmo terno sujo pelas ruelas da cidade. À noite, ambos cantavam velhas músicas italianas antes de dormirem nos antigos armazéns da Estrada de Ferro Sorocabana. Ésio Lôco, este eu observava de perto - pois esfregava as mãos e penteava os cabelos sem parar, coitado, pra lá e para cá... e tantos, tantos outros. Dito Borboleta, tão alcoólatra que bebia álcool puro e não morria; e o meu amigo e vizinho João Tarzan, também sempre de terno, vaidoso e sujo. Os loucos de Laranjal eram altivos, essa é a verdade. E tinha ainda um famoso senhor da família Betti, que tinha lutado na revolução de 32, e por isso não podia ouvir os rojões de São João porque saía correndo e gritando que eram...granadas!⁵

As idas com os adultos – vivos e mortos – ao cemitério municipal eram rotina. Aliás, a famosa senhora “Páschoa de Pompeu” passou uma

noite inteira trancada no local porque o zelador a prendeu lá dentro sem perceber.⁶ Eu ia visitar aos antepassados mortos, ou para as cerimônias fúnebres dos que tinham acabado de falecer - sem dúvida um importantíssimo acontecimento social da minha infância. Nesses passeios rotineiros passei a questionar por que alguns dormiam eternamente em túmulos do mais belo mármore negro, adornados por esculturas de anjos, vasos de bronze e lindos detalhes em ferro fundido; e outros repousavam em eternidades muito mais singelas, bucolicamente caiadas, mas não por isso menos belas.

Havia ainda aqueles que estavam completamente isolados da comunidade, e que aparentemente nem apelido tinham. Estes tomavam sol solitariamente, no pátio do antigo colégio das freiras, inacreditavelmente transformado à época em manicômio estadual. Ou estavam internados e esquecidos no asilo de velhos. O reconhecido “Colégio das freiras”, fundado pelas irmãs vicentinas, em 1926, tinha se tornado manicômio nos anos 70 ou 80, não sei ao certo, e a antiga quadra da escola era o espaço do banho de sol dos internos.

5. Essas histórias contadas pelos laranjalenses ou vividas por mim foram registradas no livro comemorativo 100 anos: Paróquia de São João Batista. Laranjal Paulista 1900-2000, organizado por uma comissão de oito pessoas, boa parte de grandes amigos da minha família, dentre eles Neiva Segalla, diretora de escola e minha madrinha de batismo, e D. Maria Paula Scicchitano de Moraes, minha primeira professora de História e grande amiga da minha mãe e avó.

6. Outra característica do falar da minha região é a identificação da pessoa à família ou ao cônjuge. Exemplo: Raquel “dos Discini”. “Paschoa de Pompeu”, ou seja, casada com o Sr. Pompeu.

Ao observá-los eu já intuía, assombrada, o que Dostoiévski (2018) me ensinaria mais tarde:

Nesse sentido todos nós, e com bastante frequência, agimos quase como loucos, apenas com a pequena diferença de que os “doentes” são um pouco mais loucos que nós, porque neste caso é necessário distinguir o limite. Já o indivíduo harmonioso, e isso é verdade, quase não existe; em dezenas, e talvez até em muitas centenas encontraremos um, e ademais em espécimes bastante fracas... (Dostoiévski/Zossimov. Crime e Castigo, 2018, p. 232).

No espaço geográfico e simbólico conhecido, a cidade também trazia, além do hospício e do asilo, outra instituição que me causava espanto e agonia: a creche municipal, situada a alguns quarteirões da casa dos meus avós, localizada numa das principais vias da cidade, a rua Barão do Rio Branco, n. 467. De maneira inevitável passava quase diariamente em frente à “Associação de Mães” e vovó Gersina Luvizotto, realmente caridosa para com os pequenos e miseráveis em geral - e a léguas de distância de qualquer possibilidade de reflexão sociológica ou feminista naquele início dos anos 80 sobre a situação das mães trabalhadoras - comentava baixinho comigo: “essas crianças que estão aí, são abandonadas por mães desnaturadas, poverelli!”. “Bocca chiusa, Raquelita”.

E existia também aquela ruazinha perto da casa dos meus pais na Vila São José, mais ou menos abandonada, onde numa segunda-feira qualquer avistei o corpo inerte de um homem que acabara de se enforcar nos galhos de uma mangueira centenária. Jamais soube o nome do suicida. Só sei que vi – sim, tenho certeza que vi! - o homem pendurado no galho da mangueira naquele dia quente e sem vento. Os transeuntes que também o viram não gritaram ou fizeram estardalhaço. Talvez o pobre não tivesse ninguém para

gritar seu nome, ou para se desesperar por sua vida estrangulada, afinal.

Mangueira, asilo, creche e hospício. Basta. Sigamos mais leves por aquelas ruazinhas da minha infância.

Raquelzinha, Raquelita, Raquela, neta de Gersina e de Nicola, “gente dos Luvizotto”, “dos Zanella” e “dos Discini”. “Gente dos Campos” também, estes de Tietê e Porto Feliz, como disse, velhos bandeirantes, caboclos. Raquel Discini de Campos, irmã de Douglas Discini de Campos e filha de Norma Discini e de Agenor de Campos. Menininha bonita, mimada, inteligente, gordíssima, talvez mais alegre do que triste, assim me parece.

Virava a cidade numa bicicleta *Cecizinha* dourada, com tranças grossas prendendo a cabeleira abundante, e trajando vestidos mais que perfeitos elaborados pela avó que costurava como ninguém, a belíssima e elegante D. Gersina. Pedalava a *Cecizinha* para as aulas de piano clássico – que jamais fizeram muito sentido para ela, apesar de ter insistido disciplinadamente no instrumento por quase uma década.



De camiseta da E.E. Luiz Campacci, onde fiz o “primário”. E provavelmente tocando Bach num dos famosos recitais de piano da Prof. Eloisa Ruberti. Vestido desenhado e confeccionado por Gersina Luvizotto.

Além disso, ia cotidianamente entregar os manuscritos dos livros escritos pela mãe, Norma Discini, para a datilógrafa “dos Carducci”, que morava no fundo do “bar dos Carducci”, localizado no indefectível Largo João e ponto de encontro diário dos homens da cidade: alguns aposentados e quaisquer desocupados “pinguços”, como se dizia friamente à época.

No dia seguinte, pegava os textos datilografados pela filha dos Carducci- agora me lembro, ela se chamava Terezinha, grafado assim mesmo, no diminutivo - e os trazia de volta para a mãe continuar a escrita dos livros didáticos de Língua Portuguesa que criava dia e noite para a Editora do Brasil justamente no vórtice da expansão milionária do mercado de livros didáticos no Brasil, mais tarde viria a entender.⁷

Voltava para casa, não sem antes parar na banca do velho Sr. Delfo. Lá passava muito tempo sendo paparicada pelo único jornaleiro local, que me deixava folhear todas as revistas que quisesse: *National Geographic*, *Nova*, *Claudia*, *Marie Claire*, e os gibis que ficavam expostos, e para os quais nunca dei muita atenção. Tinha o dinheiro necessário para comprar as preferidas. E elas eram *Capricho* e *Querida*.

Não tinha sequer idade ou entendimento para ler as revistas destinadas às mulheres mais velhas. Mas, mesmo assim, as lia mensalmente.

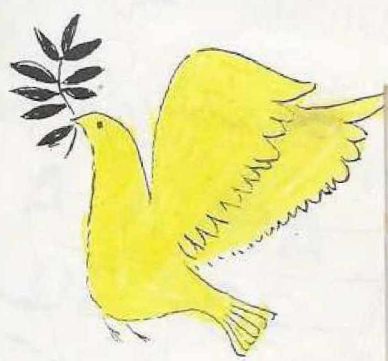
7. E a compreender que o mercado nacional de livros didáticos é um dos maiores do mundo. <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/conhecimento/noticias/noticia/livro-didatico> . Acesso em 01/05/2024. Assistia às reuniões sobre as estratégias da Editora do Brasil para os editais do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) na sala da minha casa. Descobrir as análises de Circe Bittencourt (1993; 2008) e Kazumi Munakata (2012), dentre outros historiadores do livro didático na vida adulta foi um processo de objetivação do conhecimento empírico interessantíssimo.



Leitora assidua de revistas femininas desde os anos 80, particularmente da Revista Capricho - a revista da gatinha. Dicas de moda, de beleza, histórias de amor e, claro, a ideologia de que toda transformação de si seria possível mediante o domínio dos “truques” certos, confidenciados pela revista, amiga de todas as horas. Um clássico dos impressos voltados para leitura feminina, muito mais tarde viria a descobrir.

400

A ARCA DE NOÉ



Raquel
Discini
de
Campos

037



BISA BIA, BISA BEL

Recebeu o *Prêmio Maioridade Crefisul* em 8 de Novembro de 1981, data do 21º aniversário da fundação do Banco Crefisul.

Raquel
Discini
de
Campos

E aprendia a ser menina, e a ser mulher, observando as histórias cotidianas públicas e privadas se desenrolarem na cidadela, assistindo às novelas da Rede Globo – todas elas, das 18:00h, das 19:00h e das 20:00h - e, principalmente, lendo as revistas compradas na banca do Sr. Delfo localizada, é claro, no Largo S. João.

Tinha grande liberdade de escolha na aquisição dos periódicos que comprava – e sutil direcionamento na leitura de livros infantis que proliferavam no âmbito doméstico: Vinícius de Moraes, Ziraldo, Lygia Bojunga, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, e a autora preferida, Edy Lima, autora do incrível *A vaca voadora*, lido e relido tantas vezes.



Primeiros livros da biblioteca pessoal: *O Menino Maluquinho*, *Bisa Bia e A Arca de Noé* - cujos poemas mamãe me estimulava a declamar. A identificação dos livros com nome próprio também era um processo de educação da criança leitora posto em prática sutilmente. A criança ainda se esforçava para colorir corretamente as ilustrações com os lápis Faber Castell.

No ir - e - vir pela cidade, os vestidinhos feitos pela vó invariavelmente enroscavam no aro de trás da bicicleta. Aí resolvia andar a pé e empurrar o veículo. Mas as pernas, excessivamente grossas, ficavam machucadas pelo atrito contínuo da pele. Uma grande dificuldade para a menina, sem dúvida, e uma das suas primeiras grandes questões existenciais posto que estava rodeada de mulheres incrivelmente bonitas. Por que tinha que ser assim?

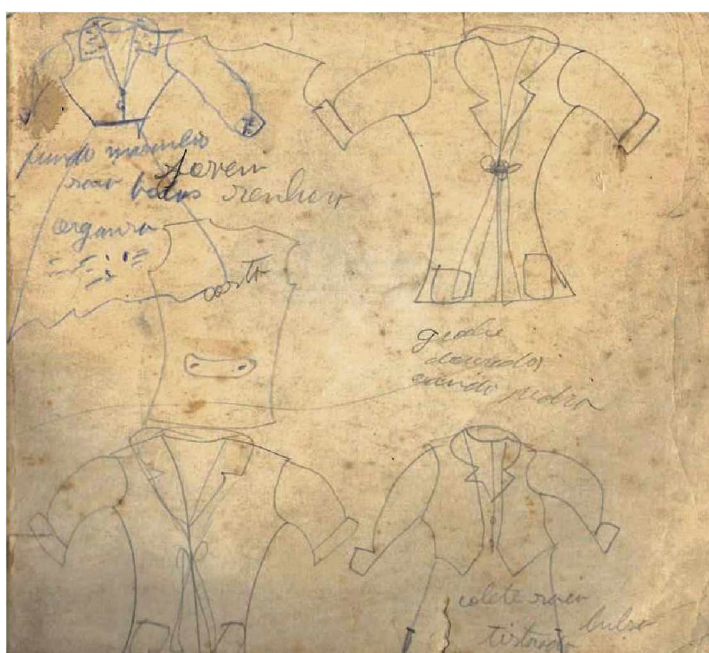
Sem dúvida era preciso ser “esbelta” para caber nos vestidinhos da avó e para honrar a beleza clássica da família. E, além disso, urgia ser bonita para se assemelhar às meninas e mulheres das revistas que obsessivamente consumia e, talvez um dia... quem sabe... vir a ser a noiva da quadrilha da escola numa festa de São João...Quimeras.

Nessa cotidianidade previsível, o universo da avó era o do amor e dos cuidados incondicionais. Ela promovia banquetes memoráveis com toda a parentela reunida nos finais de semana, visitas aos vizinhos e parentes. Consumia Leite de Colônia, meias de seda e pó de arroz. Escolhia as mais delicadas sinhaninhas, *debruns*, tecidos e bordados para os vestidos da netinha. Comprava revistas de moda, de moldes. E alfinetes, retróses de linha e dedais.

Caderno de receitas de D. Gersina Luvizotto. Doce de leite da vizinha D. Assunta Laurenti e de titia Eulina Campos. As receitas eram trocadas pelas vizinhas e parentes em dia de visitas. Tesoura, fita métrica e dedal. O universo da matriarca era o dos melhores tecidos, rendas e *debruns*. Para o universo das roupas com caimentos perfeitos, medidas perfeitas. Mas como isso era difícil!



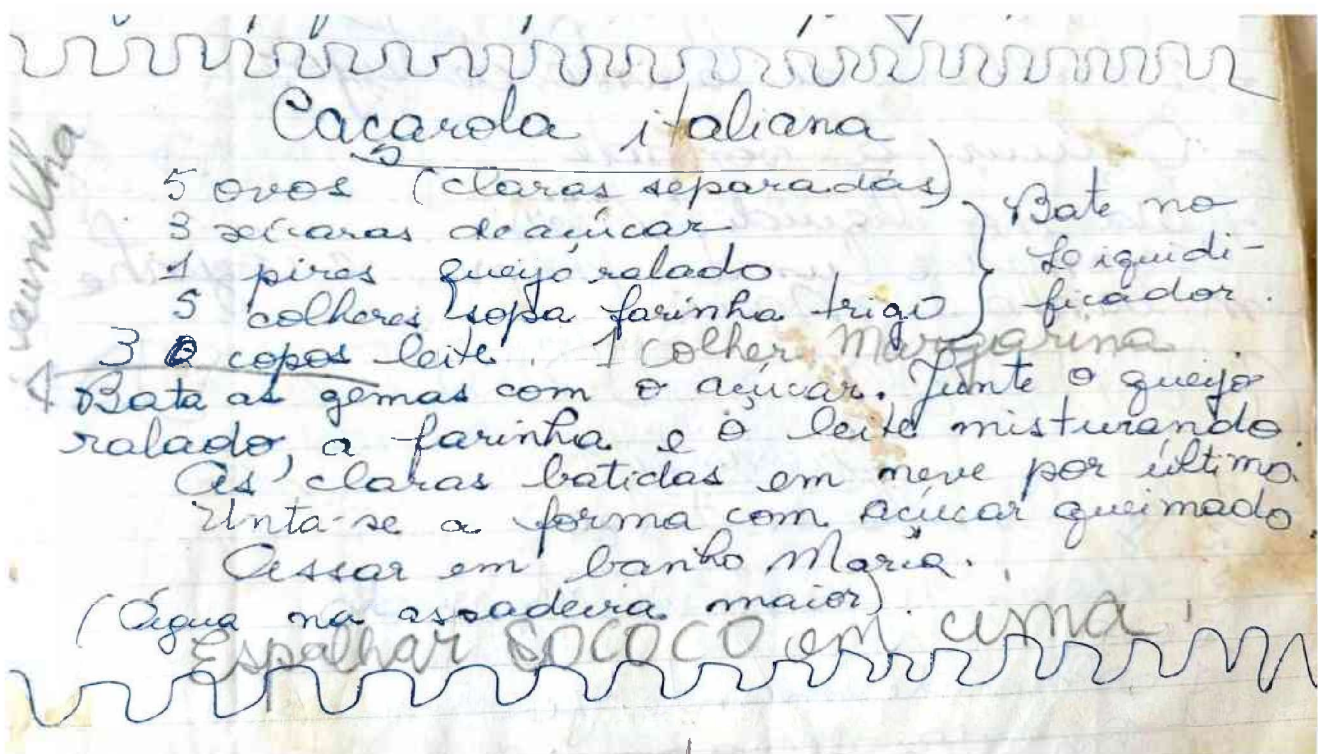
Dois moldes rabiscados por Gersina Luvizotto para confecção de figurinos para ela mesma. Os moldes foram feitos em pleno livro de Linguagem utilizado por ela como aluna do Mobral. Tática certauniana? Roupas para uma “jovem senhora” ela definiu, conforme deve ter aprendido nas mídias de então. Um modelo - frente e costas - em organza, com saia azul-marinho. O outro, com colete adornado por broche dourado “caindo pedras” e saia listrada. O bom gosto, a beleza e a elegância eram fatores distintivos que se opunham ao desconforto por não ter frequentado à escola regular.



Um mundo de bom gosto verdadeiro, caimentos perfeitos e medidas – sempre as tais medidas. Vez ou outra a vó a ensinava a andar equilibrando um livro sobre a cabeça no assoalho de madeira cor-

rida do longo corredor que ligava a sala à cozinha. E foi D. Gersina quem a presenteou com o primeiro sutiã de rendinhas cor de rosa. Ensinava a netinha com máxima obstinação, apesar dos muxoxos, pequenas e grandes revoltas da menina: “Barriga para dentro, cabeça erguida, ombros eretos!” “Sente direito, cruze as pernas, não tome sol no rosto, coloque o aparelho!” “Coma pouco, coma devagar, tire o cabelo dos olhos” “A gente tem que ir dormir com um pouco de fome, Raqueliiiiiiita!”

Este universo exigente de disciplina e controle – mas também de parceria, cumplicidade e contemplação estética da neta com a avó e vice-versa - contraditoriamente era composto de receitas culinárias e de assistência fiel ao programa da Ofélia, quase todas as tardes. A apresentadora enaltecia o tal Leite Condensado – que a vó adorava, mas que nunca foi, no final das contas, um ingrediente mais importante do que o açúcar básico dos famosos doces caseiros que ela fazia: de batata roxa, de goiaba, de abóbora. E da inconfundível caçarola italiana.



Famosíssimos pastéis de nata e caçarola italiana, "madeleines" proustianas de todos os que conheceram vovó.

Esta avó não se conformava por não ter estudado na infância em função da osteomielite que quase a matara, e que a deixara com uma cicatriz profunda na perna direita, providencialmente escondida por um sem-número de subterfúgios de poses e de vestuário. Quando menina, ficara prostrada na cama por três longos anos quando morava no sítio da família, na Vila Totti de Laranjal.

A memória dos tantos irmãos indo para a escola na cidade, enquanto ela era impedida pela doença, era imagem que a atormentava mesmo na velhice profunda. A lembrança do desejo reprimido de estudar a angustiava tanto quanto a injustiça por não ter herdado nada da riqueza deixada pelos pais, imigrantes plantadores de café que deixaram toda a herança construída apenas para os irmãos *homens*, antigo hábito italiano, ela dizia resignada.

Tudo o que os progenitores deixaram como herança havia sido dividido apenas entre *elas*. No entanto, ela amou incondicionalmente aos irmãos e, se não estou inventando, penso que quem a introduziu no processo de letramento foi um deles. Um processo que só se oficializou, de fato, com ela já adulta indo cursar o tão criticado Mobral – projeto sempre enaltecido por ela, que se lembrava dos seus tempos de alfabetização com o maior carinho.

Guardo o caderno de estudos, trabalhos de história, livros de matemática e de linguagem até hoje, posto que ela os entesourou até o final da vida. Fazem parte do espólio afetivo que ela me legou. Meu irmão se lembra que ele era pequeno e que a ajudava a fazer as lições de casa. Segundo seu depoimento enviado via whatsapp e transcrito ao lado.

**Eu e vovó fomos alfabetizados juntos. Eu um pouquinho mais adiantado, ia com ela à noite no Mobral, e visitar as amigas e professora. A professora era uma morena linda de cabelos longos que morava na esquina de tio Nadir. Acho que o nome era Vanda. Quando vovó se formou era para continuar, mas ela não quis pois já estava bom, segundo ela. Mas a “assanhada” de Maria Antônia Roma, amiga dela continuou, ela ã se conformava. Kkkk. Mas continuaram a amizade. Eu estudava com os filhos dela. Mais histórias pra contar, vivem em minha mente só boas recordações e ensinamentos que trago e ajudam a moldar os caminhos. Bjs
(Douglas Discini, 2024. 07 de maio de 2024).**

Pedação: Um dia de festa

13



A festa que não posso esquecer
foi o aniversário de meu netinho.
Eu preparei tudo: salgadinhos,
bolos e um bolo grande ~~recheado~~.
Tij tudo com carinho enquanto ele
me radiava falando sem parar.
Durante a noite já estava acumada
sentamos para esperar as crianças
Como lembravam, meu netinho

começou a ficar triste pensando
que ninguém viria.
Depois, foram chegando e a
casa se encheu de gritos
riados, correrias, muito alegria
depois todos cantando o parabéns
e ele pagou a velinha que tinha
marcado 6 anos.
No final estava nos todos
conrados mas muito felizes.

Gersina Luvizotto Farcini

Esta redação escolar leva o título de "Um dia Feliz e relata a festa de aniversário que Gersina Luvizotto, recém alfabetizada, organizou para o netinho de seis anos de idade. Ele também estava sendo alfabetizado e se recorda de ajudá-la a fazer as "tarefas" de casa. Redação vista e corrigida pela professora.

E a vó escrevia, escrevia e escrevia, com aquela letrinha tremida, esforçada, que demorava tanto para finalizar. Era uma letra caprichadíssima e insegura, reveladora da condição de quem não tinha a menor intimidade com a escrita. Esta falta de familiaridade com o universo letrado era também uma vergonha para D. Gersina, tão linda e naturalmente requintada.

O português falado era perfeito, entremeado às expressões italianas, como “chi non ha testa ha gambe”. Mas a escrita continha erros de ortografia que denunciavam a formação escolar inexistente e as palavras com cedilha invariavelmente eram grafadas com s. Escrevíamos juntas as dezenas de cartões de Natal que ela enviava todo final de ano para os que amava – e eles eram muitos. Vez ou outra, no final das mensagens natalinas, ela escrevia: “desculpe os erros”. E íamos felizes para a agência de correios local, despachar os cartões.

Eu já tinha corrigido os erros ortográficos nos rascunhos que fazíamos durante o processo de preparo dos cartões, que levava semanas, pois ela escrevia realmente muito devagar – e se impacientava com isso. A horizontalidade do texto, quando não havia linhas para seguir, como era o caso dos cartões de Natal, também era muitíssimo prejudicada. Mas todos adoravam receber aquelas mensagens no final do ano, e as retribuía efusivamente com uma singela troca de mensagens de “boas festas”. Belos “dizeres” de final de ano, como queria D. Gersina. E a árvore e o presépio ficavam carregados de cartões. Não havia o hábito de nos presentear. Mas havia troca de incríveis pratos e receitas super elaboradas entre as mulheres. E as mesas eram sempre muito fartas. O caderno de receitas é um patrimônio familiar que me foi auto legado, apesar de até hoje não saber fritar um único ovo com relativa competência ou entusiasmo.

deuvida, a 8 anos ^{afos} voce em assim
vestidinho que vovô fazia, gostava
de carregar mil coisinhas e a
darava bichinhos e abalinhos,
com frangos;
hoje uma bela jovem,
linda estudante e pianista,
usando suas saias brancas
e longas e joquetinhas,
mãe em família e atrevida

que o anjo do guarda
esteja sempre eliminando
voce e sempre ao seu redor.

...Não só neste Natal,
Mas em todos os dias deste ano
que se inicia.

Boas Festas !

Beijos da vovô e vovô



1989

Cartão de Natal escrito por vovó com sua letra insegura; e, na próxima página, lição do livro de Linguagem do Mobral que ensinava: “Pelé e do Povo”. Invariavelmente a matriarca finalizava os adoráveis bilhetes e cartões com a frase que denunciava o mal-estar com a pouca instrução formal: “desculpe os erros”.

Queridos Roguelito e Marcelo
que as festa de fim de ano
renovem suas forças e
suas coragem.

Leia com atenção a mensagem
dos seus amiguinhos!
Que esta Estrela, esteja
sempre na testa de vocês dois
que Jesus lá do alto de seus
deverá as bênçãos para
os abençoar, para sempre

Da vovô que os ama
Tanta Carinho

Que neste Natal
a Pax preencha o coração
dos homens, para que no
Novo Ano possamos viver
em um mundo melhor.

Boas Festas!

- Leonilde Torres

Pelí é

Pelí é a

Pelí é do,

do povo.

do povo

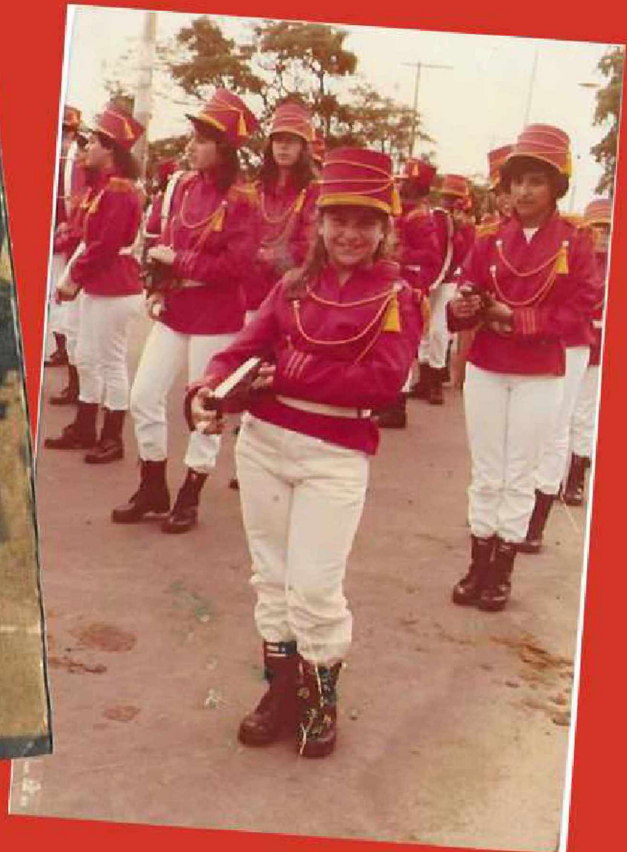
povo

O avô Nicola Discini, por sua vez, tinha horta e galinheiro no enorme quintal. Semianalfabeto também, tinha sido ferreiro na juventude. Fazia arados na fábrica do amigo Guerino Zalla. Quando se aposentou com um salário-mínimo, montou uma oficina com o irmão, João Discini, na mesma Rua Barão do Rio Branco onde morou a vida inteira. A entrada da casa dos avós tinha aquela arquitetura típica das casinhas do interior paulista dos anos 30 e 40. Escada, pequena área externa, janelão de um dos quartos virado para a rua. E uma primavera rosa que todos os transeuntes admiravam. O vô fazia balanço no pé de pera – e levava a menina para cima e para baixo com suas mãos trêmulas. Os Discini convivem com um *tremor essencial* muito característico.

Este avô desempenhava o papel de sonhador maravilhoso, alegre, vaidoso, dançarino, festeiro, cúmplice. Palhaço felliniano que brincava com o barulho da colher de sopa e dos copos batendo nos dentes por causa do infalível tremor. E ocupava, na medida do possível, o papel do pai quase sempre ausente. Observava a netinha de perto e de longe. Acompanhava o desfile da fanfarra onde ela tocava escaleta; os bloquinhos de carnaval onde brincava e tentava sambar, os recitais de piano no final do ano, os desfiles cívicos nos aniversários da cidade;



Nicola Discini e amigos fantasiados de soldados romanos para o carnaval da década de 1920, em Laranjal Paulista. Ele fez a fantasia na sua oficina de ferreiro e ganhou o concurso municipal de fantasias daquele ano.



Os irmãos Raquel e Douglas Discini, em 1981. Ela, aluna do pré-primário da E. E. Quinzinho do Amaral, carrega as flores que seriam entregues às autoridades no palanque, no dia de comemoração de alguma data cívica. Ele, aluno da E.E. Cesário Carlos de Almeida, empunha o estandarte esculpido em madeira da escola. Lugares de honra para os filhos “da” professora, Norma Discini. Em outro momento, ela na fanfarra da Escola Luiz Campacci. Em outro momento, ela na fanfarra da Escola Luiz Campacci.

as tardes na piscina do clube, na gangorra, o rolar dos corpos dela e dos amigos nos montes de barro e de areia da olaria dos amigos Laurenti.

Bem sabemos que o entendimento e a reflexão sobre as questões relacionadas à memória são das mais antigas e perenes da História. *Em que e como ela* se constitui, bem como as suas *funções* biológicas, psicanalíticas, filosóficas, políticas, culturais e históricas, dentre outras, são perguntas que atravessam as civilizações e os diferentes domínios do saber. Lembrar, esquecer, filtrar, inventar, recordar, contar, recontar é prática central da própria experiência de humanização da vida, tanto dos indivíduos quanto das coletividades.

Contemporaneamente, Marc Bloch (2002), Pierre Nora (1993), Jacques Le Goff (1984) e Paul Ricoeur (2008), dentre outros grandes historiadores do nosso tempo, ensinaram que “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (Le Goff, 1984, p. 46).

Antoine Prost (1998), por sua vez, com o didatismo que lhe é característico, ao discernir entre o tempo da História (o tempo colocado à distância e pretensamente objetivado por nós, historiadores); e o tempo da Memória (aquele impregnado de subjetividade por aquele que simplesmente recorda sem qualquer pretensão científica) sentenciou: “O tempo da história constrói-se contra o da memória” (Prost, 1996, p. 106). Afinal, conforme demonstrou:

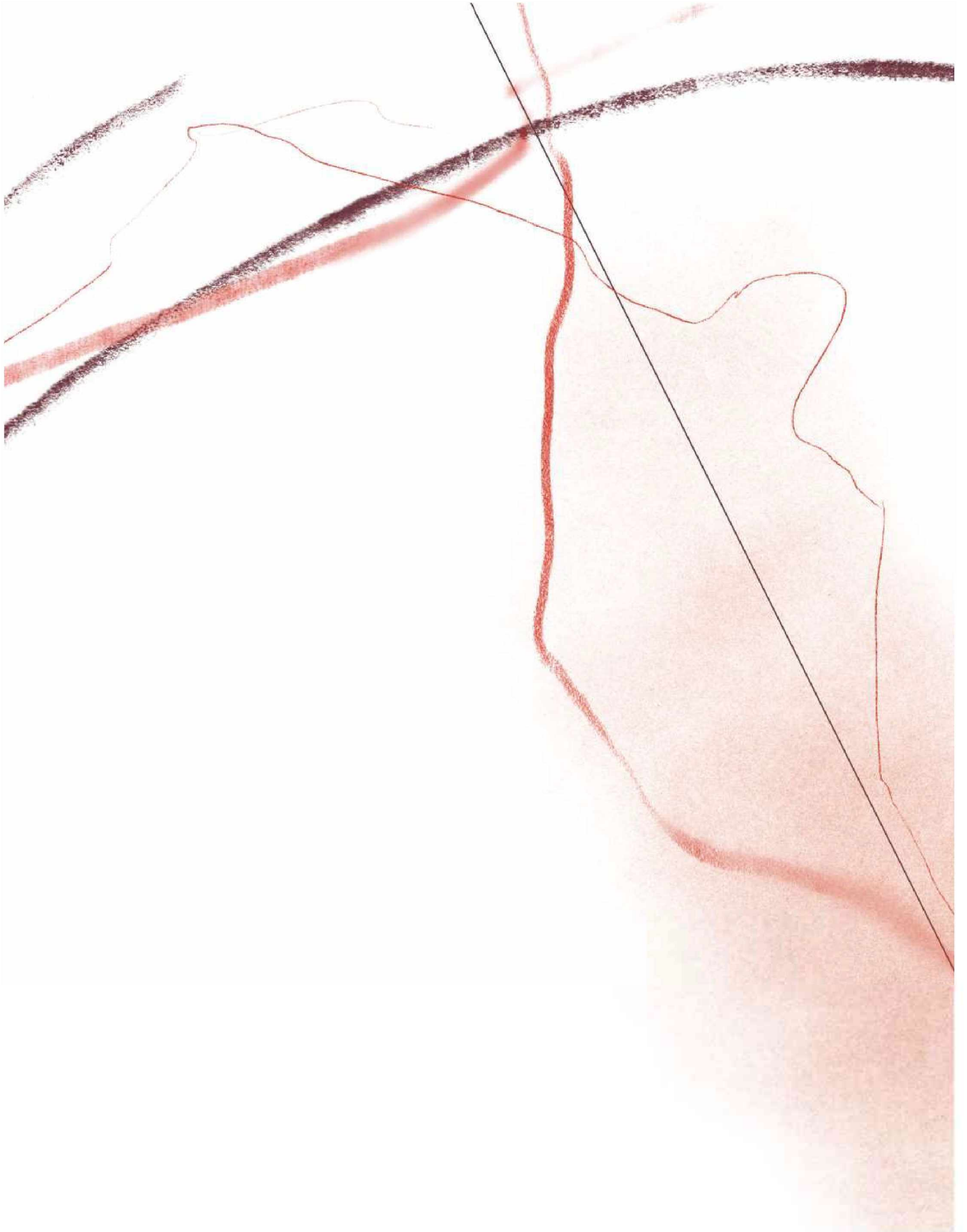
O tempo da memória, o da lembrança, nunca pode ser inteiramente objetivado, colocado à distância, e esse aspecto fornece-lhe sua força: ele revive com uma inevitável carga afetiva. É inexoravelmente flexionado, modificado, remanejado em função das experiências ulteriores que o investiram de novas significações (Prost, 1996, p. 106).

Mas é Marcel Proust (2006), na tradução de Mario Quintana, quem invoco aqui, para sentenciar que é o aroma daquele colo alvíssimo da minha avó, bem como o tato resultante do entrelaçar das mãos trêmulas do meu avô, que *jamais quero esquecer*.⁸

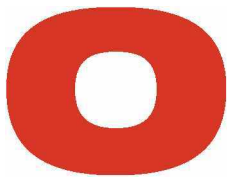
Mas quando mais nada subsiste de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas e suportando sem ceder em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação (Proust, 2006, p. 74).

Fato é que vovô e vovó tentavam jogar reboco – e, por vezes, conseguiam - na fragílima construção familiar da única filha adorada, Norma Discini, que estava sempre prestes a desmoronar. Um desmonte que finalmente aconteceu, após muitas idas e vindas de um casamento intensíssimo com Agenor de Campos, definitivamente em 1984.

8. Conforme o Houaiss invocar é sinônimo de: 1. pedir a proteção de (seres ou forças divinas, sobrenaturais); 2. pedir auxílio, assistência, recorrer.



2.2 Uma história de amor



casal Norma e Agenor vivia uma história de amor, digna dos romances do século XIX, particularmente dos escritos de Dostoiévski. Paixões, delicadezas, dramas, traições, reconciliações, vergonhas públicas e privadas, epifanias, sorte e azar: estava tudo lá.

Ela, a joia extraordinária “dos Discini”, até hoje, beirando os oitenta anos, celebrada como a “mulher mais linda de Laranjal” e como “a melhor professora” de todos os tempos e lugares por onde passou.⁹ Ele, um boiadeiro belíssimo também, e que havia estudado apenas até a quarta série, pois, além de não suportar a disciplina escolar, era um homem do campo que sempre fez o que quis. Entendia a linguagem da natureza e dos animais, e preferia tirar leite das vacas às cinco da manhã a se sentar nos bancos escolares de Tietê ou Porto Feliz, onde ficava a fazenda dos Campos.

9. Segundo informação extraída do currículo Lattes em 2024, atualmente é “professora sênior permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da USP” e “professora visitante de Semiótica na Université Paris Cité”. Estuda Semiótica Urbana, particularmente pixo e grafite, dentre outros gêneros textuais.

Ele, personagem do universo de Cornélio Pires. Ela, do mundo de Camões. Ele, fã dos programas de Inezita Barroso e Rolando Boldrin. Ela, de *Chico e Caetano*. Norma Discini e Agenor de Campos: um casal construído a partir de uma alta voltagem erótica, amorosa, trágica. Dois seres humanos opostos em quase tudo na vida, mas que se amaram perdidamente; e se odiaram também; e viveram juntos por 25 anos enquanto nos traziam ao mundo – a mim e ao meu irmão adorado.

Segundo relatos, na juventude papai entrava nas arenas dos rodeios locais para domar cavalos e bois vestindo terno de linho branco impecável – com gramatura de 190 g/m² – e saía dessas arenas sem uma sujeirinha sequer. E com o chapéu intacto ainda sobre a cabeça, detalhe sempre lembrado por ele e pelos velhos amigos peões. Tocava berrante lindamente e saía em comitiva pelo país afora. Levava as tropas até Uberaba nos anos de 1950, em viagens que duravam semanas, no então mais que longínquo sertão do Triângulo Mineiro – inacreditavelmente meu atual espaço de morada.





Papai se exibindo no famoso cavalo bravo domado por ele na fazenda dos Campos, entre as cidades Porto Feliz e Tietê/SP.

Um dia, saindo de Tietê, passou com a tropa em frente à casa de Ger-sina e Nicola, na contígua Laranjal. E lá estava ela, Norma Discini, na janela que se abria para a rua. 16 anos de idade e toda beleza, inteligência e teimosia a postos. Se casaram quando ela fez 18 – para desgosto dos pais dela. Um descontentamento gerado pelo fato de Agenor de Campos ser belo demais, simpático demais, de excelente família, filho dos primeiros fazendeiros protestantes da região, mas... inevitavelmente pródigo. E disso todos sabiam.¹⁰

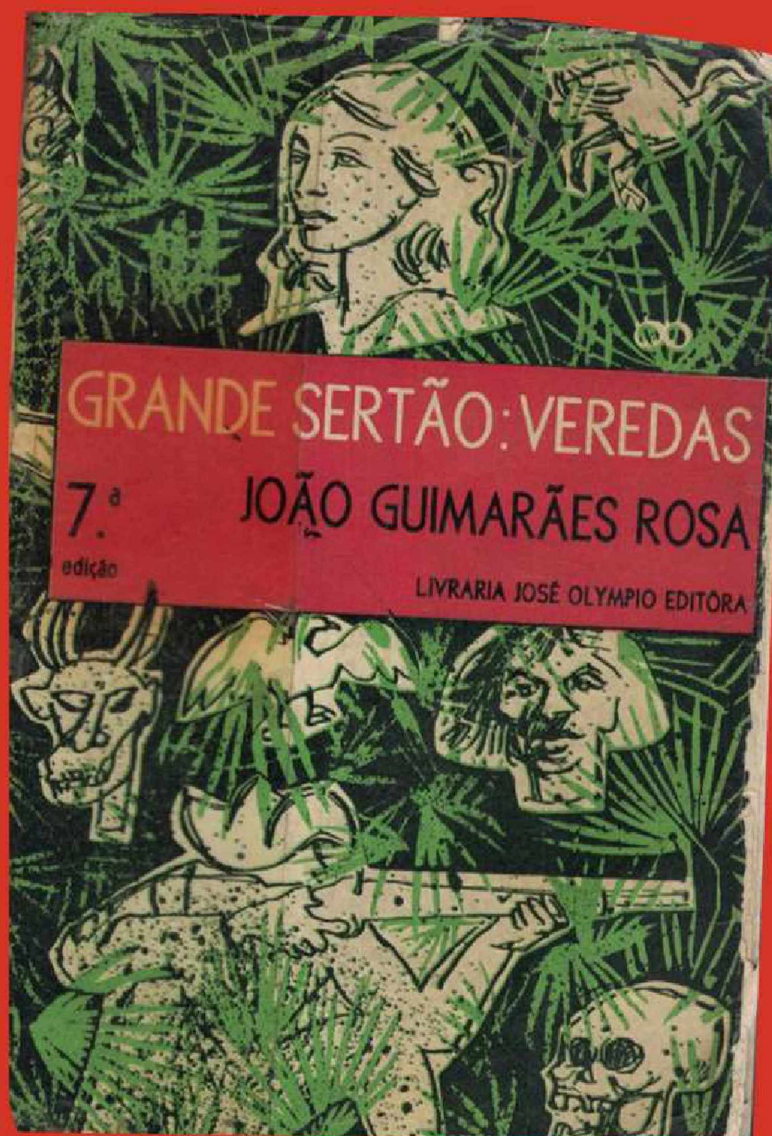
Desde muito cedo, com os encantamentos e revezes da vida aos quais a menina, Raquel, e o irmão, Douglas, foram sendo apresentados em função desta singularíssima constelação familiar, ambos entenderam que a vida se constituía num mosaico de cumplicidade, aleatoriedade, solidariedade, encantamento, coragem, beleza, gratidão, sorte, respeito, perdas e traições.

Não por acaso, esta família possuía duas bíblias em casa. A oficial, relíquia dos velhos Campos, para fins de formalismo religioso vez ou outro praticado pelo *pater*. E uma outra, ungida por Norma Discini: Grande Sertão Veredas, 7ª edição, lida, relida, rabiscada, com a capa de fundo verde criada por Poty se separando da lombada, de tanto manuseio.

“Senhor sabe: Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele...Assim é que digo: eu, que o senhor já viu que tenho retentiva que não falta, recordo tudo da minha meninice. Boa, foi. Me lembro dela com agrado; mas sem saudade. Porque logo sufusa uma aragem dos acasos. Para trás, não há paz”.

(Rosa/Riobaldo. Grande Sertão Veredas, 2001, p. 58)

10. Papai morreu há mais de uma década. Uma espécie de Karamázov nascido no interior paulista, e cravado no meu coração. Com ele aprendi a montar muitíssimo bem, a dançar e a dirigir aos 11 ou 12 anos.



Capa da “bíblia praticada”, criada por Poty para Grande Sertão. Ainda pequena me perguntava, ao observar as folhas se despregando da lombada: “por que ler e reler tantas vezes um mesmo livro”? “Por que não comprar um novo, já que este está tão velho?”. Depois entendi que mamãe já estava encarnada ali. Também estranhava os traços do artista na capa, e, obviamente, não entendia absolutamente nada do texto quando me punha a decifrá-lo aos sete, oito anos de idade. Que mistério guardava este livro?



2.3 Entre livros, bibliotecas e escolas

E

ra a dona do *Grande Sertão*, Norma Discini, “a” professora de Língua Portuguesa, “a” autora de coleções e mais coleções de livros didáticos, “a” declamadora de Fernando Pessoa, “a” professora mais bem vestida da escola, “a” oradora oficial dos eventos citadinos, com seus *scarpins*, batons, cabelos naturalmente loiros e roupas perfeitas, compradas na *boutique* de Nina Brunheira ou costuradas pela mãe. Falava fluentemente francês e inglês. E lia. E escrevia. E lia e escrevia. E dava aulas.

Montava bibliotecas na própria casa e na casa dos pais. Comprava estantes de madeira que logo estavam repletas de novos livros. E precisava de mais espaço, e de mais estantes, e de mais livros. “Tropeçavas nos astros desastrada”, disse Caetano, “e a cidade não tinha livraria”... “Tropeçavas nos astros desastrada... Mas pra mim foste a estrela entre as es-

telas”... O poeta ainda explica muito melhor do que eu o significado dos milhares de livros com os quais desde sempre coabitamos graças às obsessões neuróticas desta mãe intelectual:

Mas os livros que em nossa vida entraram. São como a radiação de um corpo negro. Apontando pra a expansão do Universo. Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso. (E, sem dúvida, sobretudo o verso). É o que pode lançar mundos no mundo. (Caetano Veloso. 1997)

Na barra das saias da mãe/“quase *miss*”/professora/autora de livros didáticos e paradidáticos singularíssima eu frequentava as quatro escolas públicas existentes em Laranjal Paulista: Cesário Carlos de Almeida, Quinzinho do Amaral, João Salto e Luiz Campacci.¹¹ As frequentava como aluna e como filha de “D. Norma” – e, por isso, ajudava a rodar provas no mimeógrafo, apagar a lousa, carregar diários de classe e caixas de giz. Não só as dela, mas as de muitos outros professores do então ginásio e colegial. A menininha tinha lá seus privilégios singelos: repetir a merenda quantas vezes quisesse, ouvir as conversas na sala dos professores e ficar na biblioteca até mais tarde, por exemplo.

Como entendo que a canção que Caetano Veloso fez para sua professora de português, D. Candolina Rosa de Carvalho, paira para muito além das especificidades do sujeito concreto, D. Candolina, posto que a música é da ordem da arte e da ficção; e como sei que o poeta, assim como eu, identifica

¹¹. Tinha notícias das escolinhas rurais e das festas dos “sítios” dos distritos, como então se falava, mas sobre elas quase nada posso contar, pois eu era uma menininha da cidadela que olhava para os moradores do “Morro Alto”, da “Capela” (Bairro rural da Capela), “dazAbóbra” (Bairro rural das Abóboras) e do “Morro Vermeio (Bairro rural do Morro Vermelho) com distanciamento.

Era uma ocupação que ainda atraía tanto os talentos visivelmente estelares, como a minha mãe, quanto outros bem menos brilhantes e, até mesmo, opacos. Contudo, ao que me parece, no geral, os professores das escolas públicas de Laranjal Paulista eram em sua maioria muito bons para os meus parâmetros daquele tempo e espaço – e sem dúvida verdadeiras autoridades simbólicas na cidadela.

É claro que estou consciente dos recortes sociais, raciais e de gênero, dentre outros, que operam ativamente nesta minha tentativa de rememoração, particularmente no que diz respeito ao olhar amoroso que lanço para as escolas, os professores e os alunos de então. São lembranças que chegam num fluxo constante, e que impregnaram os meus sonhos sobre aqueles tempos. “Deveras se vê que o viver da gente não é tão cerzidinho assim? (Rosa/Riobaldo. 2001, p. 126).

Mas essa espécie de neblina não me impede de enxergar, por exemplo, que um dos meus amigos mais velhos, “Formiga”, tinha este apelido em decorrência de um castigo escolar que lhe fora impingido cruelmente por indisciplina. A punição, impetrada por uma diretora “de fora”, ou seja, por alguém que não era originalmente de Laranjal - como assinalado com ênfase por aqueles que contavam essa triste história - consistiu em obrigá-lo a se sentar num enorme formigueiro existente na Escola Cesário Carlos de Almeida e ficar lá até não aguentar mais. O menino se machucou muito seriamente e a diretora foi exonerada. “Uma japonesa” diziam, com indefectível tom de estranhamento, visto que a região, de antiga colonização, não tinha presença de imigrantes japoneses.

Me lembro, também, que era muito comum observar um inspetor escolar, o velho Sr. Mario, que eu, aliás, adorava, vez ou outra tirar a cinta das calças e correr atrás das crianças tidas como disciplinadas no pátio da Escola Quinzinho do Amaral, na hora do re-



Dia da solenidade de entrega do diploma de pré-primário no pátio da E.E. Quinzinho do Amaral, de Laranjal Paulista, SP. A outorgante é Norma Discini. Diretor, professoras e gente conhecida ao fundo. Pus minha sandalhinha branca de saltinho, reservada apenas para os momentos mais que especiais.



Lembrança do dia 10.12.81 em que

Curso do Pré-P

Nome da Criança RAQUEL DICCINI DE CAM

Estabelecimento E.E.P.G. "QUINZINHO DO AM

Artur...
A PROFESSORA

terminei o
primário

TIPOS

ARAL"

Bataglioni

DIRETOR

ELIO CONSTANTINO BATAGLINI

DIRETOR DE ESCOLA

RG. 2.776.271

creio. Ao que consta, ele nunca bateu de fato nelas, apenas as “ameaçava” quase que como numa brincadeira. Brincadeira? As crianças corriam e pareciam gostar!¹²

Além disso, eu convivia nessas escolas com alguns poucos alunos, os chamados “repetentes”, que estavam completamente à margem daquele meu universo lúdico de sorrisos cúmplices e amorosos. Não possuíam os cadernos bem encapados como os meus, muito menos as borrachas cheirosas, os livros didáticos sempre novos, as mochilas cor de rosa, as coleções de papéis de carta da coleção Amar é... as caixas de 24 lápis de cor da marca Faber Castell, tão caras para os padrões da época, os amados adesivos e figurinhas Sara Kay, que colava nos álbuns colecionáveis e por todo o meu quarto, como as reproduzidas nessas página.



Obviamente, participavam do hasteamento à bandeira, da cantoria de hinos cívicos, da higienização bucal coletiva na hora do recreio e tudo o mais. Mas seus uniformes não eram lá muito limpos e cheirosos. Eles viviam numa espécie de alheamento. Meninos e meninas grandes, aparentemente infelizes, que estavam refazendo a série pela segunda, terceira ou quarta vez! Assim eram minhas amiguinhas Jussara, Tina e Margarida, por exemplo, que acabaram largando a escola após repetirem várias vezes de ano.

12. O nome originais dos amigos de infância e do inspetor escolar foram substituídos por nomes ficcionais propositalmente.



“Un peccato! Un giudizio! conforme dizia vovó. Para ela, tudo culpa das mães relapsas e dos pais alcoólatras, jamais do estado ou do próprio capitalismo tão desigual.

Jussara e Margarida, espécies de agregadas da casa de D. Gersina, vinham todas as noites assistir às novelas da Rede Globo, já que não possuíam televisão (e muito menos telefone) nas suas casas. Quando atingiram a idade mínima, foram trabalhar numa das fábricas de brinquedos da cidade e logo engravidaram.¹³ Eu encarava o fato com um misto de estranheza e solidariedade – e então já começava a questionar as ideias de destino, de céu e de inferno que tinha aprendido com o mal-humorado Padre Teotônio.

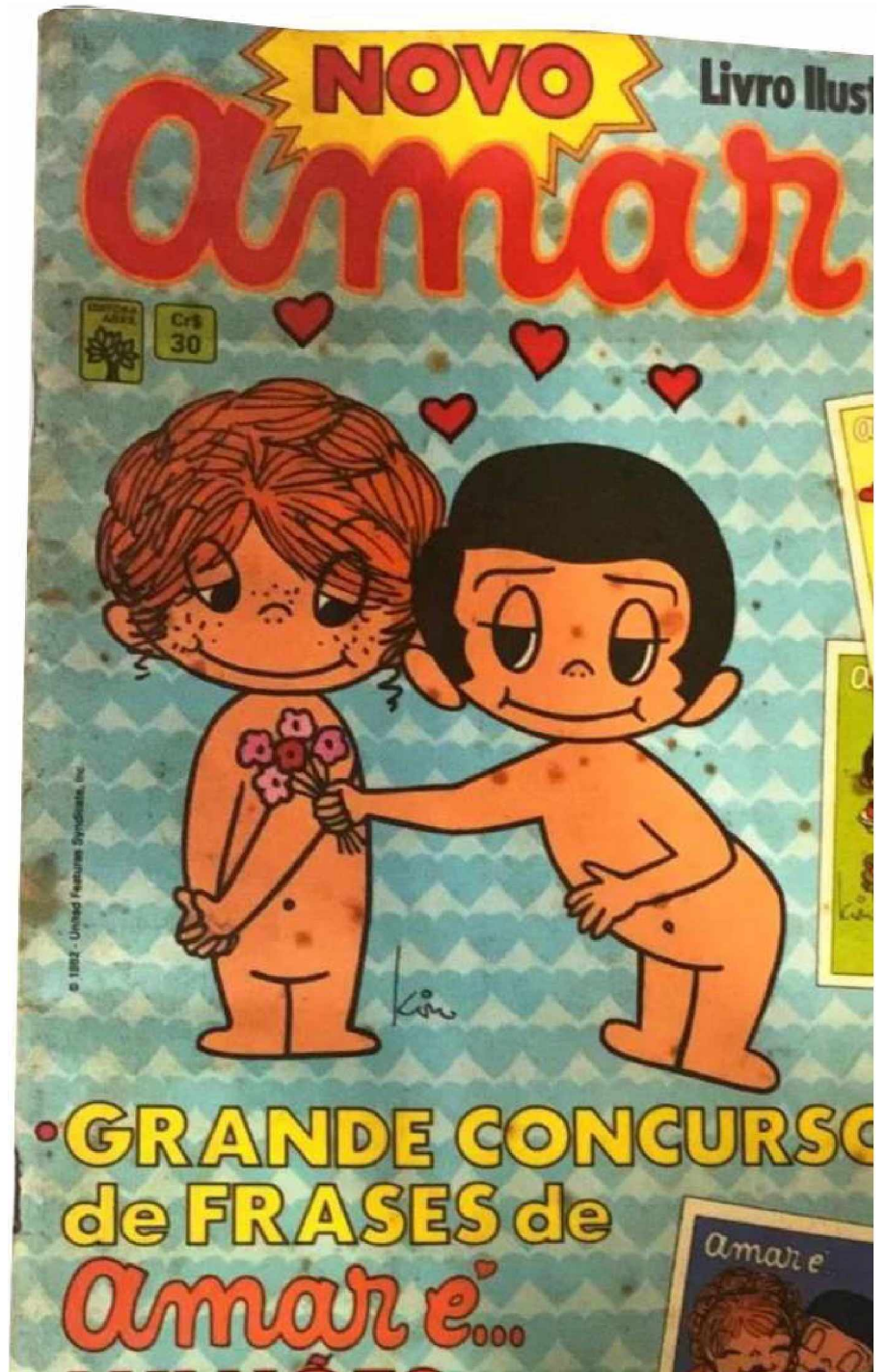
Eu enxergava, além disso, com um misto de revolta e sofrimento, o que hoje seria nomeado como *bullying* escolar. Meu amigo Mateus, por exemplo, era chamado de “Sapão” cotidianamente porque era portador de estenose crânio-facial. Particularmente aquilo me atravessava o peito. Era solidária ao Sapão; ao maluco João Tarzan; ao primo “louco” Toinho que, conforme cochichado pelos mais velhos, tinha demorado para nascer, daí a condição de “lunático”.

13. Segundo dados do site da prefeitura local, “Laranjal Paulista é o maior polo produtor de brinquedos da América Latina, está entre os três maiores do mundo. São mais de 30 fábricas, que produzem para o mercado nacional e internacional”. <https://turismo.laranjalpaulista.sp.gov.br/capital-do-brinquedo> . Acesso em 01/05/2024

Era solidária ao vizinho “retardado” também, que, segundo diziam, assim como o primo Toinho, havia demorado muito para nascer e por isso tinha ficado... “assim, daquele jeito, poverello”. Dois adultos loucos com os quais convivia bastante e que para mim eram mais ou menos crianças. Gostava da companhia deles – e eles da minha. E conversávamos sobre os assuntos mais diversos.

Tinha pena das mulheres mães dos loucos também, tia Fafá e Dona Maria – ou talvez este sentimento seja apenas um eco dos discursos da minha vó a respeito daquelas mães. Mas eu era só uma menina e já entendia que elas estavam fadadas a cuidar perpetuamente daqueles adultos tão dependentes e tão fora das normas sociais. Achava tristíssimo e meio engraçado vê-los envelhecer e continuar a se comportar como crianças diante das suas mães – e diante de todos nós.





Álbuns de figurinhas Bem me Quer e Amar É, objetos colecionáveis de devoção.

Mulheres...

Era grande a empatia pela madrinha também, diretora de escola - que um dia teve sua condição afetiva escancarada numa pichação feita por alunos no muro da casa onde morava. Desenharam um enorme “sapatão” na parede frontal - o que causou *frisson* na pequena urbe. Adorava, ainda, o primo que todos sabiam que era *gay* e que acabou tristemente morrendo de Aids nos primeiros tempos da epidemia. E ainda a prima, advogada brilhante, destruída pelo alcoolismo e com poucos dentes na boca, que morava sozinha na bela casa dos antepassados cuidando da mãe senil. Ou seria a mãe senil que ainda cuidava da filha alcoólatra?

Mulheres...

Penso que esta espécie de identificação com os *outsiders* da cidade se dava porque eu já sabia – mesmo sem *desejar* sabê-lo – que nem todos nasciam para ser noivas de quadrilha, estampar as capas da revista *Capricho*; ou para ter papai e mamãe estáveis, presentes e previsíveis – como gostaria *realmente* que fossem os meus.

Esta solidariedade para com os “anjos tortos”, talvez se desse também porque desde muito cedo aprendi com a minha família a respeitar e a desconfiar das normas sociais hegemônicas, (com exceção dos ensinamentos da minha avó, aparentemente integradíssima). E ainda porque, desde sempre, trazia inscrita em mim a marca corporal que de imediato me distinguia e me tornava dessemelhante das demais meninas que conhecia: a obesidade. Uma marca que me aproximava espiritualmente, digamos assim, daqueles marginalizados todos que conhecia.

Corpos de mulheres.

Mas a humanidade e o estranhamento...ah, tais condições transcendem os gêneros sociais, assim acredito. Vejamos o que diz Drummond no seu Poema de sete faces (2002)

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do -bigode,

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Mas conforme minha percepção, esta condição peculiar – a obesidade – sempre me traiu e denunciou socialmente. Naqueles tempos, estava sempre às voltas com endócrinos, remédios, dietas, balanças, fitas métricas, comilanças secretas - e muitos, muitos quilos extras e inibidores de apetite. O horror às aulas de Educação Física de repente se instaurou e aprendi a falsear atestados médicos para fugir desta terrível prática escolar.

Mas aí eu já estava me transformando em outra pessoa, que, mesmo sem querer, se mudava de turma e de cidade. Enormes terremotos privados revolveram mais uma vez o terreno familiar e, de Laranjal Paulista, fui morar em pleno Largo do Arouche, São Paulo, Edifício São Felipe, n. 179. Era o ano de 1986.¹⁴

14. Segundo dados da Prefeitura, a região metropolitana de São Paulo no censo do IBGE de 1980 possuía 12.588.725 habitantes. Só a cidade de São Paulo tinha 8.493.226 habitantes. Que diferença em relação à minha Laranjal, “Dio Mio”. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/urbanismo/infocidade/htmls/7_populacao_recenseada_1950_10552.html. Acesso em 01/05/2024.



2.4 Um piano numa quitinete do Largo do Arouche, São Paulo.

Num átimo de segundo, não usava mais os vestidinhos nem pedalava a *Cecizinha*. Fumava alguns cigarros *Malboro* com novos/velhos amigos e experimentava o sabor dos primeiros beijos. No entremeio do eterno subir e descer dos ponteiros da balança, de supetão estava morando em São Paulo, capital. E era, por fim, anônima, pegando ônibus e metrô para todos os lados da cidade grande.

Pintava as unhas de preto e vestia roupas incríveis da nascente indústria da moda nacional (Zoomp, Ellus, Forum, Boat), ouvia *Guns and Roses* e frequentava a Galeria do Rock com minha inseparável amiga Carla Zalla – também oriunda da cidadela e ávida pelas inéditas experiências possíveis naquela São Paulo dos anos 80. Que sofrimento e que sorte sair de Laranjal Paulista. Que amargura e que bom destino descobrir que o mundo era muito maior do que o Largo de São João Batista. Ouçamos a Confidência do Itabirano (Andrade, 2002) que bem poderia chamar Confidência de um Laranjalense.

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e
comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e
sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

A mudança definitiva para a capital se deu algum tempo depois da drástica separação dos meus pais. A partir de então, mamãe foi abrir caminho na metrópole, com a ajuda do grande amigo Ademar, professor de Geografia que já havia saído do interior há tempos rumo à metrópole em busca de uma vida que transcendesse às escolas, às praças, às procissões e os coretos da Paulistânia. Professor atuante, generoso, inteligentíssimo, cosmopolita, com ótimas redes de sociabilidade, chique e engraçado, “dos Scudeler”. Fiquei, então, ainda um tempo com vovô e vovó, enquanto mamãe preparava a nossa nova casinha na capital, com a imprescindível ajuda do amigo de todas as horas.

Agenor de Campos, enfim, seguiu sua natureza de homem livre das amarras e obrigações familiares que, de fato, nunca o interessaram muito. De modo que ficou desimpedido para cumprir o destino extraordinário de dissipar o consistente patrimônio construído pelos antepassados: seus pais, irmãs e tias; e por Norma Discini. “Na maioria dos casos, as pessoas, inclusive os facínoras, são muito mais ingênuas e simples do que costumamos achar. Aliás, nós também” (Dostoievski. Os irmãos Karamázov. 2009, p. 20).



Tíquetes dos shows e espetáculos diversos que frequentava assiduamente em São Paulo. De shows de rock a espetáculos de balé. De exposições na Pinacoteca às peças de teatro. Jazz, reggae, MPB, hardrock, tudo parecia caber em mim.

E assim, de repente, aos 11/12 anos, bastou uma pequena caminhonete para levar as minhas coisas para a grande cidade. Um indesejado destino, apesar de tanto aspirar estar ao lado da minha mãe. Na bagagem, um piano e partituras importadas de Bach, Handel e Schumann, algumas malas com roupas, 20 e poucos bons discos de *rock n' roll* e um abajur rosa. Em plena vertigem, no *loop* da montanha-russa “mêu”! “Lá vou eu”, cantou Rita Lee em 1976.

Num apartamento. Perdido na cidade. Alguém está tentando acreditar. Que as coisas vão melhorar. Ultimamente. A gente não consegue. Ficar indiferente. Debaixo desse céu. Do meu apartamento. Você não sabe o quanto eu voei. O quanto me aproximei. De lá da Terra. As luzes da cidade. Não chegam nas estrelas. Sem antes me buscar. E na medida do impossível. Tá dando pra se viver. Na cidade de São Paulo. O amor é imprevisível como você. E eu. E o céu. Lá vou eu. Com o que Deus me deu. Escutando o som. Conquistando o céu. Desprezando o chão. Da janela do sétimo andar. Sem elevador. E a cara feia do zelador. Venha correndo. Venha, venha me dar amor (Rita Lee, 1976).

Fomos morar bem próximas da Secretaria Estadual de Educação, onde mamãe passou a trabalhar. Estranhava muitíssimo a cidade, o cheiro, o trânsito, a solidão, os elevadores e tudo o mais. Me incomodava e me interessava por tudo e por todos. Quanta gente diferente e intrigante atravessava minhas retinas. Quantos “homens-placa” anunciando empregos, cursos, compra e venda de ouro e de pedras preciosas em plena luz do meio-dia, na rua Barão de Itapetininga. Quantos prédios bonitos, com elevadores de portas pantográficas douradas, só vislumbradas até aquele

instante em filmes antigos. E ainda tinha o inacreditável *Mappin*, bem em frente ao Teatro Municipal. Naquele paraíso do consumo diversificado, eu passava as tardes descobrindo e experimentando cosméticos, cuidando da pele, comprando maquiagens e mais uma infinidade de coisas até então inéditas para mim.

O centro de São Paulo possuía também dezenas de bancas de revistas, com impressos raros e importados de diferentes países. Sr. Delfo, o velho jornalista, ficaria abismado com a quantidade de revistas femininas que existia no mundo. Quem poderia se interessar e comprar revistas femininas alemãs? E para quê tantas lojas de discos, de chapéus e bengalinas, de roupas de padre (um espanto saber que existiam lojas que vendiam roupas e adereços para padres), de homeopatia, de comidas e bebidas importadas e estúdios de tatuagem? *Alegria, Alegria*, proclamou Caetano naquele fatídico ano de 1968, quando eu não era nem nascida e mamãe, então casada com um ex padre comunista professor da PUC, fugia dos militares em Perdizes, na primeira – ou segunda? – separação do boiadeiro Agenor de Campos.

Caminhando contra o vento. Sem lenço e sem documento. No sol de quase dezembro. Eu vou. O sol se reparte em crimes. Espaçonaves, guerrilhas. Em Cardinales bonitas. Eu vou. Em caras de presidentes. Em grandes beijos de amor. Em dentes, pernas, bandeiras. Bomba e Brigitte Bardot. O sol nas bancas de revista. Me enche de alegria e preguiça. Quem lê tanta notícia. Eu vou. Por entre fotos e nomes. Os olhos cheios de cores. O peito cheio de amores vãos. Eu vou. Por que não, por que não? (Caetano Veloso, 1968).

Mas voltemos ao ano de 1986, tempo da derradeira separação. Mãe havia se tornado gestora no DRHU (Diretoria de Recursos Humanos),

departamento da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo; e eu estudava na então sexta série da Escola Estadual Caetano de Campos, na rua Guimarães Rosa (!), em meio à efervescência de uma Praça Roosevelt punk, roqueira, gótica, teatral, cinematográfica e skatista. Transitava também pela Praça da República e arredores: 24 de maio, Vieira de Carvalho, 7 de abril, Rego Freitas, Bento Freitas, General Jardim.

Assistia aos comícios de Luiza Erundina e de Lula, dois nordestinos de baixa estatura que se agigantavam quando pegavam no microfone e saudavam os ouvintes. Via alguns comícios com milhares de pessoas, e outros tantos esvaziados, com duas centenas. Esses eventos menores eram proferidos em cima de pequenos palanques de madeira – que eram muito semelhantes, aliás, àqueles nos quais se apresentavam as duplas caipiras nas festas de S. João da minha Laranjal.

E torcia demais por aquela trupe aguerrida: Lula, Luiza, Os “Zés”- Genoíno e Dirceu – e o “casal sensacional” Marta e Eduardo. Aquela conversa toda sobre a importância das mulheres na política, dos direitos dos trabalhadores, o feminismo e tudo o mais começava a fazer sentido intelectualmente para mim – porque *sensivelmente* eu sempre estive atenta a essas questões. Que alegria quando Erundina venceu as eleições para a prefeitura, a qual ocupou de 1989 a 1992. Cantei a plenos pulmões, com meus novos contrerrâneos, o jingle da campanha da Erundina, que era assim:

Quando todos souberem bem do carinho e coragem que você tem; como naquela canção, se darão as mãos, homem e mulher. É, aí você bota ordem na casa como tem que ser; com carinho e coragem Luiza, São Paulo tem você. Luiza, só sendo mulher, para acabar com esse tipo de gente que rouba e que mente. Mas todo mundo vê e fica PT da vida. Com carinho e coragem, Luiza, São Paulo tem você (Hilton Acioli, 1988).¹⁵

E que desgosto ver o projeto do Partido dos Trabalhadores ser sucedido pelo do grupo liderado por Paulo Maluf, em 1993. Todavia, no meio dessas duas gestões, a de Erundina e a de Maluf, teve a utopia da primeira candidatura de Lula à presidência, em 1989. Uma miragem que vi crescer dia a dia pelas ruas da cidade, até explodir nos grandes comícios da Avenida Paulista. Era bonito viver aquilo tudo em meio às massas anônimas da cidade de São Paulo. Nunca me filiei a nenhum partido, posto que jamais nutri muitas identificações com a militância, muito pelo contrário. Mas usava vez ou outra meus broches do Partido dos Trabalhadores, comprados nas barracquinhas para ajudar a fazer caixa para as campanhas. Mesmo sem ter idade para votar, pois tinha apenas 14 anos de idade, sonhava que Lula poderia ser presidente em 1989. E me engajei como pude na campanha.

Passa o tempo e tanta gente a trabalhar. De repente essa clareza pra votar. Sempre foi sincero de se confiar. Sem medo de ser feliz. Quero ver você chegar. Lula lá, brilha uma estrela. Lula lá, cresce a esperança. Lula lá, o Brasil criança. Na alegria de se abraçar. Lula lá, com sinceridade. Lula lá, com toda a certeza pra você. Meu primeiro voto. Pra fazer brilhar nossa estrela. Lula lá, é a gente junto. Lula lá, valeu a espera. Lula lá, meu primeiro voto. Pra fazer brilhar nossa estrela (Hilton Acioli e Paulo de Tarso, 1989).

15. Só agora penso no machismo do verso que dizia que a Erundina iria “botar ordem na casa como tem que ser”. E ainda observo de muito perto esta mulher que tanto me inspira ainda hoje: velha, lúcida, combativa, cidadã.

Eu já experimentava politicamente a cidade desde os tempos de Mario Covas (1983-1986), por quem sempre nutrimos grande respeito lá em casa, juntamente com Ulysses Guimarães, por causa das “Diretas Já” e da Constituinte. E vivenciei ainda a administração de Jânio Quadros (1986-1989) como prefeito da cidade. Este último, no entanto, conforme a nossa percepção doméstica, era ridículo e anedótico, *apesar* de ter sido professor de Geografia no Dante Alighieri e no Vera Cruz. O fato de ele ter sido docente era uma “vergonha para o professorado”, conforme dizia o pessoal do DRHU.

Assistia e me misturava às inúmeras paralisações dos professores e dos bancários na praça da República. Eram duas categorias em constante efervescência política que vez ou outra se concentravam em frente à Secretaria do Estado da Educação – que só muito mais tarde fui saber que era o lugar erigido para ser a icônica Escola Normal da Praça (Monarcha, 1999).

Em meio à descoberta da “política”, passava muitas tardes andando sozinha pelo centro velho de São Paulo. Entrava na Livraria Francesa da Barão de Itapeitinga e na Duas Cidades, da Bento Freitas. Comprava roupas e sapatos na rua do Arouche, comia no Carlino e n’O Gato que Ri, ia ao Cine Bijou e ao cine Arouche, quase sempre sozinha. À *confeitaria Dulca*, na rua Vieira de Carvalho, à Biblioteca Mario de Andrade, na Consolação, e ao Conservatório Dramático e Musical. Aos poucos, ia descobrindo um lugarzinho meu, em meio a Augusta, Angélica e Consolação, como cantou Tom Zé (1973). Era um mar de gente e de possibilidades.

Augusta, graças a Deus. Graças a Deus. Entre você e a Angélica. Eu encontrei a Consolação. Que veio olhar por mim. E me deu a mão. Augusta, que saudade. Você era vaidosa. Que saudade. E gastava o meu dinheiro. Que saudade. Com roupas importadas. E outras bobagens. Angélica, que maldade. Você sempre me deu bolo. Que maldade. E até andava com a roupa. Que maldade. Cheirando a consultório médico. Angélica. Augusta, graças a Deus. Entre você e a Angélica. Eu encontrei a Consolação. Que veio olhar por mim. E me deu a mão. Quando eu vi. Que o Largo dos Aflitos. Não era bastante largo. Pra caber minha aflição. Eu fui morar na Estação da Luz. Porque estava tudo escuro. Dentro do meu coração.

Pensando bem, desde os tempos de Laranjal, por vezes eu incorporava um espírito inspirado em Rita Lee, a “mais completa tradução” de São Paulo, segundo o poeta (Caetano Veloso, 1978). Estava, mesmo sem querer, muito mais para a “ovelha negra” (Rita Lee, 1975) cantada pela roqueira do que para a noiva da quadrilha da escola. Mais atraída pela história de “Leila Diniz” do que para a realeza de “Diana cornuda”, ridicularizada pela minha “Santa Rita de Sampa” em “Todas as mulheres do mundo”. Mas foi só em São Paulo que essas mulheres todas emergiram naquela adolescente que se misturava aquele “mundaréu” de gente.

Elas querem é poder. Toda mulher quer ser amada. Toda mulher quer ser feliz. Toda mulher se faz de coitada. Toda mulher é meio Leila Diniz. Garotas de Ipanema, minas de Minas. Loiras, morenas, messalinas. Santas sinistras, ministras malvadas. Imeldas, Evitas, Beneditas estupradas. Toda mulher quer ser amada. Toda mulher quer ser feliz. Toda mulher se faz de coitada. Toda mulher é meio Leila Diniz (...) (Rita Lee, 1993).

E de repente me vi completar 15 anos de idade rodeada pelos amigos(as) da minha mãe do CTDHRU, que tocavam, bebiam e cantavam músicas de boemia no meu piano – que, por sinal, ocupava metade da quitinete. Estávamos, eles e eu, cheios de esperança ao redor do meu bolinho de aniversário e cantávamos Ronda (Vanzolini, 1953) com vontade e alegria.

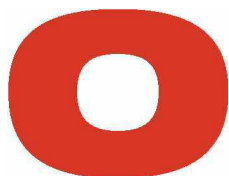
**De noite eu rondo a cidade. A te procurar sem encontrar.
No meio de olhares espio,
Em todos os bares. Você não está...Volto pra casa abatida,
Desencantada da vida. O sonho alegria me dá:
Nele você está.
Ah, se eu tivesse. Quem bem me quisesse. Esse alguém me diria:
“Desiste, esta busca é inútil”. Eu não desistia,
Porém, com perfeita paciência. Volto a te buscar. Hei de encontrar
Bebendo com outras mulheres. Rolando um dadinho. Jogando bilhar
E neste dia, então. Vai dar na primeira edição:
Cena de sangue num bar. Da Avenida São João.**

Foi só ao experimentar viver em São Paulo que compreendi, sensivelmente, que “o ar da cidade torna o homem livre”, conforme antiquíssimo dito medieval recuperado por Le Goff (2018, p. 205). A propósito, morando na metrópole, virei frequentadora assídua de grande parte dos shows e festivais de rock que aconteciam na Paulicéia. Conheci nordestinos, peruanos, japoneses, halterofilistas, executivos, “menores” cheiradores de cola de sapateiro, roqueiros, advogados, prostitutas, carecas do subúrbio, cafetões, travestis, artesãos. Peruas ricas, surfistas de final de semana, estudantes secundaristas militantes da UJS, tatuadores, *rodies*, músicos, artistas de hip-hop, do teatro e da famosa “Boca do Lixo”, grafiteiros, traficantes do Bixiga, bêbados quatrocentões sofisticados, aristocratas e decadentes. Sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, frequentadores e trabalhadores da *Love Story*, sambistas, intelectuais da PUC e da USP, velhos hippies, sociólogas, estilistas de moda, as judias ricas da Aliança Francesa, muitas paqueras e um primeiríssimo amor que durou anos. Ele teve vida, beleza – e morte – *de rock star*.

E experimentei uma quase reprovação escolar, no mesmo momento em que recebi um “convite” para me *retirar* da escola Caetano de Campos ao finalizar a oitava série ginásial em função do péssimo comportamento – e das ótimas e inesquecíveis companhias.



2.5 Vida de estudante na Paulicéia



s tempos de São Paulo foram intensíssimos e as confusões escolares refletiam as desordens internas. **“O sério é isto, da estória toda – por isto foi que a estória eu lhe contei - : eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome. (Rosa/Riobaldo 2001, p. 125).** Tive mais maus do que bons professores na Caetano de Campos. Cheguei para ficar meio semestre na escola e finalizar apenas a sexta série. Era meio do ano, e eu convenci mamãe a me deixar por lá. Eram tantas as mudanças em curso no final das contas! Fui conseguindo ficar na Caetano, com a promessa de continuar estudando piano e de iniciar um curso de idioma na Aliança Francesa, na rua General Jardim, pertinho de casa.

Daí para a expulsão da Caetano, dois anos e meio depois, incontáveis desencontros aconteceram – entre mim e a autoridade do diretor e de alguns professores – e muitos outros encontros também se deram – entre mim e uma turma de divertidíssimos alunos irremediavelmente transgressores.¹⁶

Apreendi a “matar” aula para “zanzar” e fumar na Praça Roosevelt, a “colar” nas avaliações de matemática e a fazer as provas de português no lugar de alguns colegas que tinham dificuldade neste campo de saber. E nutria um misto de desprezo e piedade pela Prof. de Ciências que, quando perdia completamente o controle da sala, o que era rotineiro, dizia, inconformada, “eu me formei na Uuuuuuusspp, sou uma pesquisadoooooU-UUUooooora” e desatava a chorar pela má sorte de ter se tornado professora da rede pública paulista, conforme ficava evidente em sua aversão pela classe e pela sua própria situação de docente do nível que à época nomeávamos como 1º Grau.

Mas aborrecimento mesmo eu nutria pelo professor de Física, que não sabia nossos nomes e se referia a cada um de nós conforme o respectivo número do livro de chamada, ou pela alcunha de... “cidadão (ã)”! Inacreditável. Também alimentava grande antipatia pela megera professora de Educação Física, que só fazia ensinar ginástica olímpica para as meninas atléticas e me olhar com uma expressão de reprovação e desprezo. Jamais dirigiu a palavra a mim, e poucas vezes me direcionou o olhar. E, com ela, gastei muitos falsos atestados médicos informando que sofria de arritmia cardíaca severa – condição que obviamente ela sabia ser pura invenção.

16. Nossa ida para São Paulo coincidiu com a descoberta de que vovô estava com câncer de pulmão e com a longa agonia pela qual ele passou. Foram dois anos atozes – apesar de todo o amparo médico possível naqueles tempos – em que ele passou em cima da caminha na qual nos deitávamos juntos quando eu era criança para ele fazer a *siesta*.

E que mudança radical na minha posição de aluna, bem como no meu olhar para a instituição escolar e para seus agentes, se comparado com o que tinha vivido em Laranjal Paulista. Poderia passar horas falando sobre esses originais sujeitos escolares com os quais me deparei na Caetano de Campos, bem como sobre os impactos da nova vida de estudante e da minha deficitária formação naqueles tempos. Mas sigamos.

Após os desencontros com a escola, do abandono das aulas de piano e de francês, afinal, “it’s only rock ‘n’ roll, but I like it, like it, yes, I do” (Keith Richards / Mick Jagger, 1974), fui cursar o colegial no Colégio Rio Branco, tradicional reduto das elites econômicas e intelectuais paulistanas. Um outro universo em relação ao que havia experimentado na Caetano até então. Me saí muitíssimo bem nas disciplinas de Humanas. Descobri a Geopolítica com enorme interesse; e as aulas de Geografia, Literatura e, principalmente, História, que me encantavam e desafiavam.

Mas comecei a ter sérios problemas com as disciplinas de Matemática, Física e Química. Os ainda recentíssimos veios abertos pela transgressão escolar dos tempos da Caetano rapidamente cobraram seu preço. O curso colegial era praticamente integral no Rio Branco e, além disso, passei a frequentar as insuportáveis aulas particulares de Matemática aos sábados, com uma professora de matemática triste e monossilábica, para tentar acompanhar a turma nas Exatas.

Antevi uma possível reprovação e, entre cálculos financeiros e existenciais, achei por bem me mudar para uma escola menos exigente. O que se deu quando me transferi para o Colégio Claretiano, no mesmo bairro de Higienópolis, mas, então, com clientela e cobrança totalmente diversas do Rio Branco. A indicação da nova escola partiu de uma querida amiga, filha de italianos que conhecia dos shows de rock: talentosa, inteligente e insurgente até o último fio de cabelo oxigenado, Daniela Spallanzani. Com ela, no Claretiano, encontrei novos amigos. Um deles, em especial, se tornou irmão para toda a vida: O talentosíssimo e repetente Luiz Macario de Souza. Luiz



Luiz Macário se tornou irmão de coração. Aqui ao lado de Andrea Zulian, um encontro definitivo.

vesse mais madura e organizada. Fazia os meus trabalhos escolares e muitas vezes os dos meus amigos amados também. Por isso, quando cheguei ao terceiro colegial, decidi fazer cursinho no Anglo, da rua Sergipe, no período da manhã, e cursar o último ano escolar, concomitantemente ao cursinho, no período da noite. A ideia era estudar muito no Anglo, na época um dos melhores preparatórios para o vestibular na cidade de São Paulo.

Até hoje tenho pesadelos que trazem como cenário os meses em que voltei para estudar à noite na velha Caetano de Campos, onde fui aceita de volta após o banimento no ginásio. Por outro lado, a experiência no Anglo foi inesquecível. Ótimos professores: inteligentes, jovens, sedutores, ricos, às vezes cínicos, quase sempre engraçados e competentes. Todos eram homens naquele cursinho pré-vestibular – e eu já estranhava a ausência de mulheres na docência daquele nível de ensino. Da direção aos novatos “plantonistas” que tiravam as dúvidas dos vestibulandos no contra período, não tinha uma única mulher trabalhando naquela instituição, com exceção das secretárias.

E lá estavam eles, excelentes: Demétrio Magnoli, De Paula, Tide, Giba,

e Daniela, dois exemplos de alunos inteligentíssimos absolutamente incompreendidos pelo sistema escolar de então.

De minha parte, passei a ter método de estudo e me integrei completamente à paisagem paulistana, obstinada a cursar uma faculdade de excelência. Quem sabe, talvez estivesse mais madura e organizada.



Carteirinha da turma A71 (Humanas).
Anglo da Rua Sergipe, Higienópolis, SP.

Ricardo e Arthur – estes dois últimos, memoráveis professores de História Geral e História do Brasil, disciplina para a qual eu definitivamente me entregava com o coração aberto.

A minha sala era formada apenas por alunos de Humanas. Uma moçada bonita que queria cursar Direito, Psicologia, Jornalismo, Arquitetura – e uns poucos que aspiravam História, Geografia e Filosofia. Comecei a flertar seriamente com a possibilidade de cursar História ou Jornalismo no ensino superior. Sabia que iria tentar exclusivamente os vestibulares das estaduais paulistas. Mas... apostar em qual curso?

Concomitantemente à esta experiência, no mês de setembro, mamãe era diagnosticada com câncer no intestino. Então vivemos – ela e eu, de mãos dadas – uma experiência de 12 meses sobre a qual talvez seja melhor continuar a olhar com a distância das três décadas que nos separam daquele período do que com muita proximidade. Afinal, não há motivo para nos abeirarmos em demasia daquele momento, mesmo porque o desfecho desta história foi verdadeiramente feliz. Palavras como quimioterapia, emancipação, cartório, debridamento, colostomia e algumas outras que aprendemos sem desejar eu aspiro calmamente *esquecer*.

O esquecimento feliz é aquele que permite ir além do ressentimento, isto é, não um esquecimento primário e tosco, não uma amnésia ou anistia, mas um esquecimento adquirido, muitas vezes a duras penas, por um trabalho de lembrança tão profundo que permite fazer as pazes com o passado (Gagnebin, 2014, p. 231).

No último dia do calendário oficial para inscrição nos processos seletivos das universidades, ela me registrou para o vestibular de História, na Unesp; e para o de Jornalismo na USP. Não tinha me preparado suficientemente, bem sabíamos – e eu já me organizava para cursar mais um

ano de pré-vestibular. Não atingi a nota mínima para a ECA/Usp, mas, inesperadamente, passei na Unesp/Assis. Coursar uma faculdade particular jamais esteve no meu horizonte, diferentemente de quase todos os meus amigos de então que permaneceram confortavelmente na casa dos pais, em São Paulo.

Segui para a Unesp. Novamente na estrada rumo ao desconhecido.

Morei por alguns meses numa pensão – a pensão da D. Maria, na rua Rui Barbosa - depois numa república e, finalmente, com aquele moço charmoso, muito inteligente e levemente arrogante por quem me apaixonei logo no primeiro ano do curso de História. Marcelo Lapuente Mahl: um atleta com ares de nobreza.¹⁷

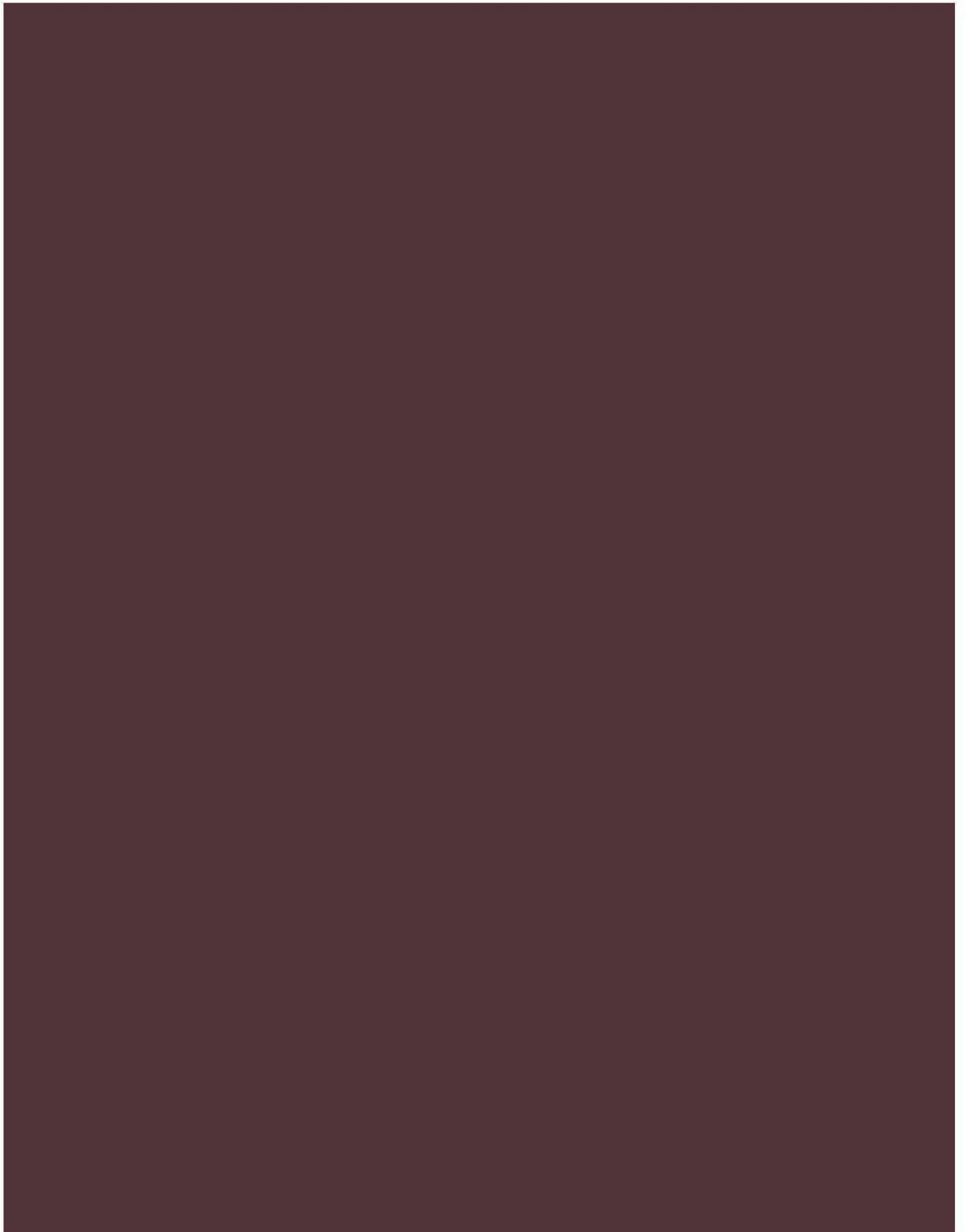
E foi no Seminário Internacional Liberalismo e Socialismo: Velhos e Novos Paradigmas, realizado na Unesp de Marília, em 1993, que decidi permanecer no curso de História. Lá vi e ouvi Gabriel Cohn, Ernest Ezra Mandel, Giacomo Marramao, Robert Kurz, Anthony Giddens, Aziz Nacib Ab’Saber e Maurício Tragtenberg, dentre outros. Aluna do primeiro ano da graduação, pouco ou nada entendi sobre o que disseram, mas muito compreendi sobre o mundo dos congressos, das orientações, dos livreiros, das comunicações, das mesas e palestras. A universidade pública - com suas muitas possibilidades e contradições; bibliotecas, aulas, textos, xerox, diretórios, grupos, chances e chatices - se abria definitivamente para mim. Rapidamente percebi, ao lado do a partir de então inseparável Marcelo Lapuente, que era naquele universo que gostaria de estar – talvez para sempre.

Para sempre ou por enquanto?

17. Remeto aqui à nobreza no sentido medieval do termo (Bloch, 2009), ou seja, não apenas àqueles que governavam ou protegiam às populações na Idade Média e gozavam de determinado status social, mas àqueles que eram símbolos de virtude, justiça e generosidade. Falo em nobreza em termos de conduta moral e ética, tal qual Caetano nomeia a nobreza da sua professora Neide Candolina como uma “nobreza brau”.

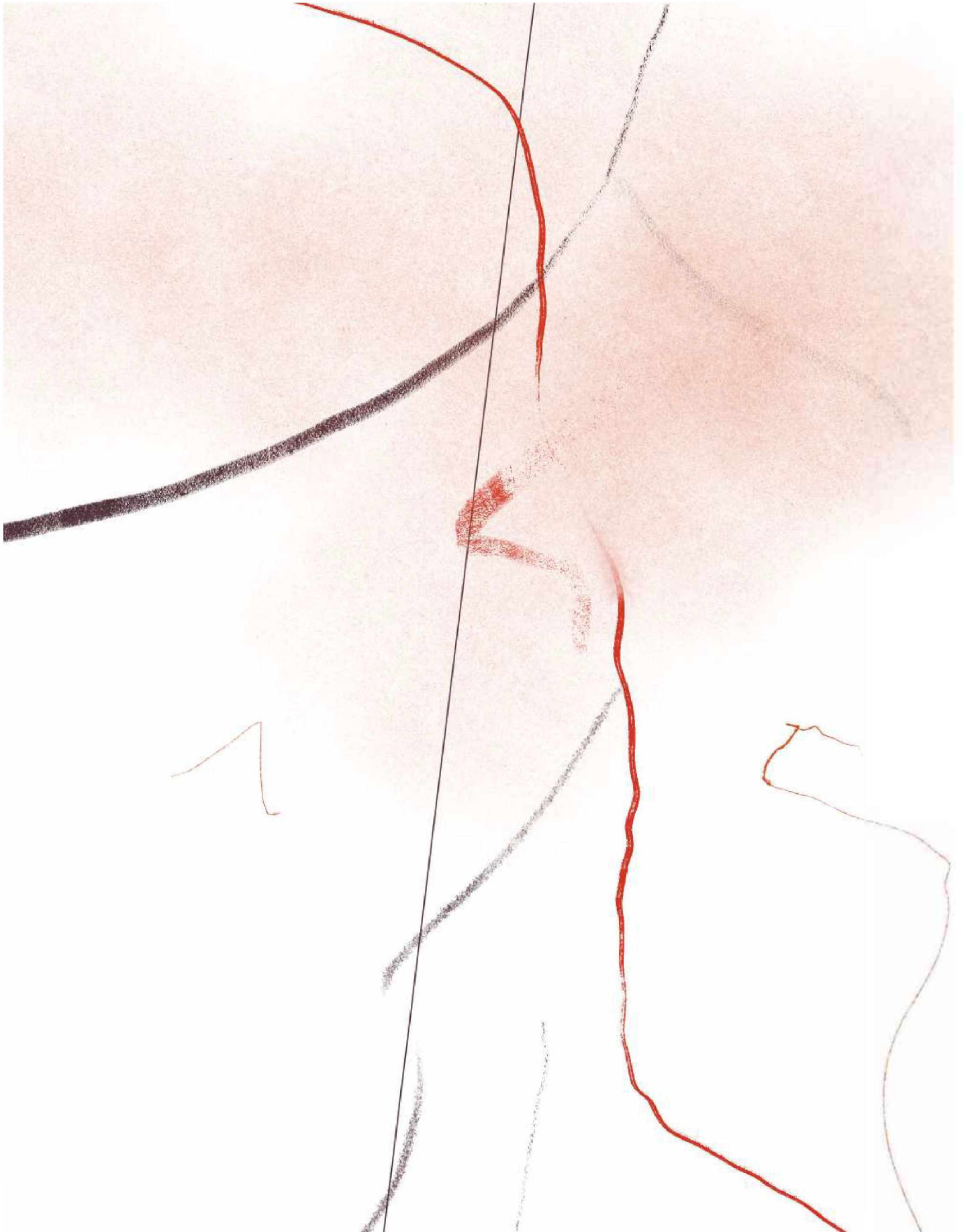
**Enquanto isso, anoitece em certas regiões.
E se pudéssemos ter a velocidade para ver
tudo? Assistiríamos tudo. A madrugada perto
da noite, escurecendo. Ao lado do entardecer.
A tarde inteira, logo após o almoço. O meio-
dia acontecendo em pleno sol. Seguido da
manhã, que correu. Desde muito cedo e que só
viram. Os que levantaram para trabalhar. No
alvorecer, que foi surgindo
(Marisa Monte, 1994)**

**Talvez aqui
se inicie, de
fato, o meu
memorial
acadêmico.**



**isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além**

(Paulo Leminski, 1987)



3.1 Dos tempos de Unesp Assis (1993-1996)



lá estava eu novamente, de volta ao interior paulista. Perto de rios famosos, como o Paranapanema - e muito, muito longe de São Paulo, a morada que havia se tornado aparentemente definitiva a tão duras penas. Distante também da minha mítica Laranjal, que àquelas alturas já havia se transformado num passado/presente capital.

Assis era o “interior do interior” conforme a percepção que tinha no período, um espaço bem diferente daquele experimentado no território paulista até então. Se a terra da minha infância fazia parte da tradicional, habitual e, porque não dizer, elegante Paulistânia (Sorocaba, Piracicaba, Porto Feliz etc), com seu casario preservado e rituais tradicionais partilhados por uma comunidade que se queria antiquíssima, a região de Assis, numa primeira visada, era um espaço completamente diverso.

O município se situa na porção oeste do estado – uma das últimas a serem colonizadas, segundo Pierre Monbeig (1984), já na fronteira com o Paraná. Uma região composta por cidades das quais nunca tinha ouvido falar, como Marília, Tupã, Presidente Prudente, Cornélio Procópio e mui-

tas outras que, inesperadamente, passaram a existir no meu horizonte. Essas localidades emergiam enquanto miragens longínquas principalmente quando embarcava no ônibus, no Terminal Rodoviário Tietê, em São Paulo, rumo a Assis, para cumprir longa viagem, posto que a distância aproximada entre as duas localidades é de 430 km.¹⁸ “Amanheceu, peguei a viola, botei na sacola e fui viajar” (Renato Teixeira, 1984).

Fato é que jamais fui muito além de uma visada superficial para aquela região. Mantive certa distância de viajante desatenta para sua história e seus habitantes. Um olhar de quem está de passagem e que se recusa a construir quaisquer vínculos identitários com o lugar. Sabia que não ficaria ali por muito tempo - e o entorno do *campus* da Unesp não me interessava em absoluto.

No entanto, em relação à universidade, a experiência era inversa. Vivia intensamente aquele campus: as salas de aula, a excelente biblioteca, a cantina do Bigode, o Salão de Atos, o Bar Cultural, o Centro de Psicologia Aplicada, o bosque, os diferentes prédios: de Letras, de História, de Psicologia. Professores, técnicos e discentes se tornaram meus amigos. Usufruí de tudo o que a Universidade Estadual Paulista podia oferecer naquele momento. “Time is on my side - yes it is”, cantava Mick Jagger (1964) no meu *diskman* – suprema novidade tecnológica de então.

Observando retrospectivamente e compreendendo a realidade do alunado das licenciaturas atualmente, vejo o quanto a minha vida de estudante de História era privilegiada naqueles tempos. Ganhei um carro, não tinha que me preocupar com dinheiro, não precisava trabalhar, comprava os livros que queria – a primeira coleção foi a adorada História da Vida Privada, lançamento então recente da Companhia das Letras. George Duby, Philippe Ariès, Michelle Perrot, Marc Bloch, Jacques Le Goff e demais intelectuais me foram regiamente apresentados. E lidos. E admirados.

18. Segundo dados do IBGE, no censo de 1990 Assis possuía 76.646 habitantes. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/assis.html>. Acesso em 01/05/2024.



Amigos queridos da Graduação em História da Unesp-Assis. Um campus no qual ainda pairava uma memória muito viva dos tempos da ditadura, e no qual aprendi, sensivelmente, a força da universidade pública brasileira. O giz na parede da biblioteca dá o tom: “Liberte-se”. A proximidade com o mundo da psicologia nunca mais deixou de existir.

Eu ainda continuava a ler assiduamente as revistas femininas de sempre, então acrescentadas por Vogue, Marie Claire, Elle e Nova. Comia nos raros bons restaurantes da cidade e levava minhas roupas para serem lavadas e passadas por uma profissional. Tinha telefone fixo e estudava o que queria e o quanto queria, depois de tirar uma soneca após o almoço.

De súbito, compreendi os perfis socioeconômicos desiguais dos estudantes dos cursos da Unesp/Assis. E entendi que o meu estilo de vida era, no geral, discrepante em relação àquele experimentado pelos meus colegas de sala. Justamente por isso, acabei montando a primeira república com alunas do curso de Psicologia.

Tínhamos móveis novos e faxineira duas vezes na semana. Iogurte, queijo fresco, Todinho e demais itens de consumo de filhas da classe média na geladeira. E partilhávamos também de um tédio sem fim em nossa convivência doméstica. De minha parte, o fastio era abundante, assim como os hortifrutis da nossa Brastemp novinha, pois as meninas experimentavam certo deslumbramento exagerado com a liberdade recém adquirida em relação à autoridade paterna: as festas, os namoros e os pileques aconteciam cotidianamente na sala de casa. Eu as observava como quem já tinha experimentado tudo aquilo há bastante tempo. Dava alguns conselhos e ouvia, com um misto de enfado e paciência, suas histórias, descobertas e gritinhos juvenis.

A república logo ruiu por nossas diferenças essenciais. Assim, acabei montando uma segunda república com o meu recente velho amigo nobilíssimo. Ele era o primeiro aluno da nossa turma, bom moço, cheio de charme e de ideais. Muito bem formado em colégio católico na então para mim desconhecida São José do Rio Preto/SP. Uma localidade que era mais ou menos sinônimo de Ribeirão Preto ou São José dos Campos – suprema ignorância de quem desconhecia as franjas pioneiras do estado, para retomar novamente o estudo clássico de Monbeig (1984).

**Don't ask me. What you know is true. Don't have to tell you
I love your precious heart. I, I was standing. You were there
Two worlds collided. And they could never tear us apart
We could live. For a thousand years. But if I hurt you
I'd make wine from your tears
I told you. That we could fly 'Cause we all have wings
But some of us don't know why
(Michael Hutchence / Andrew Farris, 1987)**

Então, em meio às enormes diferenças constitutivas entre mim e este meu parceiro de aventura de Assis, emergiram conversas e desejos comuns relativamente simples. O amor pelo conhecimento: pela música, pela História e pela Literatura, sobretudo. A frequência ao cinema e à boa mesa. A vontade de construir uma casinha bonita com jardinagem exuberante. Ideias e práticas singelas, algumas mais exequíveis do que outras, mas que mantiveram aquela república em funcionamento a partir de então, tanto nas horas perfeitamente iluminadas quanto naquelas assustadoramente escuras.

Nunca conseguimos cuidar de plantas nem tivemos recursos para contratar serviços de paisagistas, mas plantamos um belo *flamboyant* que, ao que parece, será um dia uma daquelas árvores centenárias, com raízes que elevam as calçadas e que proporcionam uma sombra inexaurível. *These Are The Days Of Our Lives*, conforme cantava Freddy Mercury (1991) quando nos conhecemos. Engraçado que naquele presente dos anos de 1990, quando tínhamos 18 anos, já nos enxergávamos como quem estivesse junto há décadas. Como nos enxergamos agora, neste século XXI em que beiramos os 50 anos de vida e já ultrapassamos os 30 anos de convivência: *When I look and I find I still love you*.

Sometimes I get to feeling. I was back in the old days, long ago
When we were kids, when we were young. Thing seemed so perfect, you
know. The days were endless, we were crazy, we were young
The sun was always shining, we just lived for fun
Sometimes it seems like lately I just don't know
The rest of my life's been just a show.
Those were the days of our lives. The bad things in life were so few
Those days are all gone now, but one thing is true
When I look and I find I still love you

You can't turn back the clock, you can't turn back the tide
Ain't that a shame? I'd like to go back one time on a roller coaster ride
When life was just a game. No use in sitting and thinking on what you did
When you can lay back and enjoy it through your kids
Sometimes it seems like lately. I just don't know.
Better sit back and go with the flow.
'Cause these are the days of our lives
They've flown in the swiftness of time
These days are all gone now, but some things remain
When I look and I find no change.
Those were the days of our lives,
The bad things in life were so few.
Those days are all gone now, but one thing's still true. When I look and I find
I still love you.

O interesse pela vida universitária, pela História e pela Psicanálise tomaram conta de mim. Por isso, passei os quatro anos de graduação sendo analisada pelo inesquecível psicanalista e professor William Siqueira Peres, do Departamento de Psicologia Aplicada, grande especialista em esquizoanálise da Unesp. E assistindo devotada às aulas dos professores que discutiam História Medieval – Sidnei Galli e Maria Guadalupe Pedrero-Sanchez; Historiografia – Milton Carlos Costa; História Moderna – Sergio Norte; Brasil, Antonio Celso Ferreira e Contemporânea I e II: Alexandre Hecker e Tania Regina de Luca.

Observava esses professores com atenção e admiração. A Unesp de Assis era uma universidade muito diversa de tudo o que conheci posteriormente em termos acadêmicos – inclusive os outros *campi* da própria Unesp. O campus de Assis era meio anárquico, libertário, com aqueles professores cravados no pequeno bosque entremeado de poucos prédios. Alguns confabulando, outros fumando tabaco. Eu participava de todos os eventos organizados por eles, quer fossem da História, do curso de Letras ou de Psicologia.

Particularmente a dupla de professores/pesquisadores Antonio Celso Ferreira e Tania de Luca passou a desempenhar papel crucial na minha formação, desde aqueles tempos e *para sempre*. Aquela era uma parceria inteligentíssima: original, articulada, combativa. Eram (são) dois intelectuais de verdade, cada qual com suas particularidades, belezas e peculiaridades.

Na época, eram jovens pesquisadores iluminados, exigentes e obcecados com a reconstrução dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação da Unesp-Assis em novos termos teórico-metodológicos – e aqui me refiro claramente à opção, há muito assumida por eles, tanto pelos “novos problemas e as “novas abordagens” (Le Goff; Nora, 1974); quanto pela História Cultural que nos anos de 1990 chegava com força avassaladora ao Brasil também pelas mãos deles.

Desempenharam papel fundamental na disseminação da História Cultural em nível nacional - tanto no âmbito das universidades brasilei-

ras quanto na Associação Nacional de História (ANPUH). Não sem grandes tensões, disputas e embates, bem sabemos. Eu e Marcelo Lapuente os seguíamos, admirávamos e obedecíamos. Queríamos ser mais ou menos como aqueles dois e, assim, amarramos o “nosso arado a uma estrela”, tal qual ensinado por Gilberto Gil (1987)

**Se os frutos produzidos pela terra
Ainda não são
Tão doces e polpudos quanto as peras
Da tua ilusão
Amarra o teu arado a uma estrela
E os tempos darão
Safras e safras de sonhos
Quilos e quilos de amor
Noutros planetas risonhos
Outras espécies de dor
Se os campos cultivados neste mundo
São duros demais
E os solos assolados pela guerra
Não produzem a paz
Amarra o teu arado a uma estrela
E aí tu serás
O lavrador louco dos astros
O camponês solto nos céus
E quanto mais longe da terra
Tanto mais longe de Deus**

Mas o que interessa destacar aqui é o fato é que Antonio Celso havia defendido recentemente uma tese de doutorado sobre a São Paulo de Oswald de Andrade (2001), e analisava, enquanto nos formava, o que chamava de “epopeia bandeirante” na sua hoje clássica tese de livre-docência *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*

(2001). Iconoclasta e talentosíssimo, abraçava com prazer o uso da literatura como fonte para a escrita da história, e dissecava os textos de Hayden White, Jean Baudrillard e Stephan Bann, dentre outros, nas aulas. Ansiava pelo novo e pela excelência nas discussões. *Literatura como missão, Estilo Tropical, O espetáculo das raças* e tantas outras obras recém-lançadas por Nicolau Sevcenko, Roberto Ventura e Lilia Schwarcz, jovens e potentes pesquisadores como Celso e Tânia, faziam parte da bibliografia básica que discutíamos enquanto fumávamos nossos *Marlboros* em sala. Com Celso, líamos sempre os livros inteiros, jamais apenas os capítulos, “coisa de gente preguiçosa e analfabeta”, conforme dizia com ares iluministas.

Logo Antonio Celso e o jovem Marcelo Lapuente formaram uma parceria que nunca mais se desfez, de orientador e orientando. E foi muito bonito acompanhar ao longo do tempo aquela relação de conhecimento e de cumplicidade se construir, passar da iniciação científica para o mestrado, para o doutorado, e finalmente se espriar para lugares de aprendizado e de afetividade que ultrapassaram enormemente as fronteiras de Assis. Eu me valia de cada palavra dita pelo visionário Antonio Celso Ferreira, dentro e fora da sala de aula – e nunca o perdoei por ter se aposentado definitivamente dos embates acadêmicos oficiais muito mais cedo do que seus leitores gostariam.

Muitas vezes levei meu caderninho de anotações para a mesa do bar – o que ele compreendia com certa timidez e perplexidade, depois com deboche *oswaldiano* e, finalmente, com acolhimento. De minha parte, pensava em estudar História Medieval, que sempre apreciei, apesar dos conselhos do professor para que me voltasse para os usos da moda: “já ouviu falar em Gilda de Melo e Souza?” “e em Gilles Lipovetsky”? Eu lia os livros indicados por ele com grande interesse, mas o pavor de não estar à altura do que ele (?) esperava de mim se instalou fortemente e não segui adiante nos primeiros passos sobre a história da moda. Apesar de todos os esforços ensejados por mamãe para que eu seguisse este caminho de pesquisa.

São Paulo, 31 de março de 1995

Muitas felicidades

Estou na Biblioteca Municipal, especialmente para pesquisar MODA. Encontrei ao George O'HARA uma enciclopédia da moda, tradução da Cia das Letras (esgotado). Tem muitas ilustrações magníficas, que saem no xerox porque já perguntei: como fazer xerox e mandar para você?

Eu vim atrás de uma tradução de JAMES LAVER - A ROUPA E A MODA - Cia das Letras (também esgotado). Se tem em inglês, como fazer xerox para você e lhe enviar? Ou esperamos sair uma tradução (A Cia. das Letras, garanto) para o 2º semestre? Melhor que seria interessante fazer o xerox desse original em inglês mesmo.

Dos alicerces: Carta enviada por mamãe em 1995 de São Paulo para Assis, dando notícias do garimpo bibliográfico sobre a recentíssima história da moda que começávamos a desvelar, a pedido de Antonio Celso Ferreira, sempre visionário. Infelizmente não foi adiante.

Esta fantasia neurótica de não estar à altura da universidade e dos seus grandes mestres infelizmente sempre me acompanhou – e inacreditavelmente por vezes ainda me assombra. Mas avancei, apesar das desordens psiquiátricas e das crises de pânico que definitivamente se instalaram nos tempos de graduação e que passaram a fazer parte da minha história pessoal.

Uma pena e um sofrimento atroz, que modulo com um misto de Prozac 20mg, mais de três décadas de análise, exercícios físicos e, principalmente, com o processo de envelhecimento do corpo e da alma que neste aspecto têm me feito muito bem. Este processo de envelhecimento, aliás, se definitivamente não traz sabedoria, ao menos apazigua um pouco antigos terrores e nos livra – ao menos um pouquinho - do eterno medo do ridículo.

**No fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto**

**a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela — silêncio perpétuo
extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais**

**mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos
saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas.
(Paulo Leminski, 1987)**

Tania Regina de Luca, por sua vez, naqueles tempos escrevia a sua hoje famosa tese sobre a Revista do Brasil e iniciava a trajetória que todos bem conhecemos, posto que seus escritos se tornaram bibliografia incontornável para aqueles que usam a imprensa como fonte e como objeto para a escrita da História (2001; 2005; 2006; 2018). No entanto, para além do encanto perene com suas pesquisas sempre inspiradoras e originais, era a sua postura como *professora* que particularmente me seduzia.

Extremamente prática e didática, tinha uma força de trabalho descomunal. Ocupou a maioria dos espaços possíveis dentro da academia com rigor e disciplina inigualáveis e, mesmo morando em São Paulo e dando aulas em Assis, *nunca* faltou a nenhuma aula do nosso curso de graduação, que era anual. Um exemplo de funcionária estatal comprometida com a *coisa* pública, antes de qualquer outra qualificação acadêmica. Uma trabalhadora. E uma das grandes intelectuais que conheci.

Infelizmente, ela só passou a orientar iniciação científica em 1998, um ano após a minha formatura. Um desencontro do destino, pois enxergava nela a paixão imprescindível pelo conteúdo a ser ensinado, bem como a energia e dignidade de quem tem respeito profundo pela profissão e pela universidade. Ela detinha o conhecimento, a concisão, a profundidade e, sobretudo, a *entrega de si* tão imperativa para fazer uma aula acontecer. E uma generosidade tão bonita em relação aos alunos de Assis!

Alguns deles jamais tinham saído daquela cidade. E lá ia a Prof. Tania falar de *Gauguin*, *D'Orsay*, modernidade, *Belle époque* e Lina Bo Bardi enquanto organizava excursões para trazê-los para São Paulo: para o Masp, o centro velho, a Bienal, a Pinacoteca. Arrematava o dia levando-os para assistirem uma peça de teatro no Sesi, na avenida Paulista.

Os discentes, exaustos e felizes no final da jornada pegavam a estrada de volta para Assis. E ela continuava incansável, em pé no ônibus dando explicações, animadíssima. Cá para mim, acho que ela estava tomada por uma espécie de missão civilizatória, tal qual os intelectuais dos

anos de 1920 e 1930 que estudava direta ou indiretamente: Monteiro Lobato, Roquette Pinto, Mario de Andrade e afins. Inesquecível. Se pudesse, a presenteava com um passe vitalício no *D'Orsay*, museu para o qual ela me transportava semanalmente quando fui sua aluna.

No terceiro ano de graduação fui chamada para participar, como bolsista, de um projeto da Anpuh Nacional intitulado *Produção Histórica no Brasil*, coordenado por Maria Helena Capellato, da USP. O objetivo era fazer um mapeamento e publicar um catálogo sobre as teses e dissertações defendidas entre 1985 e 1994 nos programas de pós-graduação em História do país. Fiquei responsável, juntamente com outros colegas, pelo levantamento do que havia sido produzido na Unesp/Assis. O trabalho me absorveu muitíssimo, resultando na publicação do meu nome em uma nota de rodapé – o que me encheu de orgulho. Com esse trabalho utilíssimo (Capellato, 1995), ganhei também o meu primeiro dinheiro como pesquisadora, com o qual comprei um misto de carrossel e caixinha de música nada útil, mas muito simbólico.

Destaco que o que era para ser uma produção meramente técnica foi transformado por mim, ingenuamente, numa *outra* coisa. Explico-me: deveria ler os resumos das dissertações e teses e simplesmente copiá-los conforme a data da publicação para a composição do catálogo. Vale lembrar que nos anos 1990 as máquinas de escrever haviam sido recentemente substituídas pelo computador; e *emails* e internet discada eram novidades das quais apenas ouvíamos falar. Daí a importância da publicação do catálogo, para que pesquisadores do país inteiro soubessem o que havia sido produzido no campo até então.

Mas compliquei o simples trabalho da cópia dos resumos. Para mim era inadmissível receber uma bolsa de iniciação por seis meses para simplesmente transcrever e organizar o que já havia sido previamente escrito por outros. Então, ao invés de cumprir a minha humilde missão de escriba compiladora, eu lia as dissertações e teses inteiras e criava um resumo

próprio, original, a partir do que tinha lido. De modo que esquadrinhei teses e dissertações por meses a fio, enquanto reescrevia os tais resumos. Pesquisas que iam da história das religiões à reforma agrária. Do carnaval ao direito romano.

No intervalo entre uma coisa e outra, caminhava e nadava, pois a menina que passou o ginásio e o colegial arrumando atestados médicos para não praticar Educação Física começou a apreciar natação com o novo velho amigo, nadador convicto. Ia para São Paulo, para Laranjal e para São José do Rio Preto: de ônibus, de carro, e de jeep Willys, ouvindo o *diskman* – maravilha das tecnologias, conforme minha percepção, pois podia escolher as músicas rapidamente sem “enrolar a fita” do *walkman*.

E fui fazer cursinho pré-vestibular novamente, estando no terceiro ano da faculdade de História. Pensava em cursar Jornalismo, paixão antiga, miragem que insistia em apresentar-se de maneira intermitente. Queria ser jornalista de revista feminina, mas, também, dar aulas de História. Era uma confusão meio contente. **“Felicidade se acha em horinhas de descuido” (Rosa/Riobaldo/ 2001, p. 24)** não é mesmo?

Mas comecei a fazer estágio docente obrigatório no colégio Anglo de Assis – o mesmo lugar onde fazia o pré-vestibular à noite para o curso de Jornalismo. Como estagiária, acabei substituindo algumas aulas de História do Brasil nos segundos e terceiros colegiais. Foi um encontro definitivo aquele com a sala de aula. Ou um reencontro, talvez. Não sei nomear o que aconteceu naquelas semanas de regência. Só sei que parei de imediato com o cursinho porque **entendi que eu queria mesmo era ser professora de História**. E estava absolutamente confiante na minha escolha.

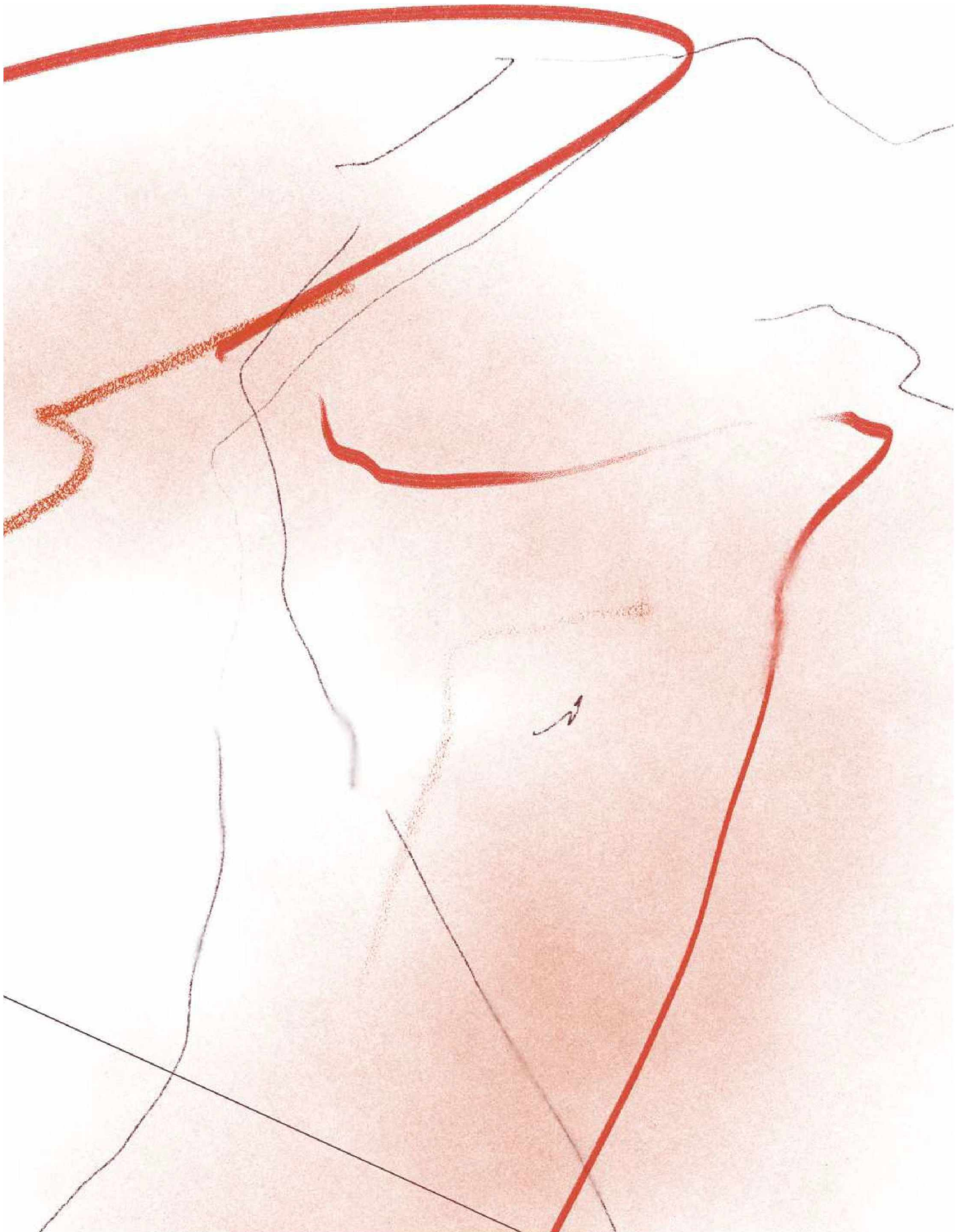
No final do ano, ainda não estávamos formados, e fomos convidados para nos tornar professores do Colégio Anglo/Xereta – eu e Marcelo. Mas tínhamos outros planos: ele, de voltar para São José do Rio Preto e ser professor no Colégio São José onde havia estudado a vida inteira. Eu, de voltar para a capital e trabalhar nas grandes escolas paulistanas. “São Paulo

é como o mundo todo” cantou Gal Costa e eu sabia que isso era verdade. “Vaca profana põe teus cornos, pra fora e acima da manada” (Caetano Veloso 1984).

E assim nos despedimos no final da faculdade, jurando amor eterno e prometendo um ao outro que quando estivéssemos com as mínimas condições de autossustento voltaríamos a morar juntos.

São Paulo, 18/08/97
Marcelo:
Sô eu aqui de novo, navegando nesta Internet realmente incrível mon amour. Dando um click nos ícones certos você tem o mundo em suas mãos. . .

Paragrafo inicial de carta trocada com Marcelo Lapuente. Eu novamente na capital, ele em São Jose do Rio Preto. A internet se impunha como uma realidade inexorável para minha geração, a última a nascer e crescer num mundo totalmente analógico.



3.2 Sobre o ofício de professora

3.2.1 São Paulo

Passei um ano novamente na capital. Peguei o catálogo do Sinpro (Sindicato dos Professores das Escolas Particulares) e me pus a enviar currículos para àquelas que me interessavam. Enviei uns cinquenta currículos pelo correio, tendo como critérios a proximidade de casa e o reconhecimento simbólico das escolas. Fiz algumas entrevistas e fui contratada para ser professora do ensino fundamental no Colégio Sergio Buarque de Hollanda, na Granja Julieta.

Que emoção! Que sorte! Que alegria!

Se o nome da instituição causava impacto imediato em uma jovem historiadora, a instituição, na prática, era pequena e não pagava muito bem. Ministrava 8 aulas semanais, de quinta a oitava séries. Ficava uma hora no trânsito para ir, uma hora e meia para voltar: **feliz com a minha nova condição de professora**. Estudava, estudava e estudava para dar aquelas aulas, e jamais vou me esquecer das turmas com as quais debutei.

Tinha 22 anos e era muito querida pelos alunos. E os queria também muitíssimo bem. Quanta energia do corpo e da alma investidas ali. Eu estudava de tal maneira para ministrar aquelas aulas, preparar as atividades e provas e depois corrigi-las e comentá-las que os amigos de São Paulo achavam, aborrecidos, que eu dizia estar preparando aulas como pretexto para não sair com eles porque o coração estava em São José do Rio Preto. **“Uma aula é uma espécie de movimento”**, ensinou Deleuze (1996), “é por isso que é musical”. O filósofo ainda demonstrou que “É preciso estar totalmente impregnado do assunto e amar o assunto do qual falamos”. Conforme o autor (1996):

Numa aula, cada grupo ou estudante pega o que lhe convém. Uma aula ruim é a que não convém a ninguém. Não podemos dizer que tudo convém a todos. As pessoas têm de esperar. Obviamente tem alguém adormecido. Por que ele acorda misteriosamente no momento que lhe diz respeito? Não há uma lei que diz o que diz respeito a alguém. O assunto de seu interesse é outra coisa. Uma aula é emoção. É tanto emoção quanto inteligência. Sem emoção, não há nada. Não há interesse algum. Não é uma questão de entender e ouvir tudo, mas de acordar e captar o que lhe convém pessoalmente. É por isso que um público variado é muito importante. Sentimos o deslocamento dos centros de interesse que pulam de um para outro. Isso forma uma espécie de tecido esplêndido. Uma espécie de textura (Deleuze, 1996). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tLlSRFLThYw> . Acesso em 03/05/2024.





Excursão com os alunos das sétimas e oitavas séries do Colégio Sergio Buarque de Holanda, SP, para Paranapiacaba.

Após dois meses como docente do ensino fundamental, fui convidada para assumir também as turmas do colegial. Para espanto de todos, principalmente dos meus colegas de sala dos professores com anos de experiência, eu recusei o convite – não sem grande remorso posterior. Estava apenas começando na profissão, gastava horas preparando as aulas...e se não conseguisse prepará-las a contento para ambos os níveis de ensino? Segui com as minhas quatro salas de pré-adolescentes, entre satisfeita e arrependida. E fui aprendendo a ser professora.

Aquele ano foi decisivo: fui inserida, então como professora de fato, àquilo que mais tarde soube nomear como *cultura escolar* e como *prática docente* (Julia, 2001; Faria Filho; Vidal, 2004; Souza, 2000; Souza; Valdemarin, 2005; Valdemarin, 1999, 2004; 2010). Que reencontro feliz com o universo escolar, agora numa outra condição, posto que me tornava professora! Os sinais de entrada e saída, a lousa, os gizos coloridos, os laboratórios, as carteiras, os diários de classe, os materiais didáticos, o recreio, as provas e, porque não dizer, o poder, às vezes discreto, às vezes escancarado, de conduzir aulas e de ensinar História. Um pequeno reinado com duração exata de 50 minutos cada ato, das 7:00h às 12:40h, ao longo de todo um ano letivo.

Ansiava por estar na sala dos professores e ouvir o barulhinho típico dos alunos na hora do recreio. Conversava muito com a diretora, D. Lúcia, sobre todos os assuntos. Queria aprender sobre aquele universo e fui muito bem recebida, encaminhada, acolhida por todos. Impossível mensurar quão importante foi este início profissional positivo para a minha permanência na docência. Décadas mais tarde, estudando formação docente, entendi que os primeiros anos dos jovens professores são cruciais para a permanência em sala de aula. Segundo Nóvoa (2022, p. 13):

Quando se fala dos professores é quase sempre pela negativa: o que os professores não têm, o que os professores não sabem, o mal-estar docente, o desprestígio da profis-

são, a crise dos professores, a violência nas escolas, etc. Muitas vezes, nós próprios acentuamos este discurso negativo, sem nos darmos conta dos prejuízos que causamos na imagem e na vivência da profissão. É preciso utilizar palavras duras para criticar a ausência de políticas públicas de valorização dos professores. Obviamente. Mas temos de ser capazes de o fazer com palavras positivas, que chamem a atenção para a importância dos professores, para o trabalho extraordinário que é educar as novas gerações, para a curiosidade do conhecimento, para a criatividade, para a força do trabalho conjunto, cooperativo.

Respeitava enormemente a simbologia do meu jaleco branco e as reuniões de pais e mestres. O único problema, além do trânsito para ir e vir do Sergio Buarque de Hollanda para o centro; e do rodízio de automóveis que tanto me atrapalhava; era o meu salário. A verdade é que dava apenas para pagar algumas poucas despesas pessoais. No segundo semestre, muito mais segura em relação ao meu ofício, continuei procurando trabalho em outras escolas para o ano seguinte. Afinal, **eu havia me tornado uma professora**: tinha carteira de trabalho assinada e estava filiada ao Sinpro. Para além da qualidade das aulas e das preocupações com as dinâmicas com os alunos, comecei a me interessar também por questões estruturais relacionadas ao assunto: 13º, horas extras, férias e dissídio salarial, por exemplo.

Sabia que tinha acertado na escolha da profissão – mas precisava conseguir ser independente financeiramente com ela. Infelizmente, começava a experimentar um dos grandes dilemas ligados à docência no Brasil: como viver dignamente e se manter na profissão com salários tão baixos?

É desolador observar o que foi feito da minha profissão no Brasil – e foi difícilíssimo ver tantos talentos irem fazer qualquer outra coisa que não



Guacira Lopes Louro em seu potente texto *Mulheres em sala de aula* (2002), fala sobre as dinâmicas de gênero na construção da profissão docente. Professorinha ou “tia” nunca fui, mas as amei incondicionalmente e fui formada por elas. Quando requisitei minha carteira de trabalho, comecei a me constituir como uma trabalhadora da educação, ainda mais ensinando História... Mas não só. Hoje percebo que a “sagrada missão”, historicamente mapeada por Eliane Marta Teixeira Lopes (2017), também é parte constitutiva do ethos da minha profissão.

fosse dar aulas em função dos baixos salários. O jornal *Folha de S. Paulo* noticiou, por exemplo, em 15 de outubro de 2023, que os profissionais do ensino das escolas privadas, principalmente da educação infantil e do ensino fundamental, são os cidadãos brasileiros com diploma de ensino superior que recebem os *piores salários do mercado*. Conforme informado pela manchete fúnebre do impresso de maior circulação do país, a “Educação domina o top 10 dos piores salários de diplomados no país. Além dos professores de educação infantil (R\$2. 285) estão no ranking outros profissionais de ensino (R\$ 2.554), da educação especial (R\$ 3.379) e do ensino fundamental (R\$ 3.554). Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2023/10/15/profissoes-mais-mal-pagas-brasil-pesquisa.htm> .

Não por acaso, as associações de ensino e pesquisa brasileiras, bem como as mídias tradicionais e especializadas do país vêm divulgando nos últimos anos o que a Revista Fapesp chamou, em sua matéria de capa, de “crise nos programas das licenciaturas” e de “apagão da carreira do professor” (Fapesp, 2023). Fato é que a urgente melhoria na atratividade da carreira docente, bem como a imperiosa reversão da escassez de professores na Educação Básica brasileira, particularmente nos níveis Fundamental II e Médio, são temas candentes que dizem respeito a todos os cidadãos comprometidos com o presente/futuro do país.

Dados do Inep mostram que desde 2014 o ingresso de estudantes nas licenciaturas presenciais está caindo, fenômeno verificado também nos cursos à distância, desde 2021. O problema das vagas ociosas nas licenciaturas, da atualização de currículos obsoletos, e, sobretudo, o drama da desvalorização salarial e simbólica dos profissionais da educação contribuem de maneira inevitável para o esvaziamento da carreira enquanto uma opção de vida para milhares de jovens brasileiros.

Por sua vez, professores de História da Educação Básica, além de enfrentarem inúmeros desafios relativos à sua própria formação enquanto professores/pesquisadores; e à formação de seus alunos como estudantes

de História, ainda observam na prática a diminuição da carga horária da disciplina, conforme parâmetros estipulados pela BNCC (Base Nacional Curricular Comum). Ao mesmo tempo, a tão incensada formação interdisciplinar dos discentes da área vêm se mostrando uma utopia muito distante da realidade.

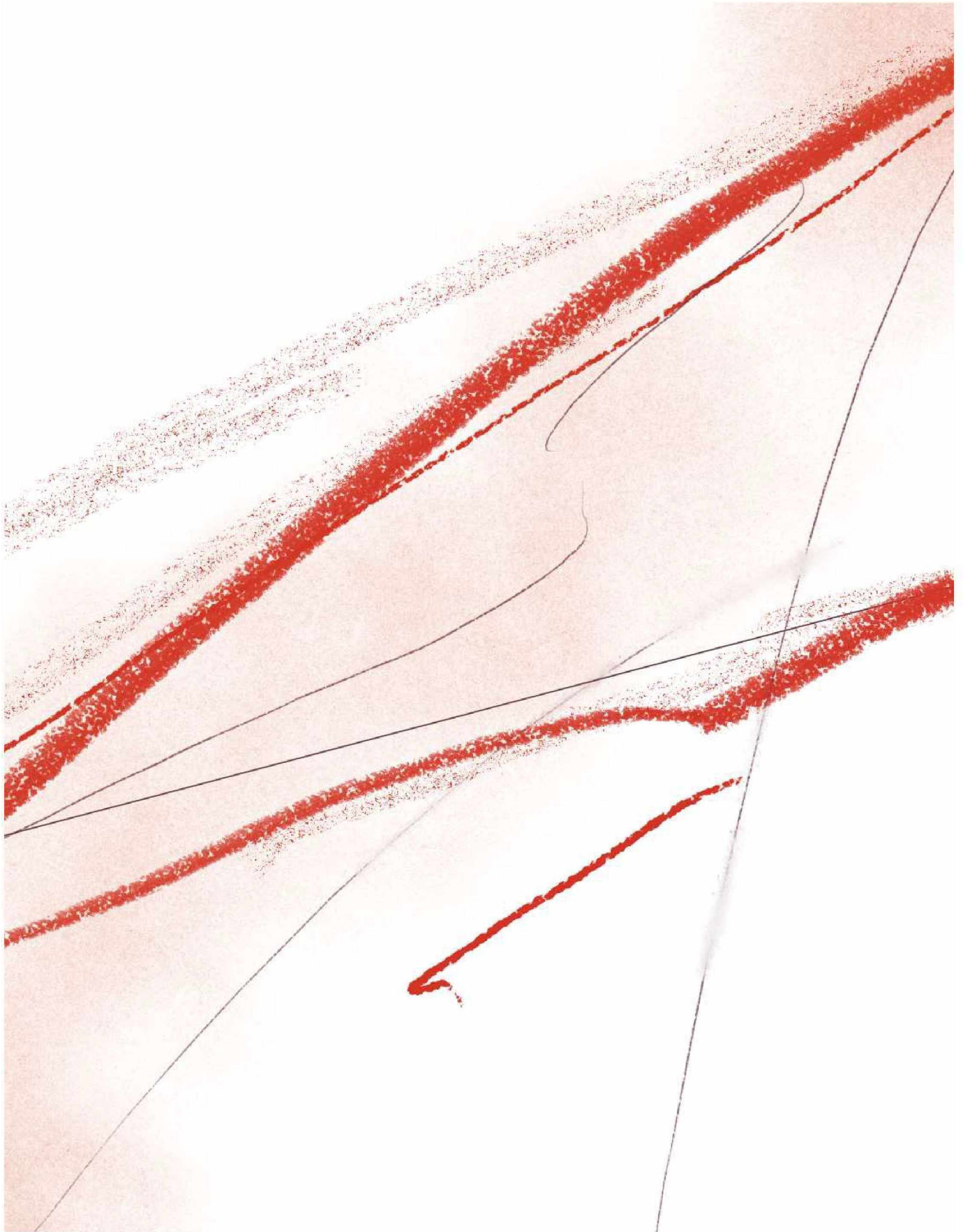
Tal fenômeno de enfraquecimento da carreira do professor em todos os níveis, e dos professores de História em particular, de forma irônica caminha ao lado da efervescência de um mundo cada vez mais hostil à ideia de historicidade, de verdade, de intensificação de “fake news” e de relativismos obtusos; de ataques ao saber científico institucionalizado, da perda dos referenciais e projetos comuns, bem como das polarizações ideológicas às quais vimos inevitavelmente assistindo.

Justamente por isso, relembro aqui o vaticínio famoso de Eric Hobsbawm, que nos anos de 1990 apontava o problema de vivermos numa “espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado”; e que, justamente por isso, pesquisadores e professores de História seriam figuras essenciais na esfera pública dos nossos tempos, posto que se ocupam de “lembrar o que os outros esquecem” (Hobsbawm, 1995, p. 13).

Um mundo de “presente absoluto”, tal qual nomeou Koselleck (2006), ou uma “sociedade do cansaço”, conforme diagnosticou Byung-Chul Han (2015). Um tempo/espço atravessado pelas contínuas revoluções tecnológicas em curso nas quais “Uns anjos tronchos do Vale do Silício, desses que vivem no escuro em plena luz. Disseram vai ser virtuoso no vício. Das telas dos azuis mais do que azuis”. E ainda definiram, conforme intuiu o nosso maior poeta, que agora a nossa “história é um denso algoritmo. Que vende venda a vendedores reais”, enquanto nossos “neurônios ganharam novo outro ritmo. E mais e mais e mais e mais e mais e mais” (Caetano Veloso, 2021)

Mas, naqueles meados dos anos de 1990, eu era apenas uma professora recém formada que no final do seu primeiro ano de trabalho se deparou com um impasse categórico: assumir para valer o processo seletivo para

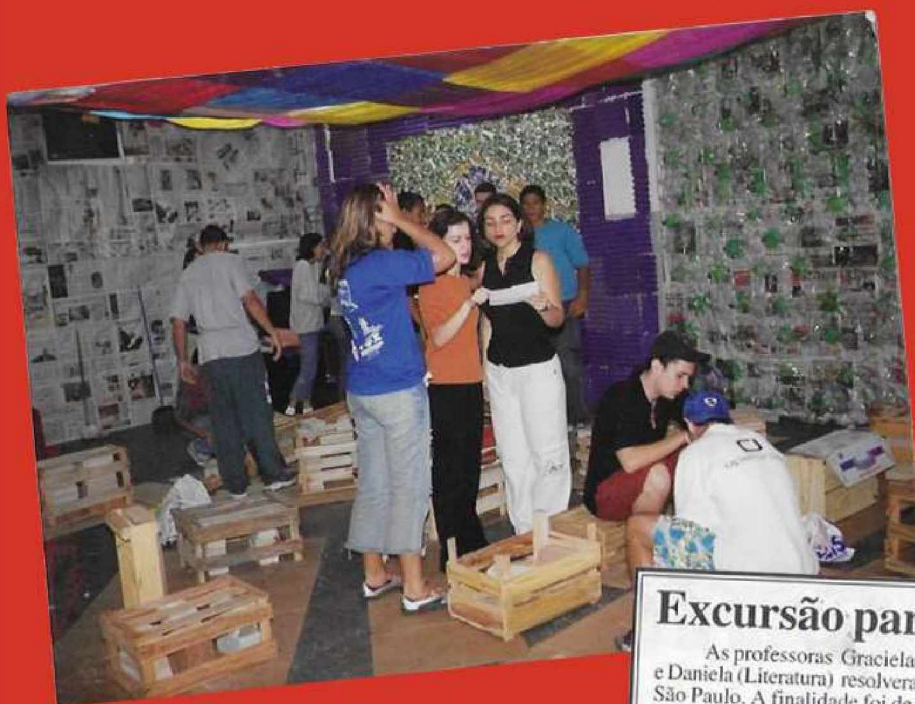
ministrar aulas nos terceiros colegiais do Colégio Mackenzie, com grandes chances de ser contratada para trabalhar em plena Rua Maria Antônia, ao lado de casa... ganhar adequadamente, numa escola de referência na capital ou...aceitar o convite do velho/novo amigo/namorado, remontar a nossa “república de dois” e ir morar na longínqua São José do Rio Preto, a 437 km da capital?



3.2.2 São José do Rio Preto

Talvez a década que vivi em São José do Rio Preto, dos 23 aos 33 anos, tenha sido uma das mais felizes da minha vida. Assim como havia feito em São Paulo, peguei os endereços de todas as escolas particulares da cidade e me pus a pedir emprego naquela cidade tão distante da capital. Alguns currículos foram deixados nas secretarias das escolas, outros, nas mãos das coordenadoras ou diretoras. Naquele calor típico, rodava de escola em escola com meu Gol branco sem ar-condicionado.

Fiz uma entrevista com a diretora do ensino fundamental do colégio Esquema Universitário, D. Miriam Frasseto, que me abriu as portas da cidade e selou o meu feliz destino por aquelas plagas. Inicialmente ministrei aulas para 5^a, 6^a e 7^a séries. Depois, cheguei à 8^a. O colegial era monopólio dos homens, assim como o cursinho. Pouco tempo depois, assumi esses níveis naquela escola.



Excursão para São Paulo

As professoras Graciela (Artes), Raquel (História) e Daniela (Literatura) resolveram fazer uma excursão para São Paulo. A finalidade foi de ampliar a visão de mundo dos alunos, levando-os a perceber a diversidade dos ambientes, dos estilos de arte, entre outros. Além disso, objetivaram aproximar a teoria escolar da observação direta, levando os alunos a desenvolver um olhar indagador sobre o mundo, participando desse modo, ativamente da elaboração do conhecimento. E, por fim, permitir a vivência em grupo fora do espaço da sala de aula e estimular a autonomia. Essa viagem proporcionou aos alunos do Ensino Médio a visão artística, literária e histórica, uma vez que já vivenciaram essa visão multi e interdisciplinar durante todo o primeiro bimestre.



Feira de Ciências no Colégio Universitário, de São José do Rio Preto, excursão cultural com os alunos do colegial para São Paulo. Roteiro: Masp, Mercado e Teatro Oficina, com direito à peça com Zé Celso. Aprendi com Tania de Luca a sair em missão cultural do interior para a capital. Em ambas as imagens, a parceria com a professora Daniela de Brito, afinidade eletiva desde então.

Trabalhava manhã e tarde, uma média 24 aulas semanais, às vezes 32. Me tornei uma professora requisitada e passei a finalmente me sustentar sozinha. Digo isso sem rodeios ou modéstia, posto que se trata de uma das únicas coisas que sei fazer bem na vida: ministrar aulas de História e *estar* com a classe. Depois de pouco tempo em Rio Preto, eu já escolhia as escolas nas quais queria trabalhar, as séries que preferia ensinar, quanto merecia ganhar, bem como o número de aulas que desejava ministrar.¹⁹

Acabei optando pelo colegial porque estranhamente os professores deste nível de ensino ganhavam – e ainda ganham - muito mais do que os professores do ensino fundamental. Eram mais respeitados e valorizados e alguns, estelares, tinham seus contratos negociados individualmente. Hoje entendo que tal prática de negociação individual de salários era sintoma do neoliberalismo em estado bruto que já grassava entre nós - e da própria desagregação da carreira docente.

A negociação individual infelizmente era uma situação relativamente comum nas escolas das elites do interior do estado de São Paulo. COC, Objetivo, Anglo, Universitário e demais sistemas de ensino adotavam tal prática. Eu achava que negociava muitíssimo bem as minhas horas-aula com os donos da escola. Pura falta de consciência de classe, hoje bem sei.

As professoras da educação infantil, por sua vez, constituíam um mundo à parte nas escolas onde trabalhei. Sei que ganhavam muito menos do que todos nós – e eram praticamente invisíveis para mim e para meus colegas do colegial, “terceirão” e curso. Vaidosa, como meus colegas homens e algumas raríssimas mulheres, me achava muito potente, deveras importante, a “paraninfa” de todas as turmas.

19. Por isso, nunca usufruí de bolsas de mestrado e doutorado. Na época não podíamos ter bolsa de estudos e trabalhar ao mesmo tempo.

Quanta ingenuidade e alienação! Sobre isso, só resta lembrar o Eclesiastes e ter certa condescendência com o ridículo da minha pouca idade e com a falta de engajamento político e social.

Vaidade das vaidades, vaidade das vaidades! Tudo é vaidade. Que proveito tira o homem de todo trabalho com o qual se afadiga debaixo do sol? Uma geração passa, outra lhe sucede, enquanto a terra permanece sempre a mesma. O sol se levanta, o sol se deita, apressando-se para voltar ao seu lugar, donde novamente torna a levantar-se. Dirigindo-se para o sul e voltando para o norte, ora para cá, ora para lá, vai soprando o vento, para retomar novamente o seu curso. Todos os rios correm para o mar e, contudo, o mar não transborda; voltam ao lugar de onde saíram para tornarem a correr. Tudo é penoso, difícil para o homem explicar. A vista não se cansa de ver nem o ouvido se farta de ouvir. O que foi, será; o que aconteceu, acontecerá: não há nada de novo debaixo do sol. Uma coisa da qual se diz: “Eis aqui algo de novo”, também esta já existiu nos séculos que nos precederam. Não há memória do que aconteceu no passado nem também haverá lembrança do que acontecer, entre aqueles que viverão depois (Eclesiastes 1,2-11).

Fato é que a questão que mais tarde soube nomear como feminização do magistério (Almeida, 1998; Louro, 2002) bem como a reflexão sobre as práticas e representações dos docentes, as hierarquizações simbólicas e os diferentes papéis sociais atrelados aos gêneros masculino e feminino dentro do campo educacional; a própria história da profissão de professora, do ensino de História e das instituições escolares passaram a me inquietar num nível diferente do res do chão, da cotidianidade.

Já fazia três anos que eu havia me formado e, muitíssimo impulsionada por Marcelo Lapuente, que estava defendendo o mestrado na Unesp/

Assis, resolvi ter a coragem de me lançar ao mar da pós-graduação, apesar do horror a este tipo de navegação ocasionado pelo já familiar F41, conforme o CID10. ^{2o} Fato é que tal condição me fazia enxergar e me encontrar com verdadeiros monstros marinhos ao redor do meu frágil barquinho de pós-graduanda. Mas segui viagem.

Através do teu coração

Passou um barco

Que não para de seguir

Sentir, o seu caminho

Lá no meu sertão plantei

Sementes de mar

Grãos de navegar

Partir

Só de imaginar, eu vi

Água de aguardar

Onda a me levar

E eu quase fui feliz

Mas nos longes onde andei

Nada de achar

Mar que semeei, perdi

A flor do sertão caiu

Pedra de plantar

Rosa que não há

Não dá

Não dói, nem diz

E o mar ficou lá no sertão

E o meu sertão em nenhum lugar

Como o amor que eu nunca encontrei

Mas existe em mim

Mas nos longes onde andei

Nada de achar

Mar que semeei, perdi

A flor do sertão caiu

Pedra de plantar

Rosa que não há

Não dá

Não dói, nem diz

E o mar ficou lá no sertão

E o meu sertão em nenhum lugar

Como o amor que eu nunca encontrei

Mas existe em mim

Como o amor que eu nunca encontrei

Mas existe em mim

(Maria Betânia, 1996)

Maria Celeste Garzon, psicanalista rio-preten- se de altíssimo nível, e o preciso amparo familiar à distância – mamãe, vovó, Douglas, Silvia Maniz e, contraditoriamente, papai - me acompanharam nesta trajetória de retorno para a universidade em busca de uma pós-graduação que transformasse uma problemática sentida em uma problemática objetivada, conforme ensinavam os manuais de metodologia de pesquisa. Isso sem falar no apoio sempre incondicional *dela* – Norma Discini.

“Do couro nasce a correia”, dizia o velho boia- deiro de Tietê, me impulsionando a não ter medo de seguir em frente por não ter direito onde pegar. “Quanto mais foice mais bonito fica o roçado.....” en- fatizava nas nossas conversas que foram se tornan- do mais amenas com a passagem dos anos. E eu me aquietava um pouco, diante do terror em relação ao mar. Foi Celeste, no entanto, quem me fez seguir adiante apesar do temor de ser “desmascarada”, de ser uma “farsa” e nem sei mais o quê, posto que *aquilo*, o terror paralisante, é da ordem da irracio- nalidade e não se presta muito à explicação. João Cabral bem descreveu esta condição peculiar “So- bre o Sentar-/Estar-no-Mundo”.

20. Transtorno de ansiedade generalizada, conforme a décima edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID)

raquel discini de campos

De: Norma Discini de Campos <normade@uol.com.br>
Para: raquel <discini@zaz.com.br>
Enviada em: domingo, 12 de novembro de 2000 01:20
Assunto: filha

Filha, a sensação de vazio, de falta quando se escreve um texto é uma constante em todo ser humano que se mete nessa empreitada, ou se põe nessa ventura que é a da palavra. Nunca seremos donos do sentido, nem do nosso, nem daquele dos outros.
PRODUZIR SENTIDO É REMEXER NA PRÓPRIA IMPERFEIÇÃO.

ALIÁS, A IMPERFEIÇÃO É O SENTIDO.

A PERFEIÇÃO É PARADA, NÃO BUSCA, NÃO ENTRA EM FALTA,

A PERFEIÇÃO É A MORTE.

A “imperfeição é o sentido”, ensinou a mãe de todas as formas, inclusive via emails. Conforme fui conhecendo a grande intelectual da FFLCH/USP, especialista em Bakhtin e Husserl, pude entender o precioso ensinamento também na teoria.

Onde quer que certos homens se sentem
sentam poltrona, qualquer o assento.
Sentam poltrona: ou tábua-de-latrina,
assento além de anatômico, ecumênico,
exemplo único de concepção universal,
onde cabe qualquer homem e a contento.

*

Onde quer que certos homens se sentem
sentam bancos ferrenhos, de colégio;
por afetuoso e diplomata o estofado,
os ferem nós debaixo, senão pregos,
e mesmo a tábua-de-latrina lhes nega
o abaulado amigo, as curvas de afeto.
A vida toda se sentam mal sentados,
e mesmo de pé algum assento os fere:
eles levam em si os nós-senão-pregos,
nas nádegas da alma, em efes e erres.

(João Cabral de Melo Neto, 1995)

De modo que comecei a me aproximar do fenômeno da Pós-Graduação inicialmente cursando uma disciplina na Unesp de Assis com Antonio Celso Ferreira. Cortejei Tania Regina de Luca que me exigiu, como é da sua natureza pragmática, um projeto exequível, com fontes devidamente mapeadas e uma problemática claramente explicitada. Eu não tinha nada disso, apenas as melhores intenções e muito medo do mar.

Então descobri, completamente ao acaso, que havia um campo de conhecimento emergindo com força inédita naquele início anos 2000: a História da Educação. E que um dos polos irradiadores deste campo que me fascinou deste o primeiro momento de (re)conhecimento era justamente a Unesp de Araraquara, cidade relativamente próxima de São José do Rio Preto (168km). Soube que alguns colegas viajavam semanalmente para a “Morada do Sol” para estudar, e que era possível manter as minhas aulas em Rio Preto e, ainda, tentar a sorte na pós-graduação em Araraquara. Tinha carona para ir e vir. E foi um tempo muito bom.



3.3 Dos tempos de Unesp Araraquara e da docência no ensino superior (2001-2003; 2004-2008)

E assim, lá na Unesp de Araraquara, aconteceu este encontro com a História da Educação, um lugar onde topava com respostas para antiquíssimas questões que remontavam, sem dúvida, tanto à minha infância quanto ao passado da profissão abraçada por mim: os grupos escolares, as representações de professores e professoras, os materiais didáticos, os rituais cívicos, o higienismo, as instituições asilares, a educação dos corpos e das sensibilidades femininas e masculinas e tantas outras. Inicialmente, fui para Araraquara como aluna ouvinte, depois, como aluna especial e, finalmente, como aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar que havia sido fundado há pouco, no ano de 1997.



Não sei ao certo porque não me mantive como participante ativa no GT2 de História da Educação da Anped. Talvez seja porque a Sociedade Brasileira de História da Educação passou a ser, justamente neste período, o mais relevante fórum da área. E na SBHE eu finquei pés e coração deste 2002, conforme observado nesta foto da primeira comunicação científica, ao lado dos queridíssimos Marcelo Totti, Daniela Lopes Abreu, Catia de Oliveira e Alessandra Furtado.

Fui orientada pelos memoráveis Marcus Vinícius da Cunha no mestrado; e Rosa Fatima de Souza Chaloba no doutorado. A convivência com esses dois orientadores singularíssimos – que estrela a minha! – foi acrescida pelo feliz destino de cursar as disciplinas de Jane Soares de Almeida, Vera Teresa Valdemarin e Carlota Boto.

Seduzida por tais presenças teóricas e afetivas, me embrenhei no campo com total dedicação. Com Marcus Vinícius, dentre outras coisas, aprendia sobre os intelectuais da primeira metade do século XX, particularmente

os autointitulados renovadores (1998, 2000). Além disso, conversávamos, encantados um com o outro, sobre nossa paixão comum por Chet Baker, Frank Sinatra e Woody Allen.

Com Rosa, aprendia sobre o universo dos grupos escolares e tudo o que essas instituições significavam para a educação nacional (1999; 2008; 2012). A minha história estava ali, nos seus “templos de civilização”. Com Vera, discutia sobre o século XIX, a contraditória modernidade capitalista ocidental, o método intuitivo, a história da ciência, da racionalidade e da subjetividade (1999; 2000, 2010). Jane Soares ensinava sobre a história das mulheres, a feminização do magistério e o feminismo (1998; 1999).



Rosa Fátima de Souza Chaloba e Vera Teresa Valdemarin: duas pesquisadoras que no início dos anos 2000 transformaram a Unesp de Araraquara num polo de estudos nacional da História da Educação. Que sorte a minha estar por perto naquele momento pioneiro.

-- discini <discini@terra.com.br> wrote:

- > Marcus, querido!
- > Que bom que vamos por um ponto final antes do
- > inverno chegar...
- > Que bom que você gostou de tudo o que eu fiz,
- > do que nós fizemos e assim por diante.
- > Sabe, eu não sei se já te falei uma coisa, mas
- > vez ou outra penso no dia da entrevista de
- > admissãõ lá em Araraquara. A verdade é que até
- > hoje eu ainda comemoro MUITO ter sido
- > selecionada. Toda vez que vou para SP e
- > Laranjal e passo pela cidade, me pego sorrindo,
- > feliz. Amo aquela cidade, o campus, o hotel
- > Eldorado, as salas de aula, os professores, a
- > cantina, a comida farta do RU e os estudantes
- > dando um relax nos bancos.
- > Mas o que eu queria dizer mesmo é o seguinte:
- > Marcus, depois da nossa entrevista eu rezei
- > muito (nem sei direito para qual deus) para
- > você me selecionar, para você me escolher, você
- > tinha que ser meu orientador!. Fiquei
- > esperando, eu sabia que tínhamos que trabalhar
- > juntos, eu sempre soube que ia dar certo.
- > Nem sei se pega bem falar assim com o
- > orientador, mas você é muito mais que um
- > orientador, super rígido - como um bom e raro
- > orientador deve ser - mas é gente, e me ensinou
- > a gostar de jazz, e me melhorou tanto, tanto,
- > tanto que nem cinco mil caminhões de chocolate
- > são suficientes para demonstrar a minha
- > gratidão por você.
- > Eu estou feliz e amo você. E tenho um super
- > orgulho de você também. Adoro falar: "sou
- > orientanda do Marcus".E adoro o cheiro do fumo
- > do seu cachimbo. E ainda por cima você fez
- > psicologia! E é tão erudito! Obrigada,
- > obrigada, obrigada.
- > Esse final de semana vou imprimir pela última
- > vez o trabalho para ler tudo de novo. O Marcelo
- > vai ler o trabalho também, finalmente. Ele está
- > curioso, ansioso e me dando uma super força com
- > as famosas imagens. Estou esperando a ficha
- > catalográfica e já estou com os formulários da
- > Fernanda.
- > O que você acha de 7 de julho? É o meu primeiro
- > dia de férias e é a ante- véspera da REVOLUÇÃO
- > CONSTITUCIONALISTA! E viva SP, os bandeirantes,
- > o interior, os "voluntários", o café, a
- > imprensa e os jornalistas em geral.
- > Amor
- > Raquel
- > Logo mando notícias e propostas concretas de
- > datas.
- > Mais beijos.
- > Raquel
- >

De: Marcus Cunha <mycunha@yahoo.com>
Para: discini <discini@terra.com.br>
Enviada em: quinta-feira, 15 de maio de 2003 19:50
Assunto: Re: querido orientador

Querida Raquel,

Assim você me deixa "convencido" - como se dizia antigamente.

Saiba que tenho por você os mesmos sentimentos. Sinceramente, gostaria que todos os meus orientandos (presentes, passados e futuros) fossem iguais a você: independente, autônoma, sem medo de perguntar, sabendo o que perguntar, sabendo seguir pistas e sem medo de errar - enfim, uma pesquisadora completa, intuitiva e de excelente formação intelectual. E, mais do que tudo, gente finíssima, de finíssimo trato, elegante, gentil e bem humorada.

Acho que formamos uma boa dupla: elogios pra cá, elogios pra lá... E muito trabalho nesse meio!

Você disse "que bom que vamos por um ponto final". Eu não acho bom, não: gostaria que o seu trabalho nunca terminasse, que é pra eu ficar curtindo a sua inteligência e a sua escrita deliciosa.

Por tudo isso, você não deve ter, por mim, nenhum sentimento do tipo "gratidão". Gratidão é quando alguém faz um favor pelo outro. Eu não fiz favor nenhum por você. Apenas reconheci os seus méritos e tentei promovê-los - acho que fiz até muito pouco.

E aproveitando o ensejo, vai aqui aquela pergunta clássica nesses momentos: você já tem planos para o doutorado?

Quanto à data, antes de tudo é preciso checar as disponibilidades das professoras da banca. Ai, então, conversamos entre nós e, de novo, com elas. Você pode ir vendo isso, ok?

Você já tem o formulário? Pois eu também! E agora?

Beijo grande.

Marcus Vinicius

A relação de orientação construída com Marcus Vinicius da Cunha foi essencial para que eu tivesse coragem de navegar no mar da pos-graduação. Que sorte a minha!

Guardo este trabalho entregue no final da disciplina ministrada por Carlota Boto até hoje, em meio aos meus mais preciosos tesouros afetivos. Ele representa o primeiro reconhecimento da mestra tão admirada. A letra, a lousa, a postura, o saber, a presença. Que encontro!

Raquele,

Como eu já esperava - vindo de você - tenho em mãos um texto original, perspicaz, sólido e bem construído em sua redação. Você mobiliza bem a conflúncia entre literatura (ou história das ideias) e história da educação (comparando as práticas escolares). Essa inervação pela literatura é reveladora de intuições valiosas que por via de seu doutorado que você se sua marca na produção de um trabalho de pesquisa pedagógica brasileira. Parabéns! E fica aqui o registro de minha admiração.

WMA

Carlota Boto ministrava uma disciplina para mim espantosa, que cursei mesmo sem necessitar dos créditos. Ia e voltava de Rio Preto para Araraquara todas as sextas feiras – o que significava, no mínimo, 350 quilômetros de estrada, com tudo o que este ir e vir comportava de esforços logísticos e financeiros. Valeu tanto a pena que tento reproduzir esta disciplina até hoje, pois guardo as duas pastas cheias de cópias dos textos básicos e complementares das suas aulas. Nelas, Carlota relacionava o pensamento às práticas educacionais na Idade Moderna e Contemporânea, e vice-versa. Isso sem falar na importância do então já celebrado *A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa* (1996).²¹

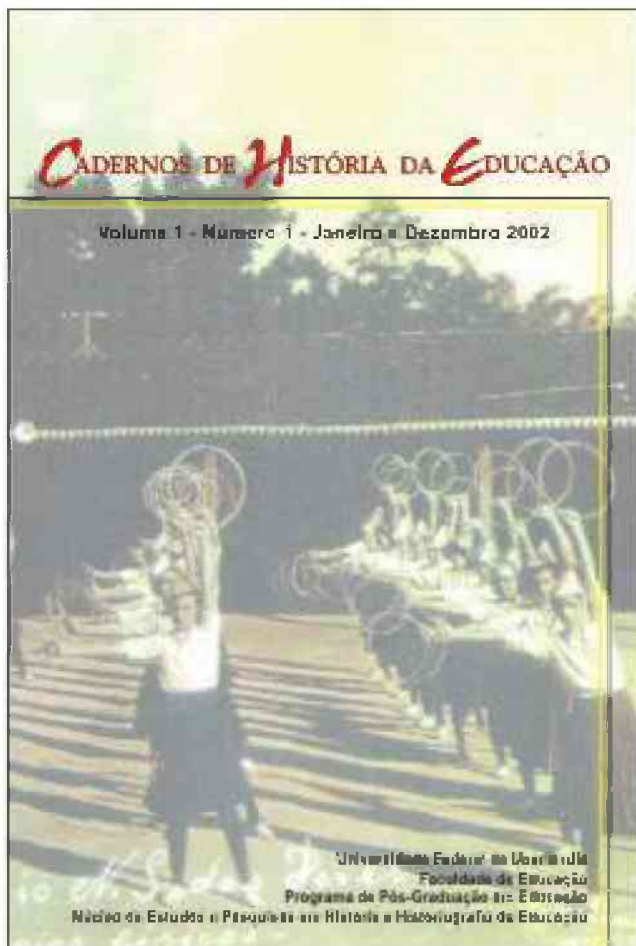
Fato é que assisti e participei, na esteira deste grupo seletivo de professores, para sempre inscritos em mim, de boa parte dos CBHE (Congresso(s) Brasileiro(s) de História da Educação), promovidos pela SBHE (Sociedade Brasileira de História da Educação), fundada em 1999. E foi justamente no II CBHE, ocorrido na cidade de Natal, em 2002, que passei a mirar a possibilidade de ministrar aulas exclusivamente no ensino superior. Eu ainda cursava o mestrado, e, numa conversa informal, Vera Teresa Valdemarin falou diretamente para mim o seguinte, com aquele estilo que mistura elegância, inteligência, beleza e autoridade naturais: “precisamos de pessoas como você na universidade”. **Vaticínio, previsão, profecia** generosa daquela mulher por quem eu nutria enorme admiração.

Levei um susto. Fiquei mesmo surpresa em ouvir isso. Suava em bicas para fazer uma mera comunicação de vinte minutos, sentia grande

21. Infelizmente não fui aluna do grande Carlos Monarcha, que se tornou docente em Araraquara após o meu doutoramento. Mas este intelectual também teve papel fundamental na minha trajetória, tanto como referência teórica quanto como orientador informal dos meus primeiros passos como professora de universidade pública, após 2008.

mal-estar nos congressos quando tinha que falar em público, sequer permiti que minha família assistisse à minha defesa de tese. E as exigentíssimas Vera Valdemarin e Carlota Boto, cada qual à sua maneira, me lançavam agouros dadivosos, cúmplices. Bons presságios de contos de fada que me envolviam e me faziam construir novos horizontes.

Ao longo dos anos acho que enganei bem aos ouvintes em relação a este enorme desconforto com a *hexis* acadêmica (Bourdieu, 2011) Ensaiei as comunicações em casa, torcendo para não ser alvo de nenhuma pergunta. Impedia os conheci-



Cadernos de História da Educação, volume 1, comprado e lido por mim II CBHE, quando fazia mestrado na Unesp-Araraquara. Observando retrospectivamente, fico pensando na importância deste periódico para o Nephe, o PPGED, a UFU e para o campo da História da Educação brasileira.

dos de me ouvirem e inventava desculpas para ir logo embora na hora do debate – “me desculpe, vou perder o voo” etc.

Más fantasias de “gente fraca da cabeça”, como se dizia na Laranjal Paulista dos meus tempos. Uma vivência completamente diferente da intimidade e descontração experimentadas tanto como professora quanto como aluna no ambiente da sala de aula. Aliás, àquelas alturas, eu já ensinava História Contemporânea, História do Brasil e História da Educação no ensino superior da Faceres (Faculdade de Ceres) de São José do Rio Preto; e do Imes/Fafica de Catanduva (Instituto Municipal de Ensino Superior/Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Catanduva). Orientava estágio supervisionado e os meus primeiros alunos de iniciação científica.

Diferentemente do Instituto Municipal de Catanduva, que tinha uma história institucional que remontava à década de 1960, a Faceres de Rio Preto acabara de ser fundada (2002), no famoso e criticado processo de expansão da rede particular de ensino superior promovido por Fernando Henrique Cardoso (1998-2003) em todo o país. Justamente em função da história a ser construída na nova instituição, tínhamos grandes utopias comuns, um ânimo ilimitado e muita liberdade de ação.

Fiz parte do grupo que montou tanto o curso de Ciências Sociais, com habilitação em História, quanto o de Pedagogia. E que grupo de professores e de alunos! Levávamos as aulas para muito além das paredes institucionais. Os alunos faziam estágios com os internados em hospícios, como o Bezerra de Menezes; instituições asilares, como a Fundação Casa e o Asilo São Vicente de Paula; e penitenciárias, como o Centro de Progressão Penitenciária “Dr. Javert de Andrade”.

O quanto aprendi com aqueles coordenadores e docentes com os quais passei a conviver intensamente desde o início dos anos 2000, e com aquelas primeiras turmas de discentes inicialmente da graduação e, logo em seguida, das especializações que montamos não posso mensurar. Construir os projetos dos cursos, preparar as aulas, montar os planos de

História da Educação, História do Brasil e História Contemporânea. Receber as comissões de reconhecimento do MEC, montar uma biblioteca a partir do zero, organizar os primeiros eventos científicos, formar professores de Sociologia, de História e da Educação Infantil. Para mim, sem dúvida uma das grandes experiências vividas.²²

22. Os ex-alunos que hoje são professores da Educação Infantil, bem como do ensino fundamental, médio e superior, ensinando História e Sociologia na região me enchem de orgulho. Uma pena que o mantenedor, Toufic Ambar Neto, um sujeito verdadeiramente apaixonado pelo conhecimento, tenha sido obrigado a fechar as licenciaturas da Faceres, que funcionaram de 2002 a 2015. Atualmente, a faculdade só possui o curso de Medicina. Movimento ilustrativo da ascensão e do declínio das licenciaturas nas universidades privadas do país.

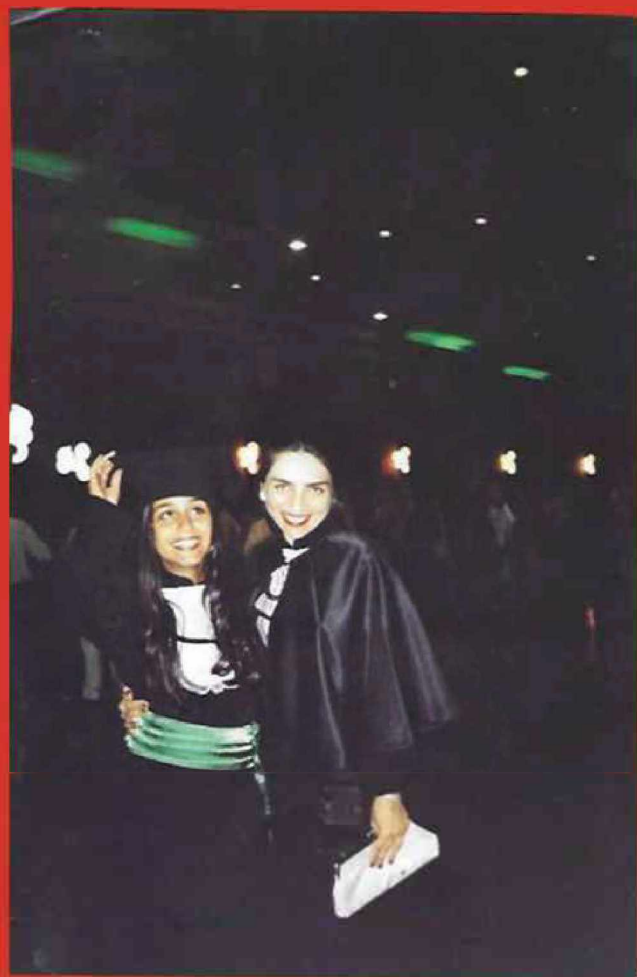


Foto da formatura da minha primeira orientanda de TCC, Priscila Marques de Gasperi, da turma inicial do curso de Pedagogia da FACERES/Rio Preto (2006), faculdade que ajudei a construir legalmente e simbolicamente no Noroeste Paulista. Depois disso tantas e tantas turmas me atravessaram – e foram atravessadas por mim no Ensino Superior! Tantos trabalhos de conclusão de curso orientados, iniciações, mestrados e doutorados.



E que grupo de docentes passou por aquela instituição! Destaco a criatividade sem limites da socióloga Miriam Shaw, a sensibilidade, inteligência e leveza da pedagoga Maria Cecilia Braga, e a disposição para a luta da pedagoga Mirtes Abdelnur. Inspirações estelares.





Aqui temos um pequeno mosaico com imagens de alunos de diferentes níveis de formação na UFU: ingressantes da Enfermagem, do PPGCE (mestrado profissional), do PPGED (mestrado e doutorado).
E grupo de orientandos na sala do Nephe, em 2024.



3.4 A escrita da história em meio às práticas sociais

N

esse ínterim, continuava a cortar o estado de São Paulo de cima abaixo por questões familiares e profissionais: Mirassol, Rio Preto, Catanduva, Araraquara, São Carlos, Rio Claro, Piracicaba, Tietê, Cerquilha, Laranjal, São Paulo, Marília, Assis, Bauru, Botucatu, Tatuí etc.

Debulhar o trigo

Recolher cada bago do trigo

Forjar no trigo o milagre do pão

E se fartar de pão

Decepar a cana

Recolher a garapa da cana

Roubar da cana a doçura do mel

Se lambuzar de mel

Afagar a terra

Conhecer os desejos da terra

Cio da terra, a propícia estação

E fecundar o chão

(Chico Buarque, Milton Nascimento, 1977)

E guardava com alegria e reconhecimento um presente precioso que me fora dado, simbolicamente, por Marcelo Lapuente: a Hemeroteca Da-rio de Jesus, localizada na Casa de Cultura Dinorah do Valle em São José do Rio Preto. Tal qual um Jorge Luis Borges local, um dia ele me pegou pelas mãos e me conduziu até uma espécie de “biblioteca de Babel” rio-preten-se. Para Borges, uma biblioteca é sinônimo d’ “O UNIVERSO”. O argentino prenunciou “que a Biblioteca é interminável” (2001, p. 92) e a descreveu de maneira enigmática, extraordinária e metafísica, como é de seu estilo:

O UNIVERSO (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer he-xágono, veem-se os andares inferiores e superiores: inter-minavelmente. A distribuição das galerias é invariável. Vinte prateleiras, em cinco longas estantes de cada lado, cobrem todos os lados menos dois; sua altura, que é a dos andares, excede apenas a de um bibliotecário normal. Uma das faces livres dá para um estreito vestíbulo, que desemboca em outra galeria, idêntica à primeira e a todas. À esquerda e à direita do vestíbulo, há dois sanitários mi-núsculos. Um permite dormir em pé; outro, satisfazer as necessidades físicas. Por aí passa a escada espiral, que se abisma e se eleva ao infinito. No vestíbulo há um espelho, que fielmente duplica as aparências. Os homens costumam inferir desse espelho que a Biblioteca não é infinita (se o fosse realmente, para que essa duplicação ilusória?), prefiro sonhar que as superfícies polidas representam e prometem o infinito...A luz procede de algumas frutas es-féricas que levam o nome de lâmpadas. Há duas em cada

hexágono: transversais. A luz que emitem é insuficiente, incessante. Como todos os homens da Biblioteca, viajei na minha juventude; peregrinei em busca de um livro, talvez do catálogo de catálogos; agora que meus olhos quase não podem decifrar o que escrevo, preparo-me para morrer; a poucas léguas do hexágono em que nasci. Morto, não faltarão mãos piedosas que me joguem pela balaustrada; minha sepultura será o ar insondável; meu corpo cairá demoradamente e se corromperá e dissolverá no vento gerado pela queda, que é infinita. Afirmo que a Biblioteca é interminável (Borges, 2001, p. 92).

Pois para mim parecia que a Hemeroteca Dario de Jesus comportava todas as perguntas e respostas possíveis de existirem neste mundo e em muitos outros mundos para além das minhas possibilidades de entendimento. No entanto, a Babel rio-pretense tinha na realidade alguns poucos corredores com estantes de aço até o teto, onde estavam mal acondicionadas as brochuras dos velhos jornais editados na cidade e na região desde o início do século XX.

Possuía cortinas cheias de mofo, um pequeno ventilador barulhento em cima de uma velha máquina de costura aparentemente abandonada. Infiltração nas paredes e uma mesa sem cadeiras para que os raríssimos visitantes apoiassem as brochuras dos impressos quando quisessem muito excepcionalmente analisá-los. Havia ainda alguns animais empalhados, antigas medalhas e quadros de gosto duvidoso que retratavam os pioneiros e políticos locais. Era uma espécie de depósito de coisas mais ou menos abandonadas, mas que ninguém tinha coragem – e poder – para descartar definitivamente.

A responsável pela compra e preservação dos jornais que a compunha foi a prefeitura que, após anos de mediação da professora, jornalista,

agitadora cultural e escritora Dinorah do Valle (1926-2004), cedeu aos insistentes pedidos dela e de outros membros da elite intelectual da cidade para que os velhos jornais que se encontravam dispersos em arquivos particulares fossem aglutinados e guardados em um único local. Dinorah, então muito doente, já estava aposentada.

De modo que a funcionária que cuidava da Hemeroteca era a mesma encarregada da limpeza, a gentil Sra. Margareth. Mais tarde, descobri que ela era a dona da máquina de costura, e que fazia o possível para manter, entre uma costura e outra, minha Babel longe dos raios de sol – missão inexecutável. Convivíamos, eu e ela, praticamente as duas únicas frequentadoras do local, com as infiltrações, com o xixi dos gatos, com os restos de veneno depositado nas brochuras e ataques de cupins.

E fomos nos tornando cúmplices: ela, que inicialmente me recebera com receio e desconfiança, paulatinamente foi se tornando minha parceira e eu, sua confidente. Aos poucos, me cedia a melhor cadeira e até me permitia usar o velho computador da sala, caso houvesse necessidade. Servia bolo de fubá, café quente e maldizia os gestores que haviam deixado a hemeroteca chegar naquela situação. Percebi, então, que a Babel não era só minha, mas dela também. E de Dinorah do Valle, que a monitorava à distância.

Folheei avidamente aqueles jornais, e, com eles e sobre eles, escrevi meus trabalhos de pós-graduação em Araraquara - mestrado e doutorado - além de diversos capítulos de livros e artigos. Fiz comunicações em eventos científicos e conheci pessoas e lugares dentro e fora do país. Me tornei uma pesquisadora de fato e me inseri, de maneira profissional, no campo da pesquisa histórica nacional. Orientei trabalhos, utilizando aqueles impressos como fonte e como objeto de pesquisa, e confesso que foi só muito recentemente, quando publiquei os resultados do meu pós-doutorado em forma de livro, que me despedi definitivamente daquele lugar. Coincidentemente, foi em 2024 que esvaziei meu apartamento em Rio Preto e o vendi.

Naqueles anos de frequência à hemeroteca e aos arquivos públicos e privados de Araraquara, Catanduva, Rio Preto e Mirassol, desenvolvi uma compreensão sobre o passado/presente/futuro da cidade e da região e, sobretudo, do mundo ocidental, posto que os jornais locais inegavelmente integravam um circuito internacional de comunicação, ou, melhor dizendo, uma “esfera de comunicação” conforme ensinou Bakhtin (2002; 2003; 2003).

Alarguei, por fim, uma espécie de “amizade” (Prost, 1998, p. 147), de “afeto desiludido”, de “afetividade” (Prost, 1998, p. 148) em relação aos periódicos e à História que me era contada por eles. Evidente que nos anos em que li e reli impressos de diferentes ideologias, formatos e finalidades estive munida dos ensinamentos adquiridos na graduação e na pós-graduação no que concerne ao trato crítico das fontes e à escrita da História.

Sabia que existiam fronteiras morais na compreensão dos tempos idos, e conhecia bem os limites da apreensão *total* da realidade. Mas, a compreensão histórica “supõe certa forma de convivência, de cumplicidade com o outro: é necessário a disposição de entrar em sua personalidade, enxergar com seu olhar, sentir sua sensibilidade, julgar de acordo com seus critérios. A compreensão adequada faz-se somente a partir de dentro” (Prost, 1998, p. 148). Por isso a escrita da História se tornou também uma aventura pessoal.

Retomando os ensinamentos de Henri Marrou, Antoine Prost sugere que a História deve ser praticada como uma espécie de “amizade” (Prost, 1996, p. 148), de exercício de escuta dos mortos, posto que “compreender é sempre, de certa maneira, colocar-se pelo pensamento no lugar daqueles que são o objeto da história que se escreve” (Prost, 1998, p. 147).

Interessante pensar, juntamente com o historiador francês, que estudar história é uma maneira do historiador também conhecer... a si mesmo. E de certa maneira eu estava ali, naqueles impressos da primeira metade do século XX. Antiquíssimas questões absolutamente pessoais, relacionadas à história das mulheres – seus pesos, belezas, maternidades,

medidas, profissionalização, lutas e exclusões públicas e privadas; os rituais escolares e a importância dada à educação formal das pessoas: tudo ao alcance dos meus olhos e das minhas mãos. A estima social por professores e professoras, a simbologia em torno dos espaços e sujeitos educacionais. A própria formação das fronteiras do estado de S. Paulo, a construção ideológica de uma identidade paulista, as guerras e revoluções. Os médicos higienistas e os legisladores. Os leprosos, sífilíticos e alcoólatras. Os loucos e suicidas. Tudo ali, na minha Babel caipira. Presente/passado/futuro fundidos nas páginas daqueles impressos.

O conhecimento do passado é, também, a mediação pela qual o historiador prossegue a busca de si mesmo. Pode ocorrer que, em certo período de sua vida, ele não preste atenção a determinada história à qual, em outro período, irá apegar-se; com o decorrer do tempo, irá compreender o que ele não havia percebido anteriormente. Em relação aos historiadores, os ensaios de ego-história, apesar de todo o seu interesse, fornecem menos informações que a leitura de seus livros (Prost, 1998, p. 145).

Acima de tudo, me divertia muitíssimo com as possibilidades de folhear jornais, revistas e álbuns antigos. E me entretinha com aquela espécie de vertigem no ir e vir diacrônico tão característico da nossa prática. Ria sozinha enquanto evocava os grandes historiadores que admirava no Brasil e no mundo, e, também, relembrava dos antigos personagens dos desenhos animados e filmes da minha infância.

Eu me transformava no hipopótamo Peter Potamus, criação dos estúdios Hannah-Barbera, por exemplo, que viajava pelo mundo e pelo tempo a bordo de um balão mágico. Ele e seu inseparável macaco Tico-Mico subiam no balão, faziam o ponteiro do relógio mágico girar e... iam pa-

rar em outro lugar e em outra era! Ou me sentia como um personagem do filme *Em algum lugar do passado*, onde os lindos Christopher Reeve e Jane Seymour viviam uma história de amor romântica que ultrapassava o tempo, o espaço e a morte - e nos faziam chorar rios de lágrimas enquanto os assistíamos na Sessão da Tarde da rede Globo.

O processo de escrita do mestrado e, em menor grau, do doutorado, embaralhou, portanto, leveza, entrega e encantamento. Fui me tornando uma pesquisadora na prática e me forjando como uma cidadã daquelas plagas. Por isso, resolvi procurar a Secretaria Municipal de Cultura para que pudéssemos criar um arquivo público profissionalizado na cidade, digitalizar o acervo dos documentos históricos, preservar a história e a memória da localidade e da região, e, enfim, salvar definitivamente os “meus” jornais.

Eu me aproximei dos memorialistas, jornalistas e historiadores locais que há tempos tinham objetivo idêntico: Prof. Agostinho Brandi, Prof Nilce Loddi, Jocelino Soares, Lelé Arantes, a própria Dinorah do Valle e outros. Mobilizei meus alunos da Educação Básica e do Ensino Superior em torno da “causa” da memória de Rio Preto e da região. Organizei seminários, conversei com secretários e com o prefeito da cidade, Edinho Araújo (2001-2009).

Particularmente o Secretário de Cultura, Rui Sampaio (2001-2004) se sensibilizou verdadeiramente com o assunto, e me impulsionou muitíssimo neste movimento de agitação cultural em torno da causa da preservação da memória regional. Levei para Rio Preto, com auxílio financeiro obtido junto à Secretaria Municipal de Cultura, as professoras Tania Regina de Luca (Unesp-Assis) e Heloísa Faria Cruz (Puc-SP) para falarem sobre a importância dos jornais para a história das cidades. E Lauro Avila Pereira, na época Diretor do Departamento de Preservação e Difusão do Arquivo do Estado de São Paulo. Convidei Antonio Celso Ferreira (Unesp-Assis) para fazer palestra e Dinorah do Valle para ser homenageada por toda a comunidade. O evento se chamou I Seminário para a Preservação da Memória Rio-Pretense e foi um sucesso de público e de divulgação da causa que nos mobilizava a todos.

PARTICIPANTES

Prof. Dr. Antônio Celso Ferreira
 Professor docente em História (Unesp)
 Autor em História pela USP
 Coordenador do programa de pós-graduação em História da Unesp (Assis)

Prof. Dr. Esther Caldas Bertoletti
 Técnica consultora em documentação da
 Fundação Biblioteca Nacional / Min. da Cultura
 Coordenadora do projeto resgate de documentação
 histórica "Barão do Rio Branco"
 Membro da diretoria do Instituto Histórico e
 Geográfico Brasileiro


Prof. Lauro Ávila Pereira
 Coordenador das áreas técnicas do Arquivo
 Público do Estado de São Paulo
 Prof. subst. depto. de História da PUC-SP
 Mestre em História pela PUC-SP

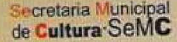
Prof. Dr. Tânia Regina de Luca
 Doutora em História pela USP
 Prof. depto. de História da Unesp (Assis)
 Vice-coordenadora do programa de pós-graduação em História da Unesp (Assis)

Prof. Dr. Heloísa Faria Cruz
 Doutora em História pela USP
 Prof. do programa de pós-graduação em
 História da PUC-SP

Coordenação:
 Prof. Dr. Antônio Celso Ferreira
 Prof. Raquel Discini de Campos
 Prof. Marcelo Lapuente Mahl

Realização:

 Prefeitura Municipal de
 São José do Rio Preto

 Secretaria Municipal
 de **Cultura** SEMC

**I Seminário
 para a Preservação
 e Revitalização
 da Memória
 Rio-pretense**

Imprensa • Cultura • Cidadania

Folder do I Seminário para a Preservação da Memória Rio-Pretense, iniciativa embrionária da movimentação regional em torno da criação de um Arquivo Público Municipal.

Nesse entremeio frequentava outros arquivos, públicos e privados: de Catanduva, de Mirassol, de Araraquara e o próprio Arquivo do Estado de São Paulo. Aprendia a pesquisar e a escrever História, bem como a defender tanto a construção quanto a catalogação e a preservação das fontes.²³ Estava cheia de vontade, de energia e de força criativa.

**Don't stop me now. I'm having such a good time
I'm having a ball. Don't stop me now
If you wanna have a good time, just give me a call
Don't stop me now ('cause I'm havin' a good time)
Don't stop me now (yes, I'm havin' a good time). I
don't wanna stop at all
(Freddie Mercury, 1979)**

Meus trabalhos foram reconhecidos. O mestrado, publicado com recursos oriundos da Secretaria Municipal de Cultura de São José do Rio Preto, se transformou no meu primeiro livro, *A princesa do sertão na modernidade republicana: urbanidade e educação na Rio Preto dos anos de 1920*, editado pela Annablume em 2003. O doutorado, escolhido como tese de destaque a ser publicada pela Editora da Unesp, foi vencedor do Prêmio Estímulo Nelson Seixas de São José do Rio Preto, e publicado em formato de livro em 2009: *Mulheres e crianças na imprensa paulista: educação e história*.

Em Rio Preto construí uma vida bonita, amparada por uma irmandade inexaurível: Maria Cecília Braga, Miriam Shaw, Mirtes Abdelnur,



Lançamento d'A princesa do sertão na modernidade republicana: urbanidade e educação na Rio Preto dos anos de 1920, no conjunto de prédios construído pela Swift para o armazenamento e a seleção de grãos de algodão e de milho. Estava radiante, assim como vovó, que veio de Laranjal especialmente para o lançamento, que foi um sucesso. Vendi quase 200 livros.

Hoje a Swift é um dos mais importantes complexos culturais da cidade. Mas tudo estava para ser feito naquela época, inclusive a “reconstrução”/ocupação deste complexo. O prefeito, Edinho Araújo, o secretário de Cultura, Rui Sampaio, bem como Jocelino Soares, Lelé Arantes, Nilce Loddi, Agostinho Brandi, Sr. Tonello e demais políticos, memorialistas e cidadãos locais compartilhavam os mesmos ideias. Tive sorte ao construir uma rede de sociabilidade local muito boa, mais tarde fui aprender lendo Sirinelli (2010).

Maria Fernanda Marrega, Daniela de Brito, Cassia Escoza e Andrea Zulian. Vovó e papai ainda eram vivos, vez ou outra passava férias na Europa e sempre tinha para onde voltar com as malas cheias: para a casa de mãe, em São Paulo, ou para a casa de vovó, em Laranjal Paulista. Ainda era relativamente jovem e parecia poder me apoderar do que quisesse. Don't stop me now ('cause I'm havin' a good time). Don't stop me now (yes, I'm havin' a good time). I don't wanna stop at all (Freddie Mercury, 1979).

De modo que em 2008, no início do segundo governo Lula, comecei a olhar atentamente para os editais dos concursos públicos que passaram a acontecer nas universidades do país. E eles apareciam cotidianamente, posto que havia uma demanda há tempos represada pela contratação de professores nas universidades federais. “Ah! Bruta flor do querer. Ah! Bruta flor, bruta flor” (Caetano Veloso, 1984).

Em Rio Preto, além da Faceres, tive uma feliz experiência como professora substituta de História da Educação no Ibilce/Unesp em 2007, no curso de Pedagogia recém fundado. Infelizmente, aquela instituição jamais abriu outra vaga além daquela que ocupei como substituta. Mas, a partir de então, a docência na universidade pública se tornou um projeto de vida. Era exatamente aquilo que eu queria: ministrar 8h/a na semana e me dedicar no restante do tempo ao estudo, à escrita e à orientação das pesquisas dos meus alunos.

Por isso, quando abriu uma vaga professor efetivo da disciplina de História da Educação em Natal, no Rio Grande do Norte, pensei: “será que chegou a hora de ir para o litoral? Mas lá é muito longe das minhas origens, não vou tentar”. Outro em Londrina, Paraná e ponderei: “talvez seja uma boa opção...não é tão longe assim de casa.” Um outro, em Uberlândia, Minas Gerais, e decidi tentar: “fica a 250 km de Rio Preto, dá para ir e vir toda semana. Estive lá no Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação em 2006 e foi ótimo...”. Além disso, me convenci a prestar este concurso com o seguinte argumento: “Admiro o grupo de professores do Nephe/

UFU que está sempre junto nos congressos da área. E eles ainda tem uma revista chamada *Cadernos de História da Educação*. “Vou me inscrever em Uberlândia para ver como é um concurso público para professor, e tentar me classificar”.

Éramos mais ou menos 30 inscritos. Uma única vaga. Maurilane Biccas, da USP, conduzia tudo com serenidade, empatia e generosidade. Achei tão bonito e digno o fato de que a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia havia providenciado suco, água, refrigerante, café, pão de queijo, bolo de mandioca e demais “quitandas” como se dizia na cidade, para alimentar e saciar a sede daquela sala cheia de candidatos que chegavam de diferentes pontos do país. Era meu primeiro – e foi o único concurso. A frase em destaque na entrada do campus ainda hoje cala fundo em mim: “UFU, UM BEM PÚBLICO A SERVIÇO DO BRASIL”.

Notei que o *campus* Santa Mônica estava com as sibipirunas floridas, e que tinha muitos sabiás que cantavam ininterruptamente e tão alto que chegavam a atrapalhar a concentração dos candidatos na hora da prova escrita. “Mas... e se passar? Vou me mudar para Minas Gerais?”. Quimera, bastava me classificar. Fiz uma boa prova. E dei uma grande aula. Passei em primeiro lugar.

Que alegria e que tristeza, meu Deus. Que conquista e que enorme confusão na minha vidinha de paulista. Afinal, o concurso não era para ser apenas um treino de alto nível? E agora?

“Na carreira” (Chico Buarque, 1983). Estradão.



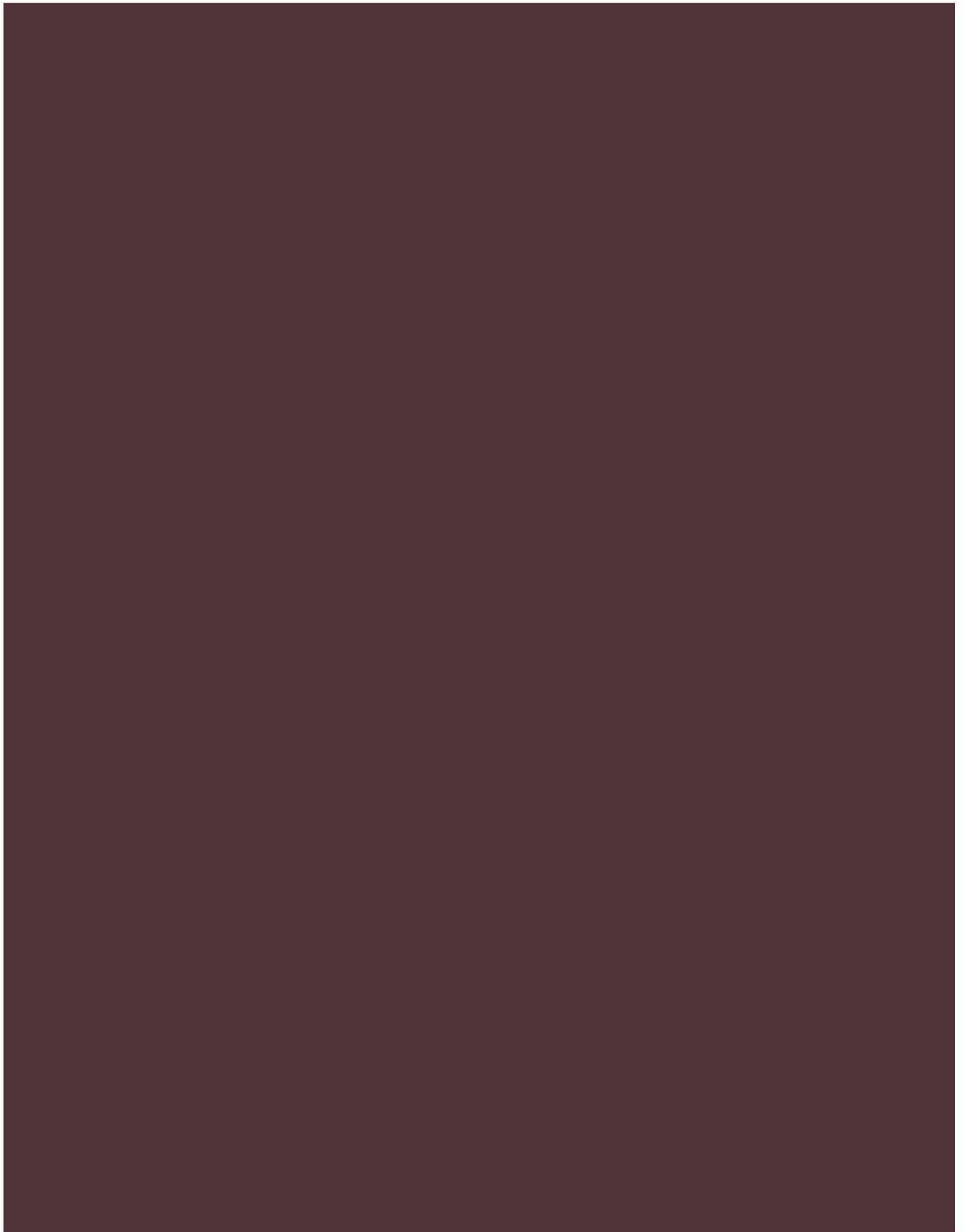
UFU: um bem público a serviço do Brasil.



Pintar, vestir. Virar uma aguardente. Para a próxima função
Rezar, cuspir. Surgir repentinamente. Na frente do telão
Mais um dia, mais uma cidade. Pra se apaixonar. Querer casar. Pedir a mão
Saltar, sair. Partir pé ante pé. Antes do povo despertar
Pular, zunir. Como um furtivo amante. Antes do dia clarear
Apagar as pistas de que um dia. Ali já foi feliz
Criar raiz. E se arrancar. Hora de ir embora. Quando o corpo quer ficar
Toda alma de artista quer partir. Arte de deixar algum lugar
Quando não se tem pra onde ir. Parar, ouvir. Sentir que tatibitate
Que bate o coração
Mais um dia, mais uma cidade. Para enlouquecer
O bem-querer. O turbilhão. Bocas, quantas bocas. A cidade vai abrir
Pruma alma de artista se entregar. Palmas pro artista confundir.
Pernas pro artista tropeçar.
Voar, fugir. Como o rei dos ciganos. Quando junta os cobres seus
Chorar, ganir. Como o mais pobre dos pobres. Dos pobres dos plebeus.
Ir deixando a pele em cada palco. E não olhar pra trás. E nem jamais
Jamais dizer.
Adeus

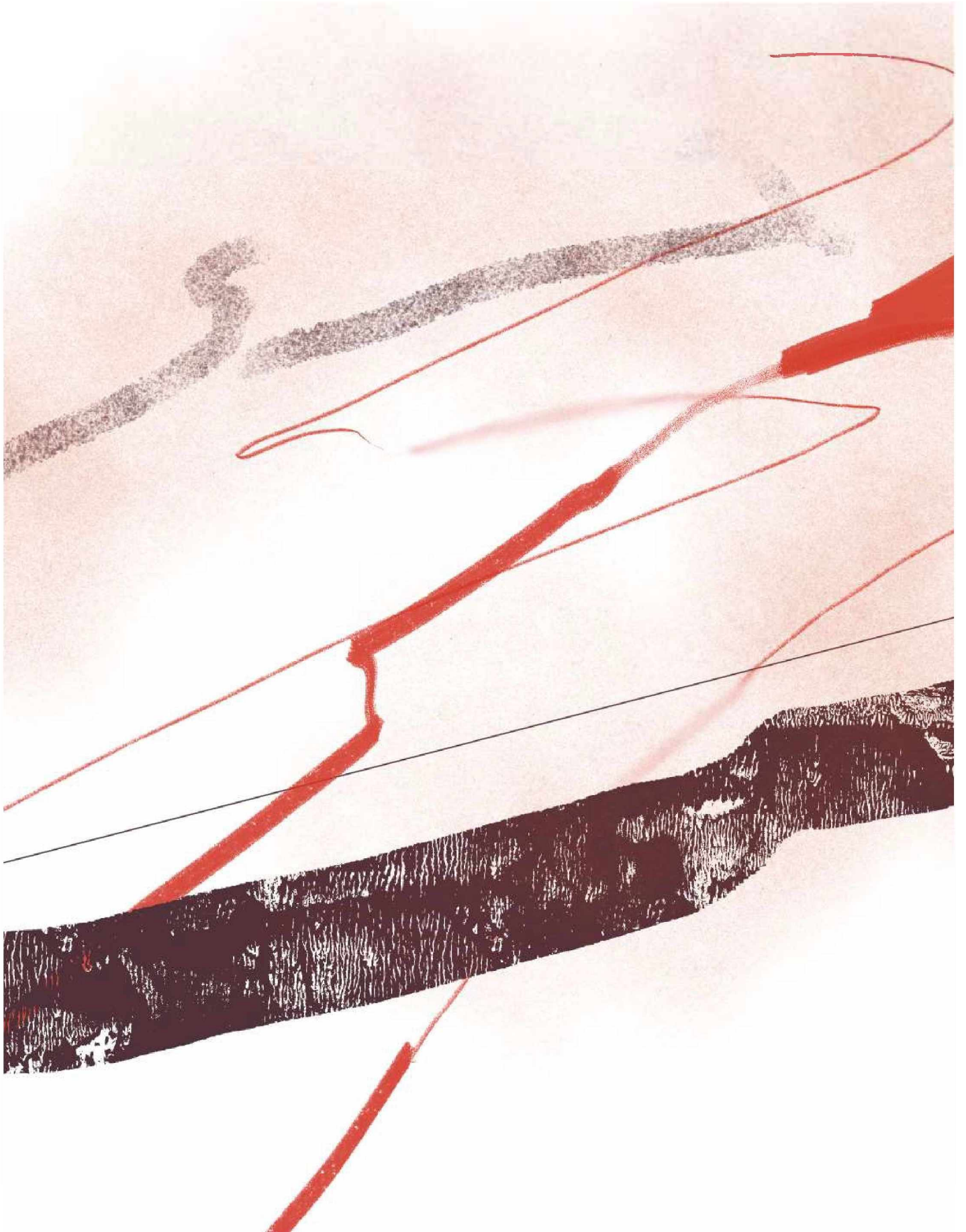
Assumi o cargo em outubro de 2008. As quitandas, as sibipirunas e os sabiás eram verdadeiros - e não apenas miragens ou simulacros. Fui muitíssimo bem recebida pelos professores, técnicos e alunos da Faculdade de Educação em geral; e pelos membros do Nephe (Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação) em particular. Estavam todos muito entusiasmados com os diversos concursos que estavam acontecendo simultaneamente no âmbito da FAGED e, se não estou enganada, juntamente comigo entraram mais onze docentes, depois mais tantos outros.

**E assim começou a minha
história na Universidade
Federal de Uberlândia, MG.**



Todo começo é involuntário.
Deus é o agente,
O herói a si assiste, vário
E inconsciente.
À espada em tuas mãos achada
Teu olhar desce.
"Que farei eu com esta espada?"
Ergueste-a, e fez-se.

(Fernando Pessoa, 1934)



4.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA: BRASIL ADENTRO E MUNDO AFORA

4.1 Primeiros desdobramentos

E

ra um contexto de renovação e de enorme otimismo com o Brasil e com a universidade. Minha posse, ocorrida em setembro de 2008 coincidiu com meados do segundo governo Lula (2004-2011) que, como sabemos, investia fortemente na expansão da rede federal de ensino, tendo à frente do Ministério da Educação o incensado e, também, por vezes criticado, Fernando Haddad (2005-2012). Universidades, cursos e turnos estavam indiscutivelmente se multiplicando, o que era uma enorme conquista social que trazia consigo desafio equivalente: assegurar a qualidade do crescimento.

Era também um momento de maior democratização do ingresso no ensino superior, e de mudança no perfil geral do alunado, decorrente da implementação de uma série de iniciativas que respondiam às demandas de diferentes setores historicamente marginalizados do processo, desta-

cadamente negros, indígenas, LGBTQIA+ e outros grupos sociais.²⁴ A UFU, em seu plano diretor, se inseriu fortemente neste movimento histórico. Assim, foram arquitetadas e executadas as construções dos novos campi de Monte Carmelo, Ituiutaba e Patos de Minas, o que alinhava a instituição ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), capitaneado por Haddad.

No *campus* sede, de tradição consolidada, emergiram cursos até então inexistentes, como o de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo, curiosamente criado no âmbito da Faculdade de Educação da UFU, sob a coordenação da aguerrida professora piracicabana Adriana Omena dos Santos. Evidente que logo que pus os pés na UFU me aproximei muitíssimo deste curso. Na verdade, brotamos no cerrado – o Jornalismo e eu – no mesmo vórtice expansionista. De minha parte, a aproximação foi incontornável, dada as afinidades com este universo desde sempre.

A grande pesquisadora Selva Guimarães, então coordenadora do PPGED e referência bibliográfica desde os tempos de Unesp Assis, com seu *Caminhos da História Ensinada* (1993), se tornou um farol afetivo e profissional, enquanto os colegas do Nephe, cada qual com suas potencialidades, me ensinavam a *estar*, definitivamente, no campus Santa Mônica, Bloco G: Wenceslau Gonçalves Neto, José Carlos Araújo, Carlos Henrique de Carvalho, Décio Gatti, Geraldo Inácio Filho, Sandra Cristina Fagundes de Lima, Selmo Haroldo de Resende, Betânia Laterza, Sauloeber Tarsio de Souza, Armindo Quillicci, Sonia Santos, Elisabeth Bernardes e a adorada Romana Isabel – “Romana Bela”. Romana Isabel Brázio Valente Pinho, filósofa portuguesa,

24. Segundo reportagem publicada hoje, momento de finalização deste texto, “O número de alunos pretos e pardos nas universidades federais do país mais do que triplicou em 13 anos. Juntos, esses universitários passaram de 17% para 49% dos matriculados nessas instituições de ensino no período” (Folha de São Paulo, 14/05/2024).



Árvore plantada entre os Blocos G e U pelo Professor Jose Marques de Melo no dia da aula inaugural do curso de Jornalismo da Faced. Ao fundo alunos e funcionários da Faced, com destaque para Diélen, de camiseta vermelha, hoje técnica da universidade, eu e Mirna Tonnus, hoje coordenadora do PPGCE.

uma das idealizadoras e fundadora da Cátedra Agostinho da Silva da UFU. Amiga que tragicamente nos deixou no último 13 de maio de 2024.

Mas estamos em 2008/2009 e, de repente, tinha sala com nome na porta e gozava de autonomia jamais experimentada para desenvolver meus projetos de ensino e pesquisa. Tinha tempo livre para estudar, planejar aulas, atender aos alunos e tudo o mais. Uma alegria e uma realização profissional inquestionáveis. Ao mesmo tempo entendia – não sem grandes sobressaltos, contentamentos, identificações e muitos, muitos estranhamentos – o funcionamento desta universidade da qual passei a fazer parte efetivamente a partir de 2009.

Era necessário montar as pastas com as cópias dos textos e deixá-las disponíveis para os alunos da graduação e da pós, participar das reuniões de Núcleo (Nephe) e de Linha de Pesquisa (História e Historiografia da Educação e Pensamento Educacional), assistir às reuniões do Conselho da Faculdade de



Selva Guimarães, referência teórica e amorosa nas terras mineiras. Aqui, na luta contra Bolsonaro, quando ainda achávamos que seria impossível que fosse eleito. “Ele não”, dizíamos no centro de uma cidade muito identificada com as pautas defendidas pelo então candidato. Ela apoiava Haddad, incondicionalmente. Eu, Ciro. Ela estava certíssima, percebi só em 2022.

Educação (Confaced) e do curso de Pedagogia. Circular pelos corredores e salas de aulas, pelos blocos, cantinas e grupos de pesquisas. Mapear as possíveis afinidades eletivas em meio ao grande e heterogêneo grupo de professores da Faculdade de Educação que, naquele momento, passava a comportar dois cursos: o “cinquentão” curso de Pedagogia, de 1964, e o recém-nascido curso de Comunicação Social, de 2009. E, ainda, era obrigada a me inteirar, mesmo que não desejasse, das indefectíveis inimizades entre os pares, construídas com fervor antes da minha chegada.

Urgia conhecer o excelente acervo da biblioteca, entender as disputas acirradas por poder e hegemonia disciplinar nos currículos – como explicar, por exemplo, que desde 2009 discutimos e *não executamos* uma reforma curricular na Pedagogia, o único curso ainda em regime anual de créditos em toda a Universidade Federal de Uberlândia? Aprender a ler e reler editais, a elaborar e a presidir processos seletivos para os programas de pós-graduação, entender o que eram rubricas, material de consumo, de custeio e afins. Entrar na disputa pelos recursos e pela melhor classificação dos projetos de pesquisa em rankings externos.

Perceber, humildemente, a paralisia ou a lentidão de ações da gestão universitária em todos os níveis, em função da necessidade de licitação para a compra de tudo aquilo que é público. Caso absolutamente ordinário, porém, exemplar, é o do banheiro feminino da cantina do Centro de Convivência em frente ao Bloco G, que ficou anos sem porta por problemas de pregão.

Mas era imperioso, acima de tudo, admirar e aprender com a força e o comprometimento inesgotáveis de alguns professores, gestores, técnicos e alunos com a *coisa pública* - **e tentar honrá-los, afinal**, enquanto aprendia a domar um misto de cólera e aversão pela displicência e letargia de tantos outros sujeitos em relação à universidade, independentemente da ocupação. Situação difícil para quem sempre trabalhou na iniciativa privada e estava acostumada com outro *modus operandi*. Mas era na uni-

versidade pública que eu queria estar, e bem sei que meu desenvolvimento profissional só aconteceu da melhor maneira possível porque aqui cheguei em 2008. Tive boas *condições de trabalho* para ser professora e pesquisadora da UFU.

E assim aprendi a respeitar a rotatividade dos colegas nos cargos de poder – eu mesma, em dado momento, me tornei coordenadora do Nephe; e a dinâmica das agências de fomento. Emitir pareceres, publicar artigos originais e ainda manter o currículo Lattes atualizado. Admitir, acima de tudo, que a ciência brasileira é construída por pessoas e não por divindades míticas – e que, justamente por isso, com tudo o que têm de admirável e de duvidoso, são o nosso retrato.

Tal qual uma espécie de Dorian Gray do sertão, possivelmente admire e afugente algumas imagens da vida universitária refletidas. Um retrato por vezes diligentemente escondido no sótão (Wilde, 2012). Coincidentemente, à par dos primeiros tempos de UFU, vi acontecer, em ritmo alucinante, as revoluções tecnológicas que marcaram as duas últimas décadas da experiência humana em todo o mundo e pude sentir, como indivíduo e como docente, a ascensão de uma era em que a burocratização do cotidiano, bem como a fragmentação do saber se tornaram, a meu ver, experiências que infelizmente dão a tônica cotidiana. Muxoxos de uma professora analógica. Talvez.

De modo que este fenômeno – o da transformação da vida analógica em digital, e conseqüente burocratização da vida e fragmentação do conhecimento - vem carregando ainda mais as tintas escuras por vezes vislumbradas no retrato de Mr. Gray. Pinceladas contínuas de senhas, códigos de segurança, virtualidades de toda ordem, planilhas, mídias sociais, militâncias e “lacração” de linhagens mais midiáticas e menos acadêmicas compõem as cores que erigem a abatida pintura. E a emergência do sistema SEI e do império dos requerimentos, ofícios e quetais me fizeram questionar os próprios rumos do ensino superior público no país.

Estamos em grande medida sob o domínio das virtualidades, que se desdobram em reuniões, qualificações e defesas de trabalhos de conclusão de curso, de mestrado e de doutorado *on line*. Um universo ao qual, ao menos no âmbito da Faculdade de Educação da UFU, os docentes foram entregues à própria sorte e solidão, posto que não temos sequer um técnico responsável para nos auxiliar nessas questões de ordem prática.

**O cérebro eletrônico faz tudo. Faz quase tudo. Faz quase tudo
Mas ele é mudo
O cérebro eletrônico comanda. Manda e desmanda
Ele é quem manda. Mas ele não anda
Só eu posso pensar. Se Deus existe. Só eu. Só eu posso chorar
Quando estou triste. Só eu. Eu cá com meus botões. De carne e osso
Eu falo e ouço. Hum. Eu penso e posso. Eu posso decidir
Se vivo ou morro por que. Porque sou vivo
Vivo pra cachorro e sei. Que cérebro eletrônico nenhum me dá socorro
No meu caminho inevitável para a morte. Porque sou vivo
Sou muito vivo e sei. Que a morte é nosso impulso primitivo e sei
Que cérebro eletrônico nenhum me dá socorro.
Com seus botões de ferro e seus. Olhos de vidro**

(Gilberto Gil, 1969).

Foi triste perceber que enquanto a rotina docente foi se tornando supostamente mais livre em meio às novas tecnologias imperativas, fomos nos transformando em personagens kafkanianos: mais executores de medidas sem rosto do que pensadores dedicados ao saber desinteressado e ao entendimento e transformação do mundo. Agentes virtuais de um sem-número de tarefas, tantas vezes auto impingidas. Seres performáti-

cos e supereficientes que estão perdendo metodicamente a própria humanidade. Serei trágica, exagerada, dramática e um tanto piegas? Quem sabe. Mas é impossível não rememorar o clássico parágrafo inicial de *A Metamorfose* neste instante:

Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo do qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas numerosas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o volume do resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos. O que aconteceu comigo?- pensou. (Gregor Samsa/Kafka, 2012, p. 228)

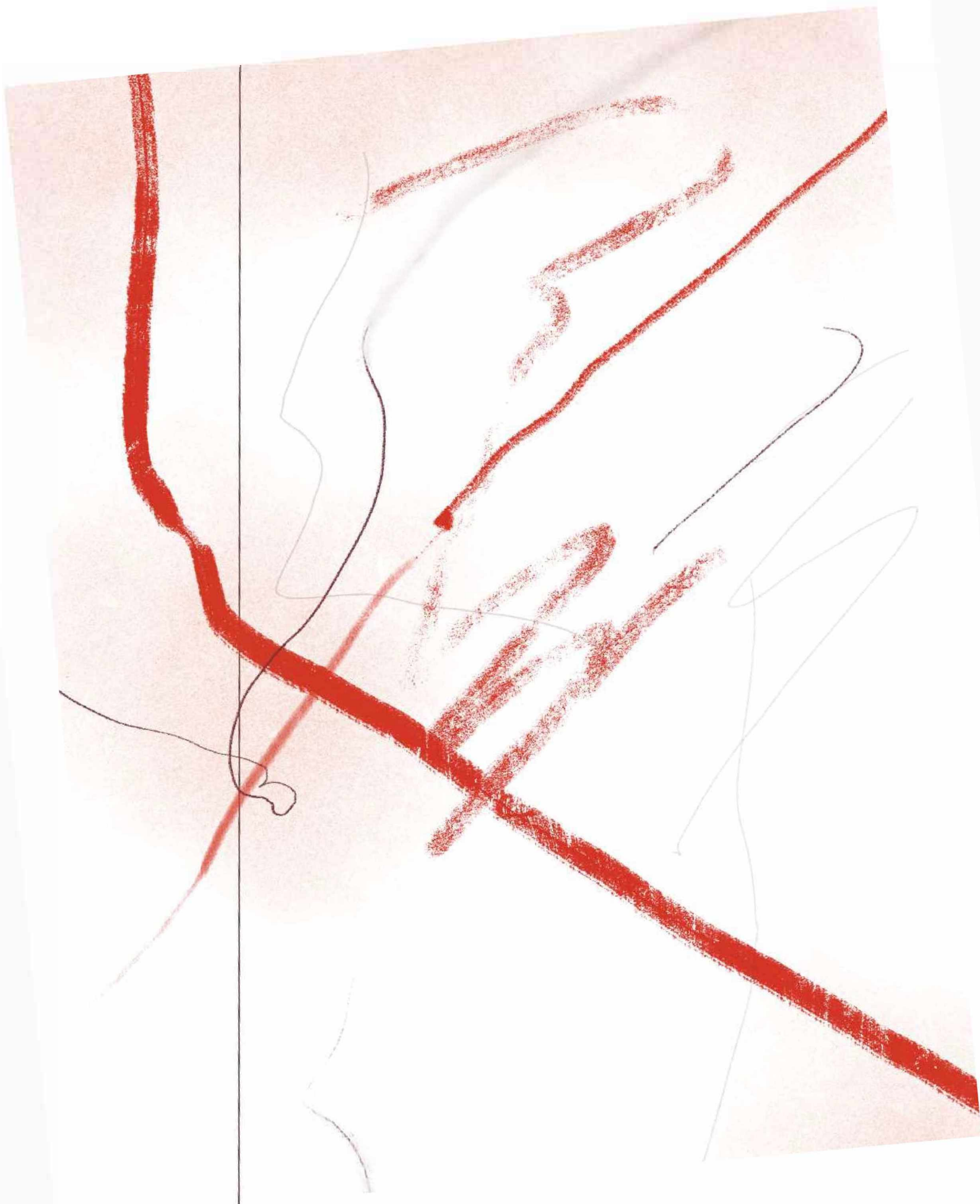
Assistirei à (quase?) morte das possibilidades de encontros para as conversas miúdas, pequenas e aparentemente inúteis num corredor ou cantina quaisquer? Serei testemunha ocular do ocaso dos grandes projetos coletivos visando a edificação de uma universidade viva, dinâmica e plural? “Os Deuses vendem quando dão”, nos ensinou Fernando Pessoa (Pessoa, 2005).

A sensação é de que nos tornamos indivíduos ora inquietos, ora deprimidos. Quiçá muitos de nós sejam simplesmente pessoas teimosas, posto que continuamos a apostar alto na força dos livros, da atenção, da concentração, da erudição, do Humanismo e da civilização em plena era personificada por sujeitos como Elon Musk e *influencers* e *tiktokers* de toda ordem.

Obstinados, os teimosos sobrevivemos ainda à pandemia de Covid e aos seus desdobramentos tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior Nacional. Resistimos, sobretudo, aos ataques oriundos da administração federal, entre os anos de 2019 e 2022, particularmente àqueles procedentes das palavras e ações do chefe máximo do Poder Executivo do país que afirmou em campanha que se eleito “iria entrar com um lança-chamas no MEC e tirar o Paulo Freire lá de dentro” (Jair Messias Bolsonaro. Folha de São Paulo, 25/10/2018). E de um ministro da educação que chamava Kafka de Kafta nas redes sociais, além de afirmar que “as universidades são caras e têm muito desperdício com coisas que não têm nada a ver com produção científica e educação. Têm a ver com politicagem, ideologização e balbúrdia. Vamos dar uma volta em alguns câmpus por aí? Tem cracolândia. Estamos em situação fiscal difícil e onde tiver balbúrdia vamos pra cima” (<https://www.cartacapital.com.br/educacao/abraham-weintraub-diz-que-universidades-federais-tem-cracolandia>). Acesso em 04/05/2024.

Será que um dia nos recuperaremos de tamanha infâmia - e de tudo o que o fenômeno do bolsonarismo representou – e, infelizmente, ainda representa – para a Educação deste país?

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...
(Castro Alves, 2019)



4.2 Outros desenvolvimentos

N

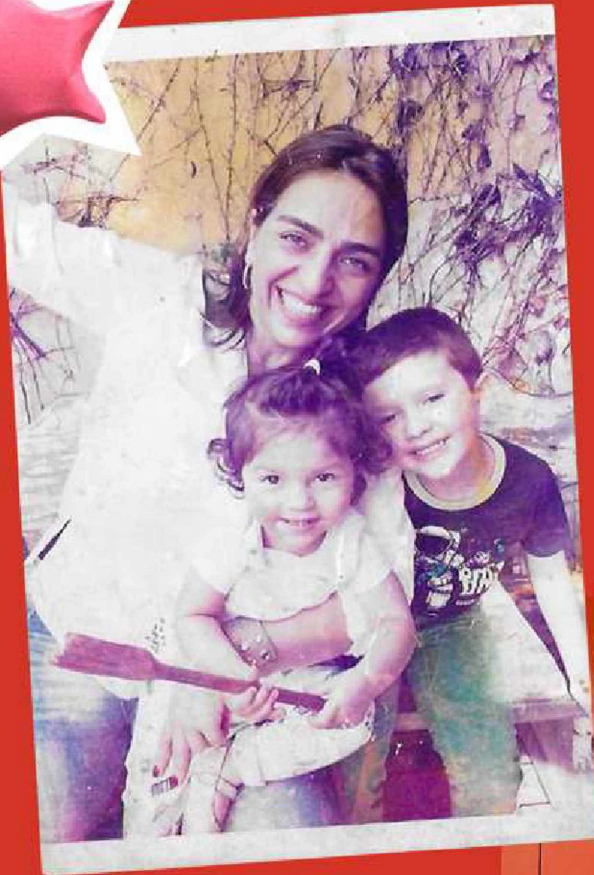
os primeiros anos de Uberlândia a vida privada também passou por um período tristíssimo: papai e vovó morreram em 2010 e 2011, respectivamente, após longo período acamados; e a minha *Combray* definitivamente passava a fazer parte de uma outra era.

Também fiquei doente para valer, coisa que nunca tinha acontecido antes. Dentre inúmeros episódios médicos que não cabe aqui elencar, tive meningite grave e senti dores e horrores que não posso nomear. E literalmente quase morri, vítima de erro médico numa cirurgia cesariana pesadamente executada no parto do meu filho Pedro Discini, uberlandense nascido no carnaval de 2012.

Dizem os psicanalistas que a maturidade está relacionada à nossa capacidade de suportar as feridas narcísicas, de entender a finitude humana e, sobretudo, de abraçar com galhardia as incoerências da vida. Contraditoriamente a vida privada também estava excelente nas Minas Gerais. Meu companheiro de todas as horas, Marcelo Lapuente, havia passado no concurso público para o cargo de professor no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, num prédio vizinho ao meu; e Pedro Discini, este meu sol radioso, crescia com toda a sua força e glória. Com ele eu adentrava – pra valer – no *incrível* universo da infância e da educação infantil.

Luz do Sol
Que a folha traga e traduz
Em verde novo
Em folha, em graça
Em vida, em força, em luz
(Caetano Veloso, 1982)

Um universo completamente desconhecido para mim, a caçula de uma família de velhos, e uma professora que não tinha o menor conhecimento prático ou teórico em relação a Educação Infantil. Adriana Partimpim, Palavra Cantada, Gildo, garatujas, construtivismo, móveis, material dourado, a adorada cartilha Caminho Suave, que é claro que recuperei às escondidas no âmbito privado e usei muitíssimo nas horas e mais horas dedicadas ao prazer de ver/conduzir as minhas crianças ao mundo das letras... Festinhas de aniversário, reunião de pais, bicicleta, Banda Mirim, tudo *vivido* intensamente tanto em âmbito doméstico quanto na Escola da Cidade, Escola Navegantes e, finalmente, na Escola da Criança de Uberlândia. Afinal, “criança não trabalha, criança dá trabalho”. (Arnaldo Antunes / Paulo Tatit, 1998).



Pedro "Luz do sol" e Teresa "La belle" ainda pequenos, em São José do Rio Preto, SP, e no Mercado no Mercado St. Quentin de Paris, mais brincantes do que preocupados com os rumos da política nacional.

Lápis, caderno, chiclete, pião
Sol, bicicleta, skate, calção
Esconderijo, avião, correria, tambor
Gritaria, jardim, confusão

Bola, pelúcia, merenda, crayon
Banho de rio, banho de mar, pula-cela, bombom
Tanque de areia, gnomo, sereia
Pirata, baleia, manteiga no pão

Giz, merthiolate, band-aid, sabão
Tênis, cadarço, almofada, colchão
Quebra-cabeça, boneca, peteca
Botão, pega-pega, papel, papelão

Criança não trabalha, criança dá trabalho
Criança não trabalha

Lápis, caderno, chiclete, pião
Sol, bicicleta, skate, calção
Esconderijo, avião, correria, tambor
Gritaria, jardim, confusão

Bola, pelúcia, merenda, crayon
Banho de rio, banho de mar, pula-cela, bombom
Tanque de areia, gnomo, sereia
Pirata, baleia, manteiga no pão

Criança não trabalha, criança dá trabalho

Criança não trabalha

Giz, merthiolate, band-aid, sabão

Tênis, cadarço, almofada, colchão

Quebra-cabeça, boneca, peteca

Botão, pega-pega, papel, papelão

Criança não trabalha, criança dá trabalho

Criança não trabalha

1, 2 feijão com arroz

3, 4 feijão no prato

5, 6 tudo outra vez

Lápis, caderno, chiclete, pião

Sol, bicicleta, skate, calção

Esconderijo, avião, correria, tambor

Gritaria, jardim, confusão

Bola, pelúcia, merenda, crayon

Banho de rio, banho de mar, pula-cela, bombom

Tanque de areia, gnomo, sereia

Pirata, baleia, manteiga no pão

Criança não trabalha, criança dá trabalho

Criança não trabalha, criança dá trabalho

Criança não trabalha, criança dá trabalho

Criança não trabalha, criança dá trabalho

Estava feliz e triste, tudo ao mesmo tempo. E acho que assim permaneci. Envelheci. Ingenuamente, achei que seria possível ministrar aulas em Uberlândia/MG, e morar em Rio Preto/SP. E ainda “criar minino”, como se diz por aqui. Um engano primário de quem tinha a realidade do interior paulista como referência e como horizonte de expectativas. Uma ignorância atroz em relação ao Brasil profundo, com suas enormes distâncias ligadas por estradas esburacadas, horários de ônibus raramente cumpridos, banheiros de postos de gasolina de beira de estrada imundos e sem manutenção, tráfego em meio às fileiras de caminhões de carga na BR 153.

Fixei residência definitiva em Uberlândia, no final das contas agradeida porque a cidade é a segundo município mais populoso de Minas Gerais, as passagens aéreas eram acessíveis e eu poderia continuar a viajar rotineiramente para a capital e para o interior do estado de São Paulo, para ver a família e para dar continuidade aos estudos e pesquisas, ainda centradas nos arquivos paulistas. E porque vi que a UFU me oferecia condições ímpares de trabalho - enquanto pude criar meu “minino” contando com a ajuda inestimável em âmbito privado de uma dupla de mulheres a quem devo muitíssimo: Maria Quitéria e Aline Silva.

Muitos professores são viajantes, itinerantes, migrantes, imigrantes. Estão em constante deslocamento. Portanto, nada de muito singular aconteceu comigo em comparação à vida de inúmeros docentes meio desterrados vida afora, pelo contrário. **A história da educação nos mostra que o deslocamento de si – um deslocamento não apenas geográfico, mas, principalmente simbólico – é fator constitutivo da carreira de muitos.**

Comprei apartamento, construí casa, fiz amigos fiéis, dentro e fora da universidade, e tive a coragem de ter mais um bebezinho, em 2017: a minha menininha tão desejada, Teresa Discini. A menina “mais linda de toda a cidade”, a minha bailarina ativa, “la belle de jour” (Alceu Valença, 1991).

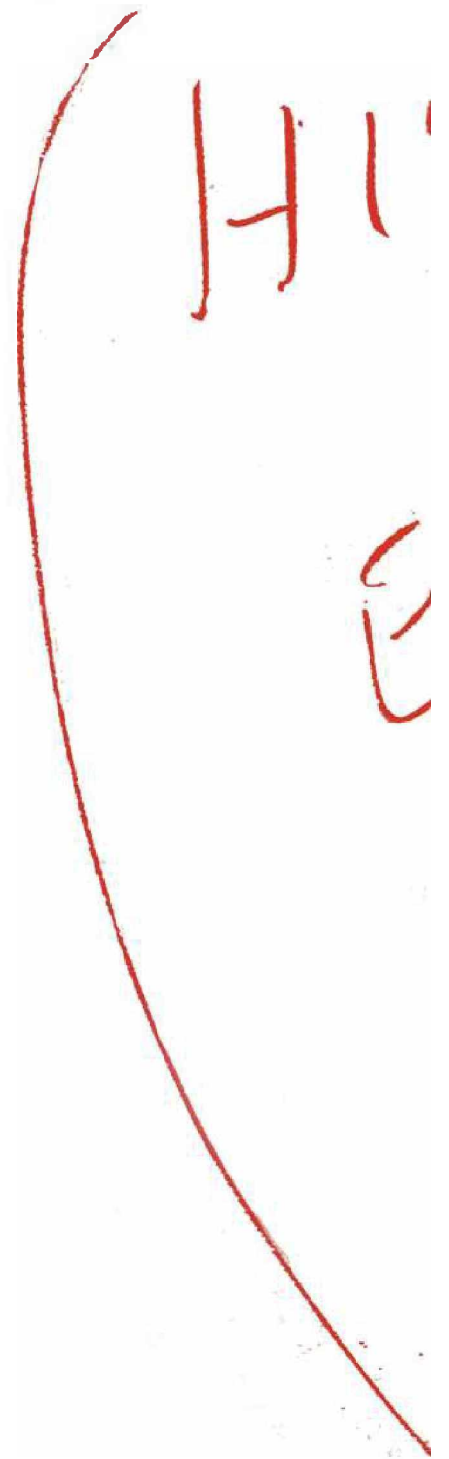
Pedro e Teresa são ele uberlandense e ela uberlandina, pessoinhas que indagam “quantas horas?” ao invés de perguntarem “que horas são?”

como os pais; que dizem “de lá e de cá”; e não “daqui e dali”, como nós, paulistas. São crianças que cantarolam, para nosso espanto, hits da atual onda musical “agropop” que se disseminou pelo país, e que tem Uberlândia como um dos polos irradiadores nacionais. Falam “uai” para um sem-número de situações; e “núuuuu” quando se deparam com algo surpreendente. São lindos e muitíssimo “custosos” como definem os mineiros.

Está sendo bonito observar, em âmbito privado, as dinâmicas culturais tão porosas resultantes dos processos migratórios. Os pais migrantes, apesar de todos os esforços, invariavelmente se sentem deslocados, estrangeiros, e sonham um dia voltar para um lugar que evidentemente já não existe mais. Enquanto isso, os filhos se reconhecem como verdadeiros cidadãos locais e criam em Uberlândia seus vínculos, histórias, amizades e identidades. É bom a gente não temer as contradições da vida. Abraçá-las e, quem sabe, dançar um tango com elas. “— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado. — Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax? — Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino” (Bandeira, 2009).

Mas é a voz de Caetano, tão límpida cantando para a uma noite iluminada pela lua que evoco aqui. “O mundo cisma, mas eu miro o teu cristal”. E agradeço.

**E vejo e peço
Dias de outras cores
Alegrias para mim
Pro meu amor
E meus amores
Dias de outras cores
Alegrias
Para mim
Pro meu amor
E meus amores
(Caetano Veloso, 2021).**



Lousa, giz, recadinhos dos alunos. Delicadezas constitutivas do meu dia a dia docente. O encantamento continua. Aqui o estilo da mensagem e mesmo da grafiam revelam o autor: aluno do primeiro semestre da Educação Física.

STÓRIPI

DA ~

DUCAÇA D

RAGQUEL

SUA

LINDA

~

Na vida universitária, as setas do desejo e da alegria jamais ficaram ao léu, posto que trajeto e meta já eram conhecidos desde os vinte e poucos anos: as salas de aula. De modo que meu alvo era certo: à docência nos cursos de graduação em Pedagogia, Enfermagem, Educação Física e Jornalismo; e nas turmas da pós-graduação em Educação (PPGED) e Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE), onde ministrei disciplinas variadas: História da Educação I e II; História do Corpo; História das Mulheres; Gênero e impressos; Tópicos em História e Historiografia da Educação I e II, Pesquisa em Educação etc.²⁵ Meu espaço de maior alegria. Além disso, me embrenhei na criação e consolidação do Curso de Graduação em Pedagogia a Distância, criado no âmbito da Faced em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB). Fui membro do primeiro colegiado do curso, e a responsável pela elaboração do material didático, pela produção de videoaulas e pelo treinamento dos tutores para a disciplina de História da Educação. Um enorme desafio do qual venho participando como professora desde 2009, quando aqui cheguei.

As setas também encontraram morada definitiva nas orientações de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Na partilha da vida, dentro e fora das salas de aula, com muitos dos meus orientandos, homens e mulheres, velhos e jovens de diferentes cantos do país que não deixam de me surpreender.²⁶ Na orientação dos produtos do mestrado profissional (PPGCE) – documentários, roteiros de peças de teatro, programas de rádio, exposições de fotografias, catálogos e afins. Vinícius de Moraes estava certíssimo: ‘A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida’. (Vinícius de Moraes, 1961).

25. Em dezembro de 2023 solicitei desligamento do PPGCE (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Educação) por não ser mais possível conciliar as atividades do mestrado profissional com as demandas do PPGED (Programa de Pós-Graduação em Educação - mestrado e doutorado acadêmicos). Mas continuo ministrando aulas no Programa como Prof. convidada.



26. E que alegria receber, recentemente, em 31 de agosto de 2023, o seguinte email da Capes, referente ao Prêmio Capes de Tese 2023:

Prezado(a) Senhor(a),

É com grande honra e satisfação que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) outorga a Marco Antonio de Santana e ao(à) Orientador(A) Raquel Discini De Campos o Prêmio Capes de Tese 2023 da Área de Educação Do Programa De Pós-Graduação em Educação da Ufu. Sua contribuição certamente será de extrema valia para o desenvolvimento e aprimoramento da área, bem como para o avanço da pós-graduação stricto sensu e do conhecimento científico de qualidade no Brasil. O extrato com a informação do resultado foi publicado no Diário Oficial da União de 31 de agosto de 2023, Edição 167, Seção 3, Página 81. É possível consultar a lista com os nomes dos premiados no link: <https://www.gov.br/capes/ptbr/assuntos/premios/premio-capes-de-tese/premio-capes-de-tese-documentos-relacionados>

Esclarecemos que sua tese está concorrendo, automaticamente, ao Grande Prêmio Capes de Tese, que será outorgado para a melhor tese selecionada entre as vencedoras do Prêmio Capes de Tese, agrupadas em três grupos de grandes áreas: I. Ciências Biológicas, Ciências da Saúde e Ciências Agrárias; II. Engenharias, Ciências Exatas e da Terra e Multidisciplinar (Biotecnologia, Ciências Ambientais, Ensino, Interdisciplinar e Materiais); III. Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes.

**É melhor ser alegre que ser triste. Alegria é a melhor coisa que existe
É assim como a luz no coração. Mas pra fazer um samba com beleza
É preciso um bocado de tristeza. É preciso um bocado de tristeza
Senão, não se faz um samba não
(Vinícius de Moraes, 1961)**

Por isso, entre sambas compostos com maior ou menor talento, e entre belos encontros e muitos (muitos!) desencontros, descobri também outros portos onde atracar fora dos muros da Universidade Federal de Uberlândia. Destaco que esses portos só se tornaram tangíveis porque meus navios estavam ancorados no mar relativamente sereno de uma universidade pública do estatuto da Universidade Federal de Uberlândia – que finalmente se tornou a *minha* universidade.

A ponto de pela primeira vez na vida estar envolvida com questões relativas à política universitária, participando de grupos de trabalho visando a construção da proposta de gestão da UFU da chapa composta por Carlos Henrique de Carvalho e Catarina Machado Azeredo.



E quem diria que aquele doutorando que eu observava circular por todos os lados do país no início dos anos 2000, falando sobre os usos da imprensa uberlandense para a escrita da História da Educação, iria ser o responsável pelo meu envolvimento com a campanha para a gestão da Universidade em 2024? Aqui, em noite festiva com os "meninos das Humanas", João Agreli, Amon Pinho e Marcelo Lapuente. E a querida Catarina, candidata a vice-reitora. Sobre o trabalho interdisciplinar desenvolvido atualmente com a disciplina História da Educação, o pitch do Comunica Ciência é elucidativo: <https://youtu.be/IEdOWGnOY5o?si=nPOLwftv5-GOuJ38>



4.3 Demais portos

C

heguei à UFU com o firme propósito de me dedicar à docência nos níveis de graduação e de pós-graduação e à pesquisa científica. Por isso, me empenhei em escrever e aprovar projetos externamente: ora no Cnpq, ora na Fapemig, ora em ambas as agências de fomento. Quanto às publicações, teimosamente optei pela publicação de livros autorais e de artigos científicos nas revistas de melhor qualificação do país, passando ao largo de práticas que se tornaram relativamente frequentes nos anos 2010. Refiro-me às péssimas táticas de falso incremento de currículo, como *salami slicing*, por exemplo. Práticas finalmente combatidas de frente pelo próprio campo científico internacional.

Realizei um estágio de pós-doutorado na FE/USP (2014-2015), sob a supervisão de Bruno Bontempi Jr, referência teórica desde os tempos de Araraquara. Naquele ano, participei do grupo de pesquisas “Intelectuais da Educação Brasileira: formação, ideias e ações” liderado por ele e pelo parceiro Mauro Castilho (PUC-SP). As pesquisas dos participantes daquele grupo versavam sobre as relações entre os intelectuais, a imprensa e a educação - e sempre estiveram na minha mira.

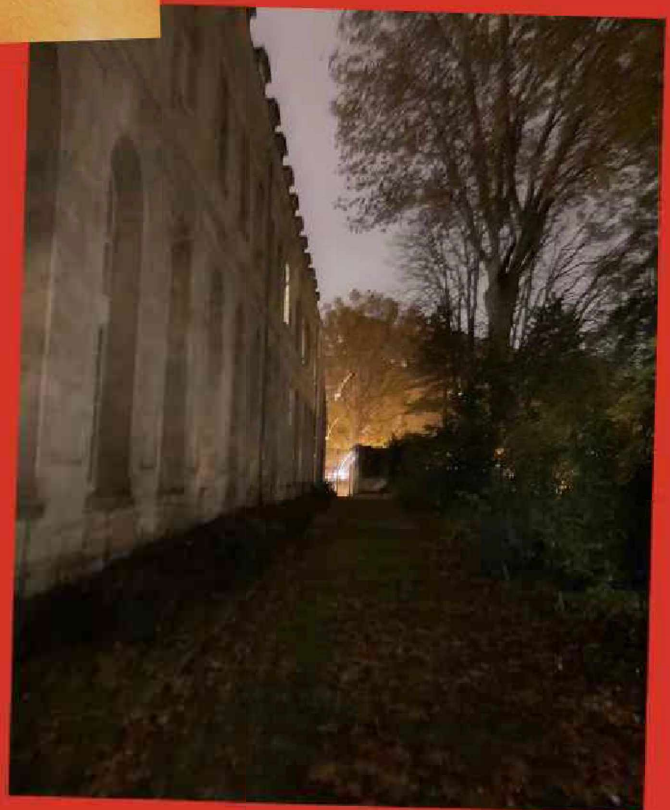
Alguns anos depois, Monica Raisa Schpun me recebeu no *Centre de Recherches sur le Brésil Colonial et Contemporain* – CRBC da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris, para realizar um estágio de três meses. Uma feliz coincidência, posto que Monica Schpun é a autora do inestimável *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*, livro que havia sido referência para a escrita da minha tese de doutoramento em 2008 e por quem nutria genuína admiração.

A acalentada ida para Paris, e para a *École*, com tudo o que esta instituição significa para o mundo das Ciências Humanas nos séculos XX e XXI - se efetivou, finalmente, entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022, por intermédio de bolsa Capes-Print. A interlocução com o grupo *Migrations et espaces urbains* (CRBC-EHESS), liderado por Schpun em Paris - um espaço interdisciplinar que congrega mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos de diferentes áreas das Ciências Humanas, destacadamente História, Antropologia e Sociologia – a partir de 2019 foi – e ainda é – de grande importância para meu crescimento pessoal e intelectual.

Franca e exigentíssima, Mônica me acolheu com generosidade em Paris. Apresentou-me a EHESS e o incrível *campus* Condorcet, recém-construído. Deu dicas preciosas sobre a vida e a pesquisa acadêmica na cidade – e me ouviu pacientemente contar sobre as tardes passadas na Biblioteca Nacional da França (BNF) em busca de novos rumos para as minhas pesquisas e orientações no Brasil. A verdade é que eu estava finalizando a análise dos álbuns ilustrados do sertão paulista – e já estava em busca de novos horizontes. E quantos horizontes se abriram para mim em Paris!



Grandes alegrias e responsabilidades nas pesquisas desenvolvidas com os impressos infantis dos séculos XIX/XX pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional da França. Caminho diário no quintal da minha moradia em Paris, no Centre Les Récollets. Antigo convento, depois hospital e, finalmente, patrimônio histórico transformado em espaço de moradia para pesquisadores e artistas estrangeiros. Defronte à Gare de 1^{er} Est.



**Ah, se eu fosse marinheiro. Seria doce o meu lar. Não só o Rio de Janeiro
A imensidão e o mar. Leste, oeste, norte, sul. Onde um homem se situa
Quando o Sol sobre o azul. Ou quando no mar há Lua
Não buscaria conforto. Nem juntaria dinheiro
Um amor em cada porto. Ah, se eu fosse marinheiro
Não pensaria em dinheiro. Um amor em cada porto. Ah se eu fosse
marinheiro
(Antonio Cícero, 2000).**

As tardes de pesquisa na BNF ainda agora fazem parte de um universo muito mais onírico do que real para mim. Será verdade mesmo que de posse do meu cartão de pesquisadora, desci as escadas rolantes sem fim da BNF, observando aquela construção arquitetônica ímpar rumo a um subsolo com milhares de documentos de todos os tipos e idades? Será que manuseei realmente as revistas ilustradas parisienses do início do século XX e trabalhei na seção de obras raras? Frequentei realmente o *Centre National de la Littérature pour La Jeunesse* (CNLJ) da BNF e li aqueles livros até então desconhecidos sobre a história da imprensa, dos quadri-nhos e da infância ocidental?

Fato é que pretendo voltar para a École e para a Biblioteca Nacional da França num futuro próximo, pelo período de ao menos 12 meses, para ter certeza de que essas cenas realmente aconteceram de fato. E para me certificar de que essa experiência absolutamente transformadora foi realmente verídica - ou se foi apenas uma fábula...um devaneio, um sonho tão bonito...²⁸

Tenho buscado, também, estabelecer relações institucionais efetivas entre a UFU e a EHESS-Paris, por intermédio de horizontes desafiadores que se descortinam - ainda apenas como miragens - visando a realização de doutorados em cotutela UFU/EHESS-Paris, e maior intercâmbio

de pesquisadores e alunos entre as instituições. São utopias que pretendo transformar em realidade nos próximos anos e que já deveriam ter se realizado em 2023, caso o meu planejamento pessoal, em parceria com o Pró-reitor de Pesquisas, Prof. Dr. Carlos Henrique de Carvalho, não tivesse naufragado em função do descompasso – crudelíssimo - entre planejamentos, agendas e recursos disponíveis.²⁹

Ainda em Paris, finalizei *A Educação entre a ética e a estética: os álbuns ilustrados paulistas (1915-1929)* lançado em dezembro de 2023 pela Edufu. E lá construí o projeto de pesquisa *Revistas infantis no eixo Brasil-França: (1905-1930): imagens educacionais em confronto*, que ora apresento para avaliação desta banca e que pretendo desenvolver nos próximos anos. É um projeto que articula os interesses de sempre: as diferentes dimensões constitutivas e educativas dos impressos. Mas agora tais interesses se voltam para um universo até o momento inexplorado por mim: as revistas e o mundo da leitura infantil numa perspectiva transnacional (franco-brasileira). Quero imergir nas perspectivas transnacionais de análise da imprensa destinada à leitura infantil e, para minha alegria, estou conse-

28. A discussão teórica sobre as primeiras descobertas na BNF resultante deste momento são apresentados no projeto de pesquisa que compõe este memorial. Além disso, destaco o artigo escrito em parceria com Béatrice Guillier, da EHESS-Paris publicado na Revista História da Educação recentemente, disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/133853> . Acesso em: 5 maio 2024. Além disso, as comunicações coordenadas organizadas para o XII Congresso Brasileiro de História da Educação e ISCHE 45 versam sobre as perspectivas transnacionais de estudo da imprensa infantil franco-brasileira.

29. Em parceria com os cursos de Pós-Graduação em Arquitetura e História, o PPGED/UFU propôs uma disciplina concentrada de 30h, intitulada *Estudos migratórios: dinâmicas urbanas, gênero, etnia e ingerências do Estado*, sob a regência da Prof. Schpun (EHESS/Paris), que gentilmente aceitou o nosso convite para estar na UFU em 2023. Com quarenta alunos inscritos – e fila de espera para a participação dos ouvintes na disciplina, inacreditavelmente tivemos que cancelar a vinda da professora porque a verba do PROAP (Programa de Apoio à Pós-Graduação) com a qual a PROPP/UFU custearia as despesas de passagem e estadia não chegou a tempo.

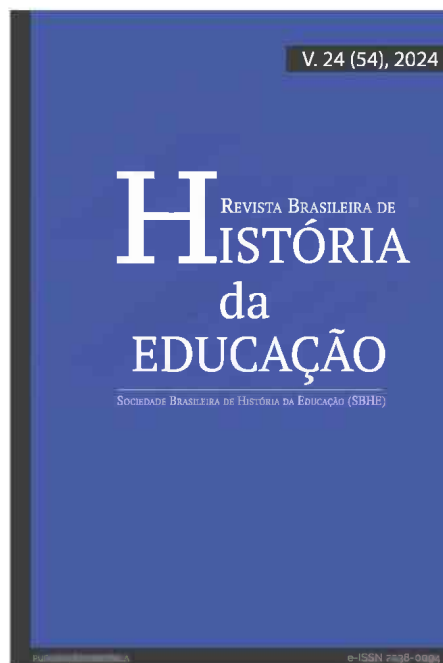
guindo catalisar pesquisas de mestrado e doutorado que giram em torno desta mesma perspectiva.

O Grupo de Estudos Interdisciplinares em História da Educação da qual sou líder aqui na UFU, aglutina os orientandos de todos os níveis de formação que discutem prioritariamente as possibilidades da utilização da imprensa não pedagógica (jornais e revistas), literatura e imagens (propaganda e fotografia) para a escrita da História da Educação Brasileira. A equipe é formada por historiadores, pedagogos, filósofos, jornalistas e artistas que operam à luz dos pressupostos da História Cultural, da Cultura Visual e da Filosofia da Linguagem. Recentemente, os vínculos de pesquisa construídos com Kenia Hilda Moreira, da UFGD, líder do grupo História da Educação, Memória e Sociedade (GEPHEMES), resultou na participação do meu grupo no projeto aprovado pelo GEPHEMES junto ao CNPQ (2024-2026), intitulado “Os impressos que educaram no século XX: janelas interpretativas para a(s) cultura (s do) escrito”. Trata-se de plano interinstitucional de trabalho e que conta com a participação de pesquisadores das seguintes instituições: UFGD, UFMG, PUC-SP, UFU, UFJ, UEMS, Universidade de Salamanca e Università degli Studi di Torino. Temos bons planos conjuntos de estudos e de construção de conhecimento, bem como de partilha com a comunidade acadêmica e não acadêmica de nossas descobertas. Pretendemos nos envolver de fato com a divulgação da História da Educação para além da comunidade de pesquisadores da área, chegando à Educação Básica e aos interessados em geral por intermédio da realização de exposições artísticas, *pitches* e podcasts.

Gostaria de salientar, ainda, que o gosto pela editoria científica foi adquirido também na Universidade Federal de Uberlândia. Fui secretária geral da *Revista Educação e Filosofia* (qualis A2), entre os anos de 2013-2014; e editora de divulgação entre 2016-2018. Com os colegas desta revista, especialmente com Marcio Tannús e Marcos Seneda, do Instituto de Filosofia, aprendi os meandros da publicação de periódicos.

Faço também parte do conselho consultivo dos *Cadernos de História da Educação* (qualis A2). Esta revista, conforme relatado no capítulo 2, foi a responsável pelo primeiro contato estabelecido com a UFU e com seu grupo de historiadores da educação, nos idos de 2002. Ao longo desses anos de Uberlândia, a audição dos infalíveis “informes sobre os Cadernos de História da Educação” proferidos por Decio Gatti disciplinarmente nas reuniões mensais do Nephe e da Linha de Pesquisas em História e Historiografia da Educação e Pensamento Educacional foram altamente pedagógicos e me ensinaram o *modus operandi* editorial de um periódico que hoje é referência sedimentada no campo.

Por isso, quando recebi o convite para me tornar editora associada da Revista Brasileira de História da Educação (qualis A1), publicação oficial da Sociedade Brasileira de História da Educação desde 2001, já me sentia preparada para assumir esta honrosa – e trabalhosa – função. Na RBHE, ao lado de José Gondra, nosso adorável editor-chefe; Carlos Eduardo Viera, Olivia de Medeiros Neta, Eduardo Galak e do secretário Sergio Luiz de Godoy tenho trabalhado com enorme contentamento como editora adjunta desde 2022. Na revista, além da gestão de artigos, me responsabilizei, também, pela curadoria e edição de *press releases* e de *pitches* das pesquisas publicadas no periódico e divulgadas no blog do Scielo Humanidades e nas mídias sociais em geral.



A editoria científica da Revista Brasileira de História da Educação é experiência desafiadora e altamente gratificante.

Planejo colocar em prática nos próximos dois anos um plano maior de divulgação científica da revista, que passará pela criação e coordenação dos “Encontros da RBHE”, nos moldes do que é feito pelos editores da revista *Brésil(s) - Sciences humaines et Sociales*, periódico do Centre de Recherches sur le Brésil Colonial et Contemporain (CRBC/laboratório Mondes Américains) da École des Hautes Études en Sciences Sociales, iniciativa que venho acompanhando de perto desde 2019, quando iniciei a interlocução com a EHESS-Paris. Os “Encontros da RBHE” serão virtuais, eventualmente híbridos e bimestrais, com a duração de até duas horas. O autor do texto selecionado para discussão terá uma hora para apresentação do artigo, e a hora restante será destinada à conversa com os leitores/expectadores. O mundo das facilidades tecnológicas não é de todo ruim, bem sei.

Eu me tornei também membro do conselho editorial da Editora da UFU (Edufu) em 2023, numa fase de grande reestruturação da editora em todos os níveis: espaço físico, criação do segundo selo – o Zétesis/acadêmico - regulamentação das coleções já existentes e normas para a inscrição de novas. Até questões relativas à emissão das notas fiscais da editora, bem como àquelas referentes à reforma da livraria física e logística de estoque passaram pelo meu crivo.

Fato é que participo das reuniões mensais da editora – e de tantas outras extraordinárias - e me comprometi, de fato, com os novos rumos que queremos para a Edufu. Cerrei fileiras políticas e acadêmicas ao lado do diretor Alexandre Guimarães Tadeu de Soares, bem como dos colegas Amon Santos Pinho, Arlindo José de Souza Junior, Carla Nunes Vieira Tavares, Juliana Marzinek e Sertório de Amorim e Silva Neto. Sob a liderança intelectual e institucional de Alexandre, temos pensado e agido em torno dos destinos não apenas do que é publicado pela Edufu, mas, também, sobre a própria parte comercial da editora, que foi inteiramente repensada.

Conforme pode ser observado no meu currículo Lattes, de 2009 para cá orientei 45 trabalhos, entre 5 monografias; 10 pesquisas de iniciação

científica; 1 especialização; 17 dissertações de mestrado e 6 teses de doutorado. Possuo atualmente 6 orientações em andamento: 2 mestrados e 4 doutorados. Participei de 135 bancas de todos os níveis. 17 de conclusão de curso; 41 qualificações de mestrado; 19 qualificações de doutorado; 38 defesas de mestrado e 20 defesas de doutorado; e de 5 bancas de concursos públicos para efetivação na carreira docente.

Por duas vezes tentei me tornar bolsista Cnpq/PQ. A primeira vez, em 2013, ainda em relativo início de carreira, arrisquei fazer a solicitação, sem saber ao certo o que isso significava. Meu pedido foi compreensivelmente negado. A segunda vez foi em 2023. Entendi que tinha, finalmente, atingido o perfil para tal reconhecimento.

Infelizmente, ainda não foi desta vez.

Eu teria “muito gosto”, como se dizia na minha Laranjal, em encerrar esta narrativa contando que me tornei pesquisadora PQ/Cnpq. Acho que seria um encerramento *comme il faut*. Estou trabalhando para isso, afinal. Penso que seria uma forma de coroar simbolicamente a minha passagem pela UFU até o presente momento. Típica concepção de tempo histórico linear.

Tanto já discuti e critiquei esta suposta linha do tempo contínua e progressiva, onde os eventos históricos ocorreriam em uma sequência ordenada e unidirecional, do passado para o presente e para o futuro. O tempo das luzes e do progresso...

Sensibilidade de quem assistiu muita Sessão da Tarde na infância e leu muito Sidney Sheldon na adolescência, talvez. No fundo, acho que queria mesmo era encerrar esta narrativa com um “viveram felizes para sempre” meio cor-de-rosa, meio no estilo das figurinhas da Sarah Kay às quais me referi no capítulo 2.

Mas abraço a contradição da vida adulta, quase velhice, e reconhecimento – ao menos teoricamente – as interrupções, reviravoltas, retrocessos, conflitos e mudanças imprevisíveis. Justamente por entender a história

como um processo dinâmico e multifacetado, onde múltiplas forças e interesses estão constantemente em jogo vou novamente submeter o projeto em 2024, com disciplina.

Entendo que tal projeto revela os caminhos profissionais e acadêmicos que pretendo trilhar daqui por diante e que vem me mobilizando intensamente: voltar estudar em Paris num futuro próximo, me tornar bolsista PQ, continuar orientando alunos de todos os níveis; permanecer com desejo de passar batom vermelho e de borrifar bons perfumes no pescoço antes de ir encontrar meus amados alunos em sala de aula – de dia e de noite. Planejar novos cursos de graduação e de pós-graduação, ler textos inéditos e instigantes; contribuir fortemente com a RBHE e com a Edufu nos próximos anos. Me cumprir.

Gente olha pro céu, gente quer saber o um
Gente é o lugar de se perguntar o um
Das estrelas se perguntarem se tantas são
Cada estrela se espanta à própria explosão
Gente é muito bom, gente deve ser o bom
Tem de se cuidar, de se respeitar o bom
Está certo dizer que estrelas estão no olhar
De alguém que o amor te elegeu pra amar
Marina, Bethânia, Dolores
Renata, Leilinha, Suzana, Dedé
Gente viva brilhando, estrelas na noite

Gente quer comer, gente quer ser feliz
Gente quer respirar ar pelo nariz
Não, meu nego, não traia nunca essa força, não
Essa força que mora em seu coração
Gente lavando roupa, amassando pão
Gente pobre arrancando a vida com a mão
No coração da mata, gente quer prosseguir
Quer durar, quer crescer, gente quer luzir
Rodrigo, Roberto, Caetano
Moreno, Francisco, Gilberto, João
Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome

Gente deste planeta do céu de anil
Gente, não entendo, gente, nada nos viu
Gente, espelho de estrelas, reflexo do esplendor
Se as estrelas são tantas, só mesmo amor
Maurício, Lucila, Gildásio
Ivonete, Agripino, Gracinha, Zezé
Gente, espelho da vida, doce mistério
(Caetano Veloso, 1977)

Que a vida continue sendo generosa comigo para que eu possa realizar tais aspirações. Que eu possa continuar honrando a todos os professores, pesquisadores, orientandos e alunos que, assim como eu, estão repletos de estrelas no olhar, apesar da extrema dureza da vida.



Enquanto a recuperação dos fatos pretéritos como história individual se ancoram nas contingências e imprevistos das relações sociais e familiares, apresentei-me como o sujeito/autor encarnado. Para isso, entendo a encarnação como modo de presença discursiva e que neste memorial se revelou no presente enunciativo de elaborar o texto acadêmico - mas que se permitiu dilacerar a própria narração pela memória viva do passado. Quando são recortes autobiográficos do passado ancorados na infância, na adolescência e início da idade adulta, observa-se uma alta intensidade dos afetos. Ao adentrar na vida acadêmica - a narradora na vida adulta - os afetos estão menos intensos, mas, não por isso, menos presentes, pelo contrário. De modo que este memorial não é homogêneo, não é linear. É afeito às contingências e às surpresas do mundo. E está aberto para o devir. Conforme informado na introdução deste texto, trata-se de uma “bricolagem” (Benjamin, 1996) que, ao ser finalizada, revela um *ethos* clareamento feminino, conforme demonstraram Perrot (1992; 2002); Maluf; Mott (1995) e Cunha (2000; 2007; 2007), dentre outras historiadoras que trabalham com textos oficiais, memórias, leituras, cartas, diários, ilustrações e demais escritas ordinárias das mulheres dos séculos XIX e XX.

BIBLIOGRAFIA GERAL

100 anos. Paróquia de São João Batista. Laranjal Paulista: 1900-2000. Prol Editora Gráfica Ltda. Barueri, 2000.

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Unesp, 1998.

ALVES, Castro. **O navio negreiro e outros poemas**. São Paulo: Saraiva, 2019.

ALVES, C. **Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27-55, 2019. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v33n67a2019-47879. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/47879>. Acesso em: 30 abr. 2024.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2020 [1920].

ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornhein. Coleção Os Pensadores. 1ª ed. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1984.

ASSIS, Machado. **Todos os romances e contos consagrados**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado. O mito do amor materno**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

_____. Rumo equivocado. **O feminismo e alguns destinos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 20016.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: Uma história do saber escolar**. 1993. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

_____. **Livro didático e saber escolar:1810-1910**. Belo Horizonte: Autêntica,2008.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Coimbra: Almedina/Edições70, 2009.

_____. **Apologia da história: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BORGES, Jorge Luiz. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo. Entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: Unesp, 2010.

_____. **Instrução pública e projeto civilizador. O século XVIII como intérprete da ciência, da infância e da escola**. São Paulo: Unesp, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção. Crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

_____. A ilusão biográfica. In: Ferreira, Marieta (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.183-191.

- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CAMPOS, Raquel Discini.; GUILLIER, Béatrice. Subversão e reiteração na representação do mundo na imprensa infantil franco-brasileira: considerações sobre La Semaine de Suzette e O Tico-Tico em 1905. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 28, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/133853>. Acesso em: 5 maio. 2024.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Edusp, 2017.
- CAPELATO, Maria Helena. **Produção histórica no Brasil 1985-1994: catálogo de dissertações e teses dos Programas e Cursos de Pós-Graduação em História**. São Paulo: Cnpq/Historia-Usp/Anpuh. Acesso em: 15 out. 2023, 1995.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHAUÍ. Marilena. **Introdução à história da filosofia**. Vol. 1: Dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Cia das Letras, 2018.
- Chul Han, Byung. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, Vozes, 2015.
- CUNHA, Marcus Vinícius. **O Discurso Educacional Renovador no Brasil (1930-1960): um estudo sobre as relações entre escola e família**. Tese de livre docência. Unesp-Araraquara, 1998.
- _____. A escola contra a família. In: FARIA FILHO; GREIVE; LOPES. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT; BASTOS e CUNHA (Orgs). **Refúgios do Eu. Educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p.159-180.
- _____. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Patrimônio e Cultura**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007 p. 47.
- _____. **Armadilhas da sedução - Os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

- DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Tra. de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- DISCINI, Norma. **O estilo nos textos**. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. **A comunicação nos textos: Leitura, produção e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015.
- DOSSE, François. **A História em migalhas: dos Annales à Nova História**. Campinas: Unicamp, 1994.
- _____. **O desafio biográfico. Escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2015.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamázov**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. **Crime e Castigo**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. **O idiota**. São Paulo: Trad. Paulo Bezerra. Editora 34, 2020.
- ELLIS Jr, Alfredo. **Populações paulistas**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1934.
- FERREIRA, Antonio Celso. **Um eldorado errante. São Paulo na ficção histórica de Oswald de Andrade**. São Paulo: Unesp, 2001.
- _____. **A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)**. São Paulo: Unesp, 2002.
- _____; BEZERRA, Holien; LUCA, Tania. **O historiador e seu tempo**. São Paulo: Unesp, 2008.
- _____; LUCA, Tania; IOKOI, Zilda. **Encontros com a história: Percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: Unesp, 2001.
- FREUD, Sigmund. (1930-1936) - **Obras completas. Volume 18: O mal-estar na civilização e outros textos**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- GAGNEBIN, J. M. O Trabalho de rememoração de Penélope. In: **Limiar**,

aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Ed. 34, 2014,p. 231.

GINZBURG, Natalia. **Léxico Familiar.** São Paulo: Cia das Letras, 2009.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História.** São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. **O queijo e os vermes.** São Paulo: Cia das Letras, 2006.

JAEGUER, Werner. **Paideia: A formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico.** Trad. Gisele de Souza. Revista Brasileira de História da Educação, n. 01, Sociedade Brasileira de História da Educação SBHE, jan-jul, p. 9-43, 2001.

HOBBSAWM, E. **A Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAFKA, Franz. **A metamorfose.** Trad. Modesto Carone. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

KOSELLECK, R. **Futuro Passado: contribuições à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-RJ, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi, Memória - História** (trad.) Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, vol.1, p.46.

_____; NORA, Pierre. **História: Novos Problemas.** São Paulo: Francisco Alves, 1984.

_____; _____. **História: Novas Abordagens.** São Paulo: Francisco Alves, 1976.

_____. **S. Luiz.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Da sagrada missão pedagógica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres em sala de aula. In: PRIORE; PINSKY (Org). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2002.

LUCA, Tania Regina de. **A revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N) ação**. São Paulo: Unesp, 2001.

_____; Martins, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Unesp, 2006.

_____; _____. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Basanezi (org.). **Fontes Históricas (2005)**. 3. ed., 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2020. p. 111- 154.

_____. **A Ilustração (1884-1892). Circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro**. São Paulo: Unesp, 2018.

MALUF, M; MOTT, M. L Recôndito do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) **História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle époque à Era do Rádio**. SP: Cia das Letras, 1998.

MELO NETO, João Cabral. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça: o Lado Noturno das Luzes**. Campinas: Unicamp, 1999.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Rev. Bras. Hist. Educ**, Campinas , v. 12, n. 03, p. 179-197, Dec. 2012 . Available from <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223800942012000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01/05/2024.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

NUSSENZVEIG, Paulo. **Design inteligente não é ciência e não deve ser ensinado nas escolas**. <https://jornal.usp.br/radio-usp/design-inteligente-nao-e-ciencia-e-nao-deve-ser-ensinado-nas-escolas/>. 2020. Acesso em 30/04/2024.

PERROT, M; MARTIN, A. Os atores. In ARIÈS (org). **História da Vida Privada, vol. 4**. SP: Cia das Letras, 1992.

_____. **Minha história das mulheres**. SP: Contexto, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

PRIORE, Mary Del. **Biografia: quando o indivíduo encontra a história**. Topoi (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 7-16. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2237_101X2009000200007&script=sci_arttext> acesso: 30/04/2024.

PROST, Antoine. **12 lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Trad. Mario Quintana. Rio de Janeiro: Globo, 2016.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. p.118-142.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patricia; ELIZALDE, Paz Concha. Uma breve história dos estudos decoloniais. **Masp afterall**, 2019. Disponível em <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-QE1LhobgtE4MbKZhc8Jv.pdf>. Acesso em 30/04/2024.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SALOMÃO, Wally. **Poesia total**. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane; SOUZA, Rosa; VALDEMARIN, Vera Teresa. **O legado educacional do Século XIX**. Araraquara, FCLAR, 1999.

_____. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2000.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMÓND, René. (org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SOUZA-CHALOPA, Rosa Fátima. **Templos de civilização: A implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Unesp, 1999.

_____. Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, Marcus Vinícius (org). **Ideário e imagens da educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____; VALDEMARIN, V. **A cultura escolar em debate: questões metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, p. 163-189, 2007.

_____. **História da organização do trabalho escolar do currículo no século XX: ensino primário e secundário**. São Paulo: Cortez, 2012.

VALDEMARIN, Vera. **O Liberalismo Demiurgo: Estudo sobre a reforma educacional projetada nos Pareceres de Rui Barbosa**. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso**. São Paulo: Cortez, 2012.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

_____. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Penguin - Cia das Letras, 2012.

IDENTIDADE VISUAL E DIAGRAMAÇÃO
Carlos Gabriel Ferreira